

DANIEL BURKHARD

NOVA
CONSCIÊNCIA
ALTRUÍSMO E LIBERDADE



ANTROPOSÓFICA

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

**NOVA
CONSCIÊNCIA
ALTRUÍSMO E LIBERDADE**

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Direitos desta edição reservados à
Editora Antroposófica Ltda
www.antroposofica.com.br — editora@antroposofica.com.br
Rua da Fraternidade, 180 — 04738-020 São Paulo, SP
Tel: Fax(11) 5687-9714

Preparação de texto: Luciana Soares da Silva
Revisão: Jonas Bach
Diagramação: Raul Gonzalez
Capa: Raul Gonzalez

ISBN 978-85-7122-257-1

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Burkhard, Daniel
Nova Consciência: Altruísmo e Liberdade
Daniel Burkhard. São Paulo: Antroposófica, 2015

ISBN 978-85-7122-257-1

1. Altruísmo 2. Antroposofia 3. Consciência
4. Desenvolvimento organizacional 5. Desenvolvimento pessoal
6. Espiritualidade 7. Evolução humana

I. Título

15-09534

CDD-299.935

Índices para catálogo sistemático

1. Desenvolvimento humano: Antroposofia 299.935

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

**NOVA
CONSCIÊNCIA
ALTRUÍSMO E LIBERDADE**

DANIEL BURKHARD



ANTROPOSÓFICA

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

SUMÁRIO

Prefácio	9
Primeira Parte	
1. Introdução	11
Criando uma imagem.....	13
2. O que entendemos por nova consciência?	17
3. Quais são as características e os desafios da nova consciência?.....	21
Passagem pelo limiar	22
Evolução da consciência	24
O desenvolvimento da nova consciência no contexto global ..	27
4. Alguns fenômenos observados	30
Alma da consciência e saúde.....	30
Alma da consciência e educação.....	31
Alma da consciência e amor.....	32
Alma da consciência e trabalho biográfico.....	33
Alma da consciência e autoconhecimento.....	33
Alma da consciência e oração	34
5. Sobre o egoísmo.....	35
Impulsos sociais e antissociais no homem	35
O egoísmo.....	38
6. A atuação das forças adversas	42
A atuação das contraforças na Humanidade.....	42
Visão global do desenvolvimento anímico-espiritual.....	46
O lado noturno do processo	49
Visão para o futuro.....	50
Resumo	52

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

7. O que urge	53
A compreensão social do homem	55
Liberdade no pensar	56
Reconhecimento espiritual	57
Segunda Parte	
8. A escola do altruísmo	59
Um esclarecimento	59
As peculiaridades do social	59
Uma reflexão	60
Qual é o impulso central da escola do altruísmo?	61
Quais são os objetivos da escola do altruísmo?	64
Por que o nome escola do altruísmo?	64
Localizando a atuação da escola	65
Que tipo de apoio a escola quer dar?	67
Quem são os potenciais clientes imediatos da escola do altruísmo?	71
Quais são as atividades concretas da escola do altruísmo?	72
9. Uma nova didática	73
Princípio básico de aprendizado	73
A situação atual da nossa consciência	77
Um ponto de partida	78
Outros pensamentos básicos	79
Alguns exemplos concretos para um programa de formação	81
10. A estratégia de implantação das escolas	89
Condições gerais	89
Realização do projeto	90
Criação do movimento	91
Financiamento	91
O começo do começo	92

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

11. O nome da escola.....	93
12. Palavras finais.....	95
13. Anexos.....	97
Anexo 1: Esclarecimentos.....	97
O que é GA.....	97
Rudolf Steiner (1861-1925).....	97
Antroposofia.....	98
Mistério de Gólgota.....	98
Trimembração do organismo social.....	99
Anexo 2: Sintomatologia da história.....	101
Anexo 3 – Etapas preliminares do Mistério de Gólgota.....	114
Anexo 4 – O aspecto interno do enigma social.....	117
Anexo 5 – O aspecto interno do enigma social.....	118
Os dois caminhos para Cristo.....	118
Anexo 6 – Metamorfoses da vida anímica.....	125
Anexo 7 – Metamorfoses da vida anímica.....	151
Anexo 8 – Metamorfoses da vida anímica.....	183
Anexo 9 – A ponte entre a espiritualidade do mundo e o âmbito físico do ser humano.....	202
Anexo 10 – A ponte entre a espiritualidade do mundo e o âmbito físico do ser humano.....	221
14. Bibliografia.....	239

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Prefácio

Assim que voltei ao Brasil em 1975, após passar dois anos no *Nederlands Pedagogisch Instituut*, na Holanda, onde me tornei Consultor do Desenvolvimento Organizacional com base na Antroposofia, senti certa dificuldade de me comunicar com os empresários brasileiros. Toda a bagagem que trouxe da Holanda precisava ser traduzida e adaptada à mentalidade e ao linguajar dos empresários locais, para quem, naquela época, a ideia de uma empresa humanizada gerava desconfiança, ainda mais quando se falava de espiritualidade, liderança participativa, proteção ambiental e responsabilidade social das empresas. Em algumas ocasiões, sentia-me um pregador no deserto.

Mas o ambiente empresarial evoluiu, e eu também amadureci. Em 1988 fiz uma nova tentativa por meio da fundação da ADIGO Consultores. Desta vez minha empreitada deu certo.

Encontrei na pessoa do Jair Moggi, que já vinha de uma carreira executiva brilhante, o meu primeiro sócio.

Jair trouxe qualidades que me faltavam e, dessa maneira, formamos uma dupla cujas competências se completavam.

Escrevemos juntos vários livros e podemos dizer que três deles, em termos espirituais, foram uma preparação para o livro atual. São eles:

*Espírito transformador,
Como integrar liderança e espiritualidade e
O capital espiritual da empresa.*

A vinda de Alberto Barros em 1990 e de Bernardo Walzberg em 1994 trouxe novas forças e competências para a ADIGO.

Todos compartilhavam da mesma visão de mundo e dos mesmos objetivos.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

A atuação desse quarteto passou a tornar-se visível e, a partir de 1996, a ADIGO começou a expandir-se e a atrair excelentes profissionais como novos sócios.

O trabalho vingou tanto que em 2000, 12 anos após sua fundação, a empresa não conseguiu mais atender a todos os pedidos de seus potenciais clientes. De um lado, sentimos a pressão dos clientes por mais horas de atendimento e, de outro, os pedidos insistentes de profissionais que queriam aprender com a ADIGO a maneira dela de fazer consultoria. A pressão dos dois lados nos levou a fundar o Instituto Eco Social, que conta hoje com 40 consultores, os quais trabalham, assim como a ADIGO, a partir de uma visão de mundo antro-posófica. Atualmente, o Instituto Eco Social trabalha de modo totalmente independente da ADIGO.

Nele nasceu o projeto Germinar, o qual visa treinar líderes comunitários em todo o Brasil a partir da mesma visão de mundo, independentemente de qualquer viés político ou confessional.

Em 2013, a ADIGO festejou 25 anos de existência. Na atualidade, muitas pessoas têm questões sobre espiritualidade, o sentido da vida, questões biográficas, a renovação de valores e de paradigmas, novos estilos de vida e de liderança etc. É o sinal do advento de uma nova consciência.

Essa percepção me encorajou a escrever o que segue, sempre orientado pela Antroposofia, na esperança de poder contribuir para a orientação dessa nova fase de evolução da nossa consciência, que engloba tanto o lado material como o lado espiritual de nossas vidas, e de nos tornarmos dignos de utilizar a expressão “ser humano”.

Florianópolis, 07 de setembro de 2015.

Primeira Parte

1. Introdução

A consciência humana encontra-se em constante evolução. Essa evolução acontece em épocas culturais distintas, conforme leis cósmicas. Cada época cultural tem seu advento, seu florescimento, sua glória e sua decadência. Dessa maneira, a nossa consciência atual, que valoriza o intelecto e desenvolveu a ciência moderna, é apenas uma passagem para consciências mais evoluídas (ver Anexo 1).

Cada época cultural tem uma missão, uma contribuição para a evolução da consciência da Humanidade como um todo. Uma época cultural tem a duração de 2.160 anos. Isso corresponde a um avanço do solstício no cosmo de 30 graus, de um signo do zodíaco para outro. Doze signos correspondem ao zodíaco completo, e o solstício passa pelos 12 signos uma vez a cada 25.920 anos (ano platônico). Assim, podemos dizer que a evolução da consciência da Humanidade obedece ao tempo e à velocidade de um grande relógio cósmico.

Quando uma época cultural deixa sua missão de lado e envereda para caminhos que estão em desacordo com o sentido da evolução, um desequilíbrio no cosmo é gerado. Esse desequilíbrio leva a tensões cósmicas que precisam passar por um processo de harmonização. Essa harmonização acontece por meio de eventos de catarse, geralmente bastante dolorosos: guerras, revoluções, catástrofes naturais e epidemias de doenças e de pragas, por exemplo.

A nossa época cultural, que teve início no século XV e tem duração de 2.160 anos, já registrou grandes sucessos em relação ao conhecimento do mundo físico, o que é expresso por meio da ciência moderna.

No entanto, o pensamento intelectual, fundamento da ciência moderna, não consegue captar o mistério do ser humano. Por meio da força do intelecto, a ciência moderna é capaz de desvendar apenas os segredos do corpo físico, o qual é sujeito à morte e representa só uma parte do ser humano, mas a realidade anímica e espiritual não pode ser entendida pelo intelecto. E, sem uma visão espiritual, não é possível desvendar o mistério do homem nem solucionar a questão social.

A Antroposofia de Rudolf Steiner (1861-1925) nos oferece essa visão espiritual, e é nela que a argumentação deste livro está apoiada.

Ao reconhecer o homem em sua totalidade, é possível entender o sentido de nossa existência e os rumos que a Humanidade deve tomar em direção ao futuro.

Considerando apenas o que pode ser comprovado historicamente, temos as seguintes épocas culturais:

- egípcia (de 2907 a.C. a 747 a.C.) – desenvolveu a alma da sensação; na biografia humana corresponde ao setênio de 21 a 28 anos;
- grego-romana (de 747 a.C. a 1413 d.C.) – desenvolveu a alma da razão e da índole; na biografia humana corresponde ao setênio de 28 a 35 anos;
- europeia (de 1413 a 3573) – está desenvolvendo a alma da consciência; na biografia humana corresponde ao setênio de 35 a 42 anos.

Segundo Rudolf Steiner, a evolução da alma da consciência corresponde a uma travessia sem igual na história da Humanidade. Naturalmente cada época é uma travessia de um estado

de consciência a outro, mas a passagem pela alma da consciência é especialmente dramática devido ao fato de a Humanidade ter alcançado um grau de liberdade tal que os deuses que a guiaram até aqui estão se retirando de cena. Dessa maneira, a Humanidade define cada vez mais o próprio destino.

Criando uma imagem

O que temos perante nós é uma grande travessia no tempo. Partimos de terra firme, a alma da razão e da índole, na qual o pensamento racional predomina, pensamento este desenvolvido nos últimos 2.000 anos e que, por essa razão, nos oferece segurança. Mas o tempo avança inexoravelmente, e a alma da razão passa a não corresponder mais às novas necessidades da evolução do ser humano.

Partimos em 1413 rumo ao desconhecido, em direção a uma nova era e a uma nova terra prometida, atravessando terrenos cheios de surpresas e perigos.

A travessia é árdua e não existe trilha pré-determinada. Encontramos muitos obstáculos, como pântanos, mar revolto, deserto causticante e florestas tão densas que torna impossível achar uma direção a seguir. Em cada uma dessas paisagens nos deparamos com monstros que querem nos devorar ou nos desviar da rota, fazendo de tudo para que não encontremos a terra prometida. Eles fazem parte da criação, mas não querem a evolução da consciência humana. Esses monstros não se apresentam com clareza, costumam estar camuflados, mas podemos sentir muito bem as consequências de sua atuação. A fim de esclarecer do que se trata, vamos enumerar algumas dessas consequências:

- corrupção;
- luta pelo poder;

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

- disputa;
- propaganda enganosa;
- competição desleal;
- ganância;
- traição;
- falcatruas;
- chantagem;
- falsidade;
- inveja;
- mentira.

A mentira é a consequência desses monstros mais difundida de todas. Ela tomou conta das nossas interações por meio do politicamente correto ou simplesmente pela conveniência pessoal.

Esse é o lamaçal no qual nos encontramos, e existe o perigo de nos afundarmos nele.

Mas durante nossa travessia certamente também teremos momentos de grande alegria, por exemplo estar no topo de uma montanha e encontrar outros seres humanos que fizeram o mesmo esforço que nós para chegar lá, talvez com o objetivo de visualizar uma melhor paisagem a partir dali. Talvez olhemos juntos para trás no intuito de constatar quanto já caminhamos e quanto já nos transformamos. E talvez juntos descubramos que a maior alegria que pode existir para um ser humano é saber que não se está sozinho e que se está no caminho certo rumo ao grande objetivo que é a conquista da dignidade de um ser humano livre.

Contudo, atualmente a nossa situação é bastante crítica. Considerando o objetivo da nossa travessia, parece que os seres humanos enlouqueceram, pois:

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

- estão sujando a água que necessitam beber;
- estão poluindo o ar que precisam respirar;
- estão envenenando os alimentos que comem;
- estão destruindo a natureza da qual dependem para viver;
- estão sempre com pressa, um atrapalhando o outro em uma corrida não se sabe para onde;
- parecem sonâmbulos e não enxergam as consequências dos próprios atos;
- enfeitiçados por uma estranha compulsão;. estão empenha-dos em uma corrida obstinada por dinheiro visando apenas o consumismo;
- seduzidos por propagandas barulhentas e enganosas, compram objetos sem precisar deles, para descartá-los logo em seguida, o que alimenta enormes lixões, os quais poluem a Terra, intensificando assim a destruição da natureza (terra, água, ar);
- estão inviabilizando completamente o espaço vital para as futuras gerações.

Com essa cultura de morte, os seres humanos vão encalhar no meio da travessia e perder o objetivo que dá sentido à sua própria existência.

Assistimos aos descabros e nos sentimos impotentes para mudar qualquer coisa. Ao final da Primeira Grande Guerra, Rudolf Steiner já previu a Segunda Grande Guerra, que não tardou a acontecer. E ele também previu que a Humanidade será empurrada para uma guerra de todos contra todos, em âmbito global, se não conseguirmos mudar de direção. Desde essa previsão as coisas apenas se acentuaram, e os sinais da guerra de todos contra todos tornam-se cada vez mais nítidos.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Mahatma Gandhi enxergou essa situação com muita clareza ao enumerar os sete pecados capitais de uma sociedade, que são:

- 1 – política sem princípios;
- 2 – riqueza sem trabalho;
- 3 – comércio sem moral;
- 4 – educação sem caráter;
- 5 – divertimento sem consciência;
- 6 – ciências sem Humanidade;
- 7 – adoração sem disposição para o sacrifício.

Por trás de todos os itens há três monstros atuando na nos-sa sociedade atual, em conjunto ou separadamente: o mate-rialismo, o egoísmo e a perda dos preceitos morais (em épocas anteriores, os monstros eram outros).

O caminho que descrevemos é a aventura da Humanidade para desenvolver a alma da consciência, a qual precisa supe-rar o pensamento racional, abandonando as velhas certezas, no intuito de conquistar uma nova consciência, uma nova rea-lidade e um novo mundo. O intelecto do qual nos orgulhamos tanto já chegou à sua maturação e não tem condições de evo-luir mais. Quem obtém as próprias verdades com base apenas no intelecto está sentado num galho seco da árvore da vida. Precisamos dar um salto quântico na evolução da consciência humana. Precisamos dar um salto, mas a Humanidade con-tinua presa aos preceitos do passado, os quais já não são ca-pazes de suportar a sua evolução. Faz-se necessário um forte impulso espiritual, que deve servir de bússola, sem a qual a Humanidade não terá chance de encontrar o rumo certo.

Em seguida vamos analisar as seguintes questões: O que é a nova consciência?

Quais os desafios da nova consciência?

Quais as causas do egoísmo e do materialismo?

Como lidar com o egoísmo e o materialismo?

O que fazer concretamente? Por onde começar?

2. O que entendemos por nova consciência?

A época da alma da consciência teve início em 1413 e terminará em 3573. Trata-se de um período de transição entre a época da alma racional (de 747 a.C. a 1413 d.C.) e a época da personalidade espiritual (de 3573 a 5733).

Na época da alma da consciência aconteceram e acontecerão profundas alterações na consciência humana, as quais se-rão expressas inclusive na fisionomia das pessoas.

A alma racional, inaugurada com os filósofos gregos, nos despertou para o mundo externo por meio da observação minuciosa do que nos cerca. O resultado disso foi o pensamento lógico racional, o poder do intelecto, que é o fundamento para a nossa ciência moderna.

O fruto maduro da alma racional é a sensação de liberdade.

O sentimento básico da alma da razão é:

“Somos a coroação da natureza. Não existe mais nada acima de nós, e o que nos orienta são as descobertas científicas, li-vres de crenças e de preceitos morais. Com novas tecnologias resolveremos qualquer problema que possa aparecer”.

Até a época de nossos avôs ou pais, a convivência humana era guiada, de um lado, por preceitos morais e, de outro, por laços instintivos de sangue.

As igrejas tinham a grande tarefa de educar, orientar e controlar o comportamento humano, por meio dos conceitos ameaçadores de pecado e inferno. Atualmente, na época da alma da consciência, esses guias desapareceram ou não têm mais credibilidade.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

A tribo desapareceu, a grande família desapareceu, a pequena família, como esteio da sociedade, está em crise e prestes a ruir, e o indivíduo encontra-se sozinho no mundo, desamparado de tudo que o carregava e orientava no passado.

Nessa solidão, ele começa a olhar para dentro de si, a fim de achar o amparo e a segurança interiores necessários à sua vida. Livre e responsável pela própria vida. Para muitas pessoas, isso gera uma insegurança e um medo inconscientes, que as deixam na defensiva contra qualquer nova ideia.

A quintessência da alma racional foi expressa nas palavras de René Descartes, ou Cartesius (1596 a 1650): *Penso, ergo sum* (Penso, logo existo).

Desde o emergir da filosofia grega, o homem aprendeu a pensar de maneira ordenada. A lógica que ele consegue construir em seu pensamento lhe dá segurança em sua existência. A alma racional busca segurança em seu pensar. Penso logo existo.

Porém, na virada do século XIX para o XX, o paradigma estabelecido por Cartesius começa a balançar. Um número crescente de pessoas começa a descobrir que o seu pensar não é idêntico à sua individualidade. Rumo ao seu interior, essas pessoas descobriram em si uma instância que consegue observar o próprio pensamento. Portanto, a afirmação de Cartesius começa a não ser mais considerada correta, e isso tem consequências enormes para o indivíduo e a sociedade como um todo. Mas que instância é essa com condições de observar o próprio pensamento?

Como resposta a essa pergunta, no início do século XX surge a Psicanálise, com Sigmund Freud. Freud descobriu a estrutura trinária da psique humana, o Id, o Ego e o Superego, e

a luta entre eles, que acontece em cada psique humana. Para Freud, o grande motor da psique do homem é a libido.

Jung, discípulo de Freud, separou-se dele e traçou o próprio caminho ao criar a psicologia analítica, descobrindo os arqué-tipos no inconsciente coletivo, o processo de individuação, entre outros.

Freud trabalhava com o Ego; Jung trabalhava com o Self, o qual já trazia qualidades espirituais.

Por sua vez, Rudolf Steiner, com sua capacidade clarividente, descreveu a identidade humana em seu constante processo de desenvolvimento com bastante clareza. Ele descreveu o próprio eu, que, como entidade espiritual passando por muitas encarnações, começa a despertar e a se dar conta de nossa condução interior na quinta época cultural, a nossa.

Até este momento, o que nos conduziu foi o nosso Ego, que nos fornece a nossa autoconsciência. Esse Ego é um eu substituído formado pelo contato com o mundo fora de nós por meio dos nossos sentidos e da nossa memória. No momento em que perdemos a nossa memória, o Ego se apaga. Com o eu é diferente. Ele ainda é um nenê, mas deverá amadurecer ao longo do período de desenvolvimento da alma da consciência e assumir cada vez mais a condução de nossas vidas. À medida que for amadurecendo, não terá apenas consciência do mundo físico, mas também do mundo suprasensível, e descobrirá a perenidade da própria existência. O eu individualizado existe desde o Mistério de Gólgota. Anteriormente, o eu das pessoas se encontrava no eu grupal. Como exemplo, temos o povo judeu, cujo eu era encontrado no pai Abraão. Esse processo de individuação do eu é válido para todos os Seres Humanos, independentemente de religião, raça e cor (Cristo veio para todo ser humano).

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Enquanto a alma da sensação e a alma da razão se prendem aos fatos externos, a alma da consciência busca a realidade de seu próprio Ser.

Já a quintessência da personalidade espiritual, em direção à qual estamos navegando, pode ser sintetizada com as seguintes palavras: Amo, *ergo sum* (Amo, logo existo).

Portanto, a nossa expedição caminha do penso, *ergo sum* para o amo, *ergo sum*.

O grande desafio da alma da consciência é substituir o Ego, cuja existência depende do apego às coisas, pelo eu, que existe por si só.

Ao final da época da alma da razão, ganhamos como fruto a autoconsciência na forma do Ego e, como consequência, a liberdade. Mas a liberdade apresenta uma existência duradou-ra somente quando tem como ambiente o amor. A liberdade sem amor apresenta uma existência curta. No entanto, com a nossa consciência, conquistamos o conceito de liberdade como um bem que não nos deve ser tirado mais. Muitos já sacrificaram a vida pela liberdade.

Porém a liberdade tem dois lados: a liberdade exterior e a liberdade interior.

A liberdade exterior pressupõe a ausência do exercício de poder de uns sobre os outros. É a liberdade para mim e para os outros, mediante valores e limites estabelecidos em conjunto. Viver e deixar viver. A liberdade exterior nos torna independentes dos deuses antigos, das crenças, das normas e dos mandamentos da religião, dos discursos tediosos dos falsos moralistas etc. Descobrimos as leis da natureza e construímos máquinas que executam o trabalho pesado e nos deixam livres para fazer coisas mais criativas.

Por sua vez, a liberdade interior será conquistada quando conseguirmos controlar os impulsos e as cobiças e decidir livremente a partir de nosso eu, e não mais de nosso Ego.

3. Quais são as características e os desafios da nova consciência?

O calcanhar de Aquiles da alma da razão é o pensamento materialista que nega a realidade espiritual, a qual corresponde à outra metade da realidade global de nossa existência. Nesse sentido, a visão materialista se revela cada vez mais como um preconceito dogmático que não conseguirá se manter perante os eventos que estão emergindo na alma humana. A crença materialista não procura entender a outra metade de nossa existência, o lado espiritual, e simplesmente nega a sua existência. Mas apenas somos inteiros quando fazemos parte dos dois mundos: o espiritual e o material.

A discussão acalorada entre criacionistas e evolucionistas é uma típica discussão da alma racional, uma discussão infrutífera: para a ciência materialista o homem não passa de um animal racional, e os criacionistas defendem as informações presentes na Bíblia, de acordo com sua própria interpretação, e mostram uma atitude bastante fundamentalista. Lamentavelmente não conseguem elevar a visão acima de seu dogma unilateral, a ponto de descobrir que os dois têm parte da verdade, mas apenas parte.

A verdade em si pode ser encontrada com o advento do pensamento holístico, ou integrado, que encontra no homem seu lado material e seu lado espiritual. O pensamento integrado é a primeira porteira para a alma da consciência.

A conquista da alma da consciência é o grande teste da Humanidade no intuito de criar as condições para prosseguir em seu desenvolvimento sem a interferência direta dos deuses, os quais a conduziram até aqui. Hoje a nossa liberdade exterior chegou a tal ponto que podemos decidir inclusive a nossa própria extinção.

Mas ainda não conquistamos a liberdade interior. Somos ainda guiados por cobiças, compulsões, vaidades, mentiras etc., que se manifestam com ímpeto crescente por causa da

perda dos preceitos morais. Rudolf Steiner revela que a tarefa da época da alma da consciência é elevar nosso lado instintivo para a clara consciência. Esse fato torna a nossa travessia especialmente perigosa, porque não somos mais guiados pelos deuses, mas, até desenvolvermos a consciência necessária, somos guiados por nossos egos, impulsos e cobiças, os quais ainda não aprendemos a conduzir de maneira consciente e os quais se manifestam no âmbito social de maneira cada vez mais descarada, conforme mostrado na introdução.

Conforme Rudolf Steiner, os fenômenos com os quais a alma da consciência tem de lidar são:

- o egoísmo exacerbado;
- o isolamento social – solidão;
- a inclinação para o mal (ver Anexo 2).

Passagem pelo limiar

Em outra revelação, Rudolf Steiner diz que a Humanidade começou a passar pelo limiar em 1848, mas que continua dormindo e, caso não acorde logo, passará por grandes sofrimentos.

Na passagem pelo limiar, as três forças anímicas “pensar, sentir e querer”, que na Terra são unificadas pelo corpo físico, começam a se separar.

Isso aumentará enormemente a nossa consciência cognitiva, mas, à medida que essas forças começarem a se libertar de sua união natural, elas precisarão ser integradas por um eu forte e autoconsciente.

Em outras palavras: o que acontecia naturalmente antes da passagem pelo limiar, por meio do corpo físico, precisa ser assumido de maneira consciente pelo eu. Se o eu não despertar e assumir a sua função, a cabeça, o coração e os membros do homem deixa-

rão de funcionar de maneira coordenada, e teremos todo tipo de perturbação e sofrimento, cujos sinais enxergamos em todo lugar.

Nas palavras de Rudolf Steiner:

Atualmente estamos passando, de maneira inconsciente, por um limiar que o vidente pode enxergar com clareza. Passando pelo limiar, Pensar, Sentir e Querer se separam gradativamente. Isso nos obriga a achar formas de estruturação da vida externa que estejam de acordo com a mudança interna. Devido à independização do pensar precisamos criar uma situação externa que permita a expressão sadia do pensar, uma situação externa que permita o livre desenvolvimen-to do sentir e uma situação externa que permita uma livre atuação do querer. O que na vida pública atual acontece de maneira caótica precisa ser estruturado em três áreas distintas. Essas três áreas distin-tas são a vida econômica, a vida jurídica e a vida cultural/espiritual. A exigência para uma trimembração do organismo social tem como fundamento o segredo espiritual da evolução da Humanidade atual. Não pensem que a trimembração do organismo social seja uma in-venção pessoal. Ela é fruto da mais íntima observação da evolução humana e daquilo que tem que acontecer se não quisermos perder o objetivo dessa evolução.

Encontramo-nos na atual miséria da guerra porque existiu a dificuldade de reconhecer qualquer objetivo espiritual, algo de que as pessoas não queriam nem ouvir falar. Mas precisamos nos desvencilhar dessa situação. O processo da evolução da humanidade exige que nos esforcemos para sair desse caos. Acredito que somente tem condições de compreender a necessidade da trimembração do organismo social de uma maneira mais profunda quem já adquiriu uma sensibilida-de antropológica e uma visão do que realmente está acontecendo na evolução humana. Atualmente as pessoas querem apenas ocupar-se dos problemas mais imediatos e não querem saber dos segredos mais profundos da evolução humana.

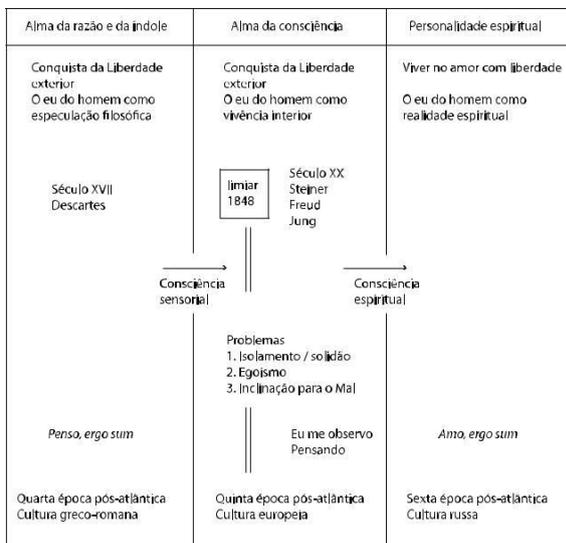
O coração de quem enxerga fica entristecido ao ver que a Humanida-

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

de rejeita aquilo de que ela mais precisa. Mas não podemos ficar parados perante esses sentimentos. Podemos dizer que todo pessimismo está errado. Mas isso não quer dizer que todo otimismo está certo. O que importa é o apelo para a vontade, a vontade de querer atuar pela evolução da Humanidade. Disso devemos nos conscientizar sempre e de novo. Os velhos tempos já passaram. Somente conseguimos nos relacionar corretamente com o presente ao deixar os velhos tempos para trás. Mas o tempo novo não nos permite olhar para ele sem espiritualidade. Não devemos nos enganar pensando que podemos levar coisas que amamos dos velhos tempos para os novos. Precisamos desenvolver pensamentos novos que sejam efetivos para os novos tempos (GA 193, Palestra 6, Berlim, 12 set. 1919 – tradução livre).

O esquema a seguir mostra um resumo do que foi apresentado até aqui.

Evolução da consciência



747 a.C. → 14 13 d. C. → 35 73 d. C. → 57 33 d. C.

Conforme é possível verificar nesse esquema, o desenvolvimento da alma da consciência é uma fase de transição da personalidade racional para a personalidade espiritual.

A fim de que a Humanidade possa seguir o rumo do desenvolvimento e alcançar a próxima época cultural, a alma da consciência tem de superar os seguintes desafios:

1. Conquistar uma visão espiritual do ser humano e superar o materialismo.
2. Conquistar uma visão espiritual do mundo, a fim de entender os fenômenos e as tendências com base em uma visão global e integrada, que engloba a vida físico-econômica, anímico-social e espiritual-cultural.
3. Trazer o inconsciente instintivo de nossa natureza à luz da consciência e transformá-lo em virtudes.
4. Aprender a lidar com o egoísmo e a solidão.
5. Conquistar a **liberdade interior** (na alma racional tem-se a **liberdade exterior**).
6. Conhecer e entender o mistério da morte.
7. Conhecer e entender o mistério do mal.
8. Estabelecer contato consciente com o Eu superior.
9. Abrir-se para o encontro com Cristo no mundo etérico.
10. Desenvolver a consciência para a realidade do carma.

Ao assumir de maneira consciente esses desafios, o homem amadurecerá a tal ponto que a trimembração do organismo social poderá tornar-se realidade.

Nas próximas páginas, tentamos mostrar (por meio das bolinhas presentes no lado esquerdo) que a nossa autoconsciência passou a abranger gradativamente as forças do pensar na alma da sensação, as forças do sentir na alma da razão e da índole e as forças do corpo físico na alma da consciência.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Também será possível observar como alguns aspectos de nosso Ser evoluem de uma época para outra. Quando esse processo chegar à emancipação do pensar, do sentir e do querer por meio do domínio das forças ligadas ao corpo, o Eu soberano escreverá a sinfonia de nossa vida, tocada por essas três cordas da alma. A qualidade do som dependerá da qualidade com a qual o instrumento das três almas tiver sido elaborado.

Ao conquistar a liberdade devemos decidir se queremos orientar a nossa vida com base nos paradigmas unilaterais materialistas ou os paradigmas de uma visão mais abrangente, a qual engloba o lado material e o lado espiritual da nossa existência.

Trata-se da chamada separação dos espíritos, um fenômeno central no processo do desenvolvimento da alma da consciência. A separação dos espíritos também é descrita na Bíblia, no Apocalipse de São João.

Na coluna A iremos encontrar alguns paradigmas que orientam a visão materialista.

Na coluna B, as consequências que esses paradigmas provocam na sociedade e que podem ser observados diariamente.

Na coluna C, estão enumerados alguns dos desafios da alma da consciência, como acabamos de fazer, os quais têm o objetivo de atuar como força sanativa.

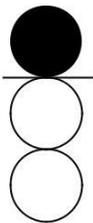
Além disso, os seguintes anexos nos dão uma compreensão mais profunda das características de cada fase de desenvolvimento da alma:

“Anexo 6: A missão da ira” (para o desenvolvimento da alma da sensação).

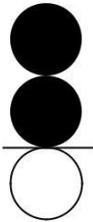
“Anexo 7: A missão da verdade” (para o desenvolvimento da alma da razão e da índole).

“Anexo 8: A missão da reverência” (para o desenvolvimento da alma da consciência).

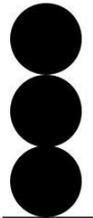
O desenvolvimento da nova consciência no contexto global



Alma da sensação (de 2907 a.C. a 747 a.C.)
A autoconsciência abrange a cabeça
Ocorre a emancipação do pensar
O eu, recém-emancipado, ainda é frágil
Mundo do Pai → sentidos
Forças do corpo astral
Lida-se com emoções e cobiças (consciente, mas negado)
Figura do centauro
A missão da ira (ver Anexo 6)



Alma da razão e da índole (de 747 a.C. a 1413 d.C.)
A autoconsciência abrange o tórax
Ocorre a emancipação do sentir
O eu já atinge certa maturidade
Mundo do Filho
Forças do corpo etérico
Lida-se com impulsos (com o subconsciente)
Figura do cavaleiro
A missão da verdade (ver Anexo 7)
Mistério de Gólgota



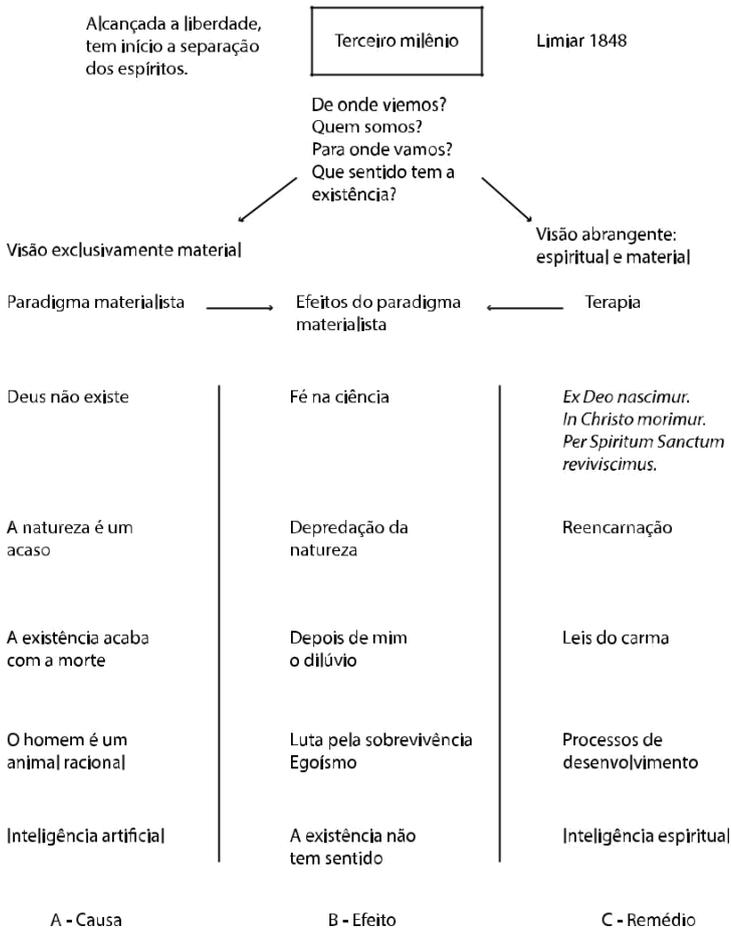
Alma da consciência (de 1413 d. C. a 3573 d. C.)
A autoconsciência abrange o metabolismo e os membros
Ocorre a emancipação do querer
Mundo do Espírito Santo
Forças do corpo etérico
Lida-se com instintos (com o subconsciente)
Figura do peregrino
A missão da reverência (ver Anexo 8)
Alcançamos a liberdade
Cristo no mundo etérico



VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA



A ira deve ser vencida na alma da sensação.
 A verdade deve permear a alma da razão e da índole.
 A reverência jorra de dentro do próprio eu, que sente a vontade de se ligar com o desconhecido.



VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Na coluna A estão as ideias como elas são defendidas ainda hoje por muitos cientistas.

A coluna B apresenta os problemas causados pelas ideias unilaterais materialistas na convivência humana.

Por sua vez, a coluna C demonstra o possível efeito sanativo que uma visão espiritual abrangente, que inclui o lado mate-rial, pode ter sobre os problemas.

- Quem somos ?
- De onde viemos?
- Para onde vamos?
- Que sentido tem?

Da resposta a essas quatro perguntas cardeais não dependem apenas a nossa vida e o nosso destino individual, mas dependem também toda a nossa convivência e a relação que criamos com o nosso planeta e com o cosmo. Da resposta a essas quatro perguntas depende o destino da Humanidade.

A fim de conhecer a essência de cada fase do desenvolvimento da alma humana, ver nos anexos as seguintes palestras de Rudolf Steiner:

- Anexo 6 (sobre a alma da sensação: A missão da ira);
- Anexo 7 (sobre a alma da razão e da índole: A missão da verdade);
- Anexo 8 (sobre a alma da consciência: A missão da reverência).

4. Alguns fenômenos observados¹

Alma da consciência e saúde

A alma racional enxerga o corpo físico como uma máquina. Diante de um problema de saúde, o paciente vai ao médico e espera que este o resolva. Conserta-se uma peça ou prescrevem-se medicamentos, os quais devem resolver o problema da forma mais rápida possível. O médico é a autoridade a ser obedecida, porque ele é responsável pelo processo de cura.

A especialização levou a uma situação curiosa: cada médico enxerga apenas o problema para o qual foi treinado. Ele prescreve medicamentos que geram efeitos colaterais e que podem prejudicar outros órgãos do paciente. Nesse caso, o paciente procura o especialista responsável pelo órgão prejudicado pelos efeitos colaterais, e assim por diante.

Com a medicina moderna, o paciente tornou-se um aglomerado de problemas específicos, e não existe mais quem enxergue o paciente como uma totalidade, em que tudo está integrado.

A fim de solucionar o problema, podemos verificar duas vertentes distintas, com qualidades de alma da consciência.

A primeira está relacionada a equipes multidisciplinares de hospitais, reunidas em torno de um paciente, na tentativa de achar a melhor forma de ajudá-lo.

A segunda tem a ver com os consultórios, nos quais a equipe multidisciplinar não é viável. No entanto, o paciente com a alma da consciência já mais desenvolvida sabe que ele é o causador do problema e, em primeiro lugar, busca mudanças no próprio estilo de vida, mudanças necessárias para o organismo poder reagir e se curar. Ele sabe que doença é cura de algo

¹ A meu ver, esses fenômenos são frutos da alma da consciência (Nota do Autor).

mais profundo. Ele assume a responsabilidade pelo processo de cura e procura o médico como conselheiro. Quem toma as decisões sobre o processo de cura é o paciente, acompanhado e aconselhado pelo profissional de saúde.

Alma da consciência e educação

Em relação à educação, a alma racional valoriza o conteúdo. O professor transmite informações aos alunos, que devem decorá-las e absorvê-las. Existe um programa a ser seguido, e os alunos são o meio para que o professor alcance as metas de transferência de conhecimento estabelecidas pela burocracia do Estado. Além disso, as metas valem para todos os alunos, independentemente da inteligência, das habilidades e do potencial de cada um, e a re-lação entre professor e aluno é vertical, de cima para baixo.

A alma da consciência procura individualizar o processo de aprendizado de cada aluno, de acordo com o potencial dele. O foco do processo de aprendizado não está no conteúdo, mas no aluno, e a interação do professor com seus alunos é horizontal. Atualmente, toda a informação está disponível na internet, a que o aluno tem acesso assim como o professor. Então o professor se torna parceiro do aluno e, por meio da troca de informações, eles aprendem juntos. Dessa forma, o papel do professor é radicalmente alterado e exige dele uma enorme mudança interior, a mudança do TER para o SER. O foco deixa de estar no conteúdo e desloca-se para o processo de aprendizado, para o diálogo com os alunos, diálogo sobre:

- como ordenar o conteúdo;
- como entender o significado mais profundo do conteúdo;
- a busca compartilhada pelo sentido (valores morais);
- como aplicar o conhecimento na vida concreta etc.

Alma da consciência e amor

O amor é o assunto em que o homem tem a maior probabilidade de se enganar e que exige a maior correção no âmbito social. Na consciência comum, o amor não espiritualizado que sentimos por outra pessoa não costuma ser o amor verdadeiro, mas apenas a imagem que temos do amor, o que não passa de uma grande ilusão. Esse amor é amor próprio projetado sobre o outro. O ser humano pensa amar outra pessoa quando na realidade ama a si próprio. Esse é um segredo de vida de enorme importância, porque aquilo que nós chamamos de amor geralmente não passa de um amor próprio mascarado de amor. Nesse engano reside uma potente fonte de impulsos antissociais. O homem se torna um Ser antissocial na medida em que ele se encerra em si próprio (GA 186, Dornach, 6 dez. 1918 – tradução livre).

Rudolf Steiner deu a seguinte definição para o amor da alma da consciência: “Amor é carregar o outro no coração com a objetividade de um problema matemático”.

Para um latino, essa parece uma afirmação muito fria, mas, considerando todas as outras qualidades da alma da consciência, chegaremos à conclusão de que essa afirmação é absolutamente coerente.

Em outra oportunidade, Rudolf Steiner revelou como entrar em contato com o amor espiritual. Por meio de:

Um profundo respeito pela individualidade do outro e um verdadeiro interesse pelo outro. Essas duas qualidades podem ser treinadas e, se o esforço for realmente honesto, o amor espiritual não tardará a aparecer como graça divina [...].

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Alma da consciência e trabalho biográfico

Quando Gudrun² e eu desenvolvemos a metodologia do trabalho biográfico, achamos importante que o mesmo aconteça em grupos. É no grupo que os participantes vivenciam a biografia dos outros e se deixam inspirar a fim de se conscientizar de sua própria história. Cada participante doa a própria história ao grupo, inspirando os outros, e o resultado é uma profunda admiração mútua e um verdadeiro amor cristão, que muitos talvez sintam pela primeira vez em suas vidas durante esse trabalho. Esse é o verdadeiro despertar para a alma da consciência, momento em que todos crescem além de seu tamanho natural.

Contudo, infelizmente muitos profissionais que participam do trabalho biográfico preferem levar os conhecimentos adquiridos ali para o conforto de seus consultórios e utilizar os conteúdos recebidos para terapia individual. Dessa maneira, retrocedem para a alma da razão, utilizando esse conteúdo como apenas mais um método.

Enxergo no trabalho biográfico em grupo uma enorme oportunidade de promover a alma da consciência para milhares e milhares de pessoas, pois treinar o profundo respeito pela individualidade do outro e o verdadeiro interesse pelo outro são exatamente as qualidades vivenciadas nesses grupos biográficos. O amor espiritual e a presença de Cristo são de fato vivenciados sem a necessidade da transmissão de conceitos abstratos sobre o assunto.

Alma da consciência e autoconhecimento

Ao longo da vida, o homem moderno passa por várias crises, as quais fazem parte do processo de desenvolvimento da alma da consciência. Essas crises acontecem quando a consciência do homem alcança um novo patamar, para o qual os paradigmas do pas-

² Gudrun Burkhard, esposa do autor, é autora do livro “Tomar a vida nas próprias mãos” que foi traduzido para 17 línguas (Editora Antroposófica, 2000).

sado, que até então haviam norteado a sua vida, não respondem mais às novas questões que estão emergindo em seu interior. No trabalho biográfico, trabalhamos com essas crises, que se tornam cada vez mais sutis à medida que avançamos na nossa biografia.

À medida que o Ego é crucificado, a nossa ligação com o mundo material vai se desfazendo. A correria por sucesso, a pressão por resultados, o jogo político e a mentira começam não ter mais sentido. Então percebemos que fomos seduzidos e levados a correr o dia inteiro com o intuito de ganhar dinheiro para poder comprar coisas de que não precisamos. Ficamos tristes, sofremos e sentimos solidão. Essa sucessão de eventos deve acontecer com qualquer pessoa que se encontre em um processo de evolução da consciência.

Os nossos valores vão se transformando e, à medida que se transformam, o nosso eu renasce mais consciente e com novas energias.

Alma da consciência e oração

Normalmente, a alma da razão e da índole faz da sua oração uma sessão de pedidos a Deus, ou a Cristo, ou a outra divindade, pedidos impulsionados pelas suas necessidades materiais ou espirituais.

Os beligerantes pedem a vitória sobre o inimigo. A criança pede a Deus uma bicicleta. O pai pede uma moto. A mãe pede uma nova geladeira. E assim por diante. Trata-se do EGO pedindo favores para si ou para os seus.

A alma da consciência leva a uma postura diferente na oração. Ela manifesta a gratidão pela vida, pelo amor que consegue sentir, pelo milagre da existência, e aceita de bom grado tudo que o destino lhe apresenta, por mais difícil que possa ser, sabendo que faz parte de seu processo de aprendizado e desenvolvimento.

5. Sobre o egoísmo

Impulsos sociais e antissociais no homem

A questão social não terá solução ou resposta sem um conhecimento mais profundo da natureza humana.

O homem é egoísta e, por essa razão, não consegue ter uma imagem real de si mesmo. Ele sempre vive em um mundo ilusório quando se trata dele mesmo.

Para o homem é difícil entender que ele é metade Ser social e metade Ser antissocial e que o antissocial luta com o social no intuito de ganhar a supremacia.

Vamos observar o pensar, o sentir e o querer do homem no que diz respeito à questão social. O pensar é uma poderosa fonte para nosso lado antissocial. O homem pensante é antissocial. Uma relação adequada de homem para homem é possível apenas quando dormimos, pois somente nesse estado somos um Ser social em nosso pensar. No momento em que acordamos desenvolvemos no pensar impulsos antissociais.

Podemos ser chauvinistas nacionalistas durante o dia, mas à noite, ao dormir, permanecemos com aqueles que mais detestamos, principalmente com o espírito do povo deles. O sono é um compensador social.

Outra corrente antissocial é aquela que, em nosso subconsciente, quer fazer o outro dormir em seu pensar. Isso não entra em nossa consciência comum, mas atua no homem como impulso antissocial. No fundo, cada pessoa que encontramos se torna um inimigo em nosso pensar. Diante do outro, precisamos proteger nosso pensar, o que nos torna antissociais em alto grau.

Isso implica que somente por meio da educação e de uma

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

severa disciplina interior podemos nos tornar sociais em nosso pensar. Sem o conhecimento desses fatos, não temos a mínima condição de abordar a questão social de maneira frutífera. Mas o homem não tem a inclinação de aceitar esse autoconhecimento e, quando o faz, ainda recorre ao subterfúgio de achar que ele é uma exceção. Acrescenta-se a isso que o homem da quinta época pós-atlântica baseia o desenvolvimento da alma da consciência no pensar, o que reforça o antissocialismo ao máximo.

O sentir do homem para homem possui características curiosas. Ele nos fornece uma sensação equivocada a respeito da outra pessoa. Em nosso subconsciente emerge uma sensação equivocada que devemos combater. Quem conhece a vida pode observar que pessoas que entram em contato com outras sem real interesse têm a tendência de falar negativamente sobre terceiros. O nosso subconsciente tende a falsificar a imagem que temos do outro, porque ele se baseia na simpatia ou na antipatia. À medida que conhecemos uma pessoa percebemos que devemos corrigir a nossa imagem substancialmente. Não existe um julgamento válido baseado na simpatia ou na antipatia.

Em nosso pensar, a vida nos leva naturalmente a nos defender do pensar dos outros, o que nos torna antissociais. Em nosso sentir, a vida nos conduz naturalmente a um julgamento baseado em simpatia e em antipatia, o que nos torna equivocados a respeito do outro.

De homem para homem, o querer é resultado de simpatia e antipatia elevado a atração ou aversão, o que se manifesta em comportamentos e atos, os quais revelam o grau do amor existente na interação. (GA 186, Palestra 4, Dorna-ch, 6 dez. 1918 – tradução livre).

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

O egoísmo é profundamente arraigado na natureza humana e é possível observá-lo inclusive no reino animal. Dois machos lutam pela posse de uma fêmea, dois urubus brigam pela posse de uma carniça, o galo mais forte espanta todos os con-correntes a fim de ser o dono do galinheiro.

Ultimamente tenho ouvido repetidamente uma expressão, que mais parece um dos modismos que aparecem e desaparecem. Ela diz o seguinte:

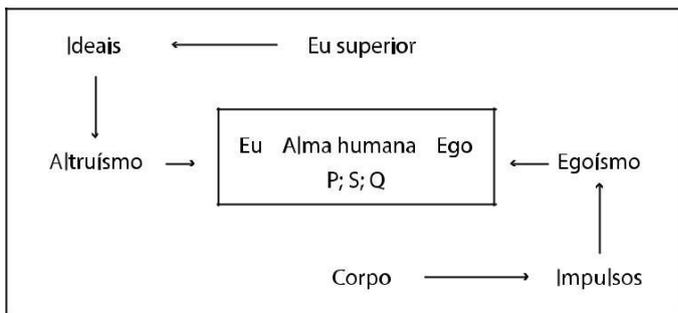
“O empreendedor deve ter instinto animal”.

Essa me parece uma expressão muito infeliz.

Se o empreendedor se deixar conduzir pelo instinto animal, todas as suas percepções da realidade se darão por meio do óculo do instinto animal, e as interpretações dos fatos percebidos não possuirão a necessária objetividade.

Com uma boa dose de altruísmo a fim de servir ao cliente e descobrir as reais necessidades dele, buscando sua plena satisfação, o empreendedor certamente terá mais sucesso a médio e longo prazo e construirá um futuro melhor para todos os envolvidos. Já o egoísmo o deixará cego, pois ele enxergará apenas a si mesmo e aos seus objetivos pessoais.

O altruísmo é uma qualidade eminentemente humana. O egoísmo nos puxa para a esfera animal. O cultivo do altruísmo exige um estado de atenção constante sobre nossos próprios impulsos, então fiquemos acordados.



O esquema quer ilustrar como o altruísmo é resultado de um conjunto de ideais humanos emanados do Eu superior, enquanto o egoísmo é um conjunto de impulsos naturais que emanam do corpo.

Todos temos o anjo e a besta dentro de nós. A nossa atuação e o nosso destino dependem da nossa habilidade para captar as mensagens de nosso eu superior e da capacidade de domar e conduzir nossos instintos e impulsos a fim de criar o equilí-brio entre ambos.

As indicações de Rudolf Steiner fornecem valiosa contribuição para a didática de um futuro treinamento do altruísmo.

O egoísmo

Por meio do desenvolvimento interior, o corpo astral do discípulo começa a se independizar dos outros invólucros e a manifestar suas características peculiares.

Mas quais são as características peculiares do corpo astral? Bem, meus amigos, muitos já ficaram chocados com a minha afirmação, mas a característica mais peculiar do corpo astral na Terra é o egoísmo, é o desejo de querer se isolar do resto do mundo e ficar apenas consigo mesmo.

Para o corpo astral seria péssimo, seria uma falha ele não poder se compenetrar com a força do egoísmo, ele não poder dizer para si mesmo: “Eu quero alcançar tudo por mim mesmo. Eu quero aproveitar todo meu trabalho para mim e cuidar de mim mesmo com todo zelo”.

Essa é a disposição certa do corpo astral. Levando isso em conta, é possível avaliar os perigos que um desenvolvimento interior pode trazer quando tentamos independizar o corpo astral do resto do organismo. Esse fenômeno pode ser observado em muitos círculos esotéricos, nos quais se fala bastante sobre altruísmo, mas nos quais, na realidade, floresce o egoísmo.

Costuma-se falar mais sobre princípios onde eles menos existem. Deveríamos falar sobre amor à Humanidade o menos possível, pois esse é um conceito a ser seguido naturalmente, sem ser propagado de modo especial.

Surge então a pergunta: “Como combinar a necessidade de amor à Humanidade com o fato de o corpo astral ser o egoísta absoluto?”

Vamos partir de exemplos concretos da vida cotidiana, em que o egoísmo se expande para objetos maiores. Podemos olhar para a relação de uma mãe com seu filho e verificar como o egoísmo se expande dela para ele. Quando o filho é atacado, a mãe vira uma fera e sente como se o ataque fosse contra ela. O seu Self é ampliado para o filho.

Nesse exemplo verificamos como a mãe inclui o filho no próprio Self, e não podemos imaginar coisa melhor para a ordem do mundo do que ver o egoísmo incluir outros seres no próprio Self e com isso ampliar a abrangência para outros seres. Podemos verificar como o egoísmo deixa de apresentar seu lado negativo, na medida em que incluímos os outros em nosso Self. As mães, quando expandem seu egoísmo para a criança, encaram-na como sua propriedade. Elas fazem como o corpo astral: tudo tem a ver comigo, para mim, por mim etc.

Podemos escolher um exemplo mais trivial do que o amor materno.

Vamos pensar em um homem que ama sua fazenda, seus campos, suas instalações e seus empregados tanto quanto ele ama seu próprio corpo – ele os encara como a extensão de seu próprio corpo. Ou em uma dama que ama seu vestido tanto quanto ama o que pertence ao próprio corpo. O Self se expande sobre as coisas ao redor, de modo que ele cuida, protege e cultiva aquilo que ele cobre com seu egoísmo. Isso pode ser algo muito positivo.

O que se chama amor pode ser algo muito egoísta. Ao olharmos para a vida cotidiana podemos verificar quantas vezes aquilo que chamamos amor é puro egoísmo. Por outro lado, um egoísmo expandido para além da pessoa pode ser bastante altruísta quando ele protege, cultiva, defende o que lhe pertence. Esses exemplos mostram que a vida não pode ser fixada por conceitos. Falamos de egoísmo e altruísmo e podemos desenvolver belas teorias a respeito, mas a vida real destrói a fixação em sistemas, porque quando o egoísmo se expande para além da pessoa, quando o interesse se expande para dimensões cada vez maiores, o egoísmo se torna altruísmo.

O corpo astral se deixa caracterizar como egoísta. A consequência disso é que cada desenvolvimento interior, que torna o corpo astral independente do resto do organismo, deve tornar o interesse do discípulo cada vez mais amplo. Quando o corpo astral deve ser independizado, o interesse dele deve expandir-se para toda a Humanidade e para a Terra toda. Os interesses da Humanidade devem tornar-se nossa causa, independentemente de parentesco, propriedade e família. Quando temos em nosso corpo astral interesse por todos os eventos terrestres, não apenas os de nosso tempo, mas os de todos os tempos, podemos nos entregar ao egoísmo de nosso corpo astral, mas a condição é que os interesses da Humanidade se tornem nossos interesses. (GA 145, Haia, 26 mar. 1913 – tradução livre).

O altruísmo é um conceito que pode ser interpretado de várias maneiras. Daremos uma interpretação diferente a ele dependendo do nosso ponto de vista (se filosófico, religioso, espiritual ou social). Utilizaremos o conceito espiritual/social como em toda a abordagem da escola do altruísmo.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Egoísmo		Altruísmo
Fechar-se em si mesmo		Abrir-se para os outros
Isolar-se		Conectar-se
Desinteresse	← Pensar →	Interesse
Apatia	← Sentir →	Empatia
Usurpação	← Querer →	Doação
Ausência		Presença

O egoísmo acontece espontaneamente na natureza humana atual. Já o altruísmo precisa ser exercitado. Ele é o indicador do grau de dignidade humana existente em uma sociedade.

O eu é uma afiada espada de dois gumes. De um lado ele pode conferir ao homem sua independência, sua liberdade interior, aquilo que o eleva no mais puro sentido da palavra, tornando-o cada vez mais divino.

Por outro lado, o eu é a causa de os homens se enrijecerem em si mesmos, de se tornarem cada vez mais egoístas.

A missão do planeta Terra, que se exprime por meio do amor, é que o eu humano aprenda a se defrontar livremente com outro eu humano.

Apenas quando cada eu é livre e independente, até mesmo para poder não amar, somente então seu amor é uma dá-diva totalmente livre.

Assim o eu será o penhor da mais elevada meta do homem.

No eu está fundamentada a dignidade do homem. Porém, ao mesmo tempo, caso não encontre o amor, caso se enrijeça em si mesmo, ele será o corruptor que lançará o homem para o abismo (GA 145, Palestra 8, 25 jun. 1909).

6. A atuação das forças adversas

Na introdução descrevemos a atual situação das nossas sociedades e verificamos que os três fatores preponderantes causadores da maioria de nossas dificuldades para vivermos em harmonia uns com os outros são o materialismo, o egoísmo e a perda dos preceitos morais. Por trás desses fenômenos existem forças espirituais poderosas que tentam nos desviar de nosso trajeto para a terra prometida, mas os quais são ne-cessários para, no confronto com eles, podermos acordar e conquistar a liberdade. Essas contraforças são denominadas de Lúcifer e Áriman.

Enquanto as forças luciféricas atuam a partir de dentro, ata-cando nosso corpo astral, as forças arimânicas atuam de fora, atacando nosso corpo etérico, a fim de destruir nossa saúde física. As identidades atrás destas forças fazem de tudo para nos convencer de que elas não existem. Em tempos passados, a sua atuação não era tão destrutiva como agora. À medida que o poder de destruição do homem aumenta, a periculosi-dade dessas forças também aumenta.

A atuação das contraforças na Humanidade

Na alma do cosmo existem três forças anímicas: pensar, sentir e querer. A energia do pensar emana das alturas, das estrelas fixas. A energia do sentir emana das amplidões, dos planetas. A energia do querer emana das profundezas da Terra.

No cosmo, essas forças estão separadas. No homem, essas forças são unificadas. O homem é a síntese das forças cósmicas. Elas são mantidas em conjunto na alma humana pelo cor-po físico.

A alma humana sadia consegue mantê-las coordenadas e em equilíbrio.

As contraforças que lutam contra a evolução procuram, com

todos os meios possíveis, dominar o pensar, o sentir e o querer do homem, a fim de construir uma evolução diferente da prevista pelos deuses.

Lúcifer quer fazer do homem um anjo atrofiado. Ele ataca internamente, atuando sobre o corpo astral.

Na alma humana, ele produz:

- gula;
- ganância;
- luxúria;
- fanatismo;
- orgulho;
- ilusão;
- vaidade;
- egoísmo.

Lúcifer trabalha com a sedução. O elemento feminino é pre-dominantemente luciférico.

Áriman quer fazer do homem um robô dirigível por ele.

Pelo lado externo, ele ataca o corpo etérico do homem, enfraquecendo suas forças vitais por meio:

- da pressão das circunstâncias;
- do poder;
- da pressão do tempo;
- da mentira;
- do materialismo;
- do erro;
- da impotência;
- do medo.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

A primeira alternativa é o eu trabalhar esses membros anímicos de uma maneira natural e inconsciente, obedecendo o caminhar da evolução naturalmente, conforme o relógio cósmico apresentado no início deste trabalho.

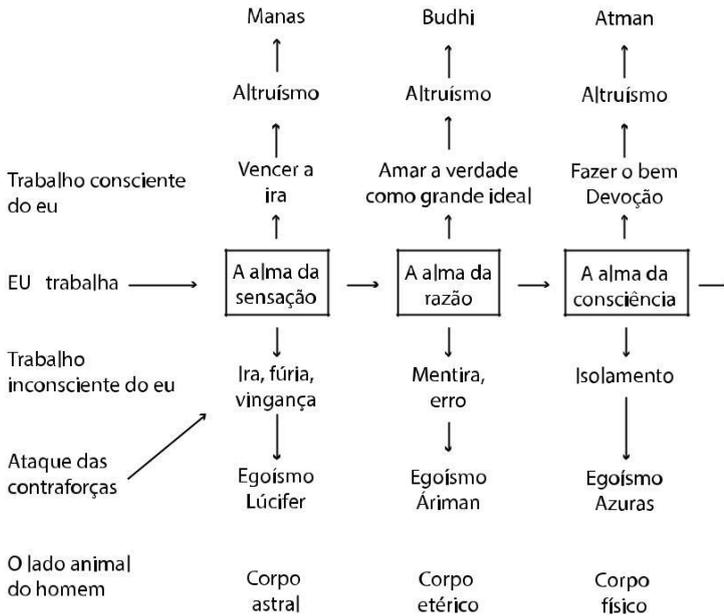
A segunda alternativa é o eu trabalhar esses membros anímicos de maneira consciente. Esse foi o esforço de todos os processos culturais e religiosos realizados pela Humanidade ao longo da história. Sem esses processos educativos, a alma humana se tornaria presa das forças contrárias e se desvirtuaria, fazendo do homem uma besta egoísta cada vez mais perigosa à medida que sua inteligência fosse aumentando. Somente o trabalho educativo poderia trazer a Humanidade para o estágio atual de civilidade. Mas os fenômenos atuais chamam a atenção para o perigo de se perder o que havia sido conquistado no passado e de o homem perder sua dignidade como ser humano.

A única maneira na atual era da liberdade é a autoeducação, por meio da qual nosso eu assume as rédeas do querer a fim de conduzi-lo pela direção correta da evolução.

Uma das grandes tarefas do ser humano na Terra é conquistar, por meio da unificação das três forças cósmicas em um corpo físico, a autoconsciência, com o intuito de levá-la ao mundo espiritual. Isso se tornou possível apenas depois do Mistério de Gólgota.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Visão global do desenvolvimento anímico-espiritual



As duas contraforças descritas anteriormente já dificultam bastante o progresso do homem em seu processo de evolução positiva rumo à liberdade. Mas na época da alma da consciência entraram em ação contraforças ainda mais poderosas chamadas Azuras.

Azuras são as contraforças mais elevadas e mais potentes. Lúçifer e Áriman deixam tudo preparado para as Azuras entrarem em ação quando seu tempo chegar.

E não há dúvidas de que seu tempo chegou!

Elas atacam o corpo físico e o próprio eu do Homem em escala planetária.

Olhando ao nosso redor, podemos verificar a fantástica estratégia das contraforças visando a destruição total da Humanidade.

Com a internet, Áriman conseguiu construir um enorme cérebro em torno da Terra, utilizado pelas Azuras para obter informações e o controle de qualquer cidadão deste planeta. Outro efeito direto sobre a alma humana é a mecanização do pensar, por meio do uso indiscriminado do computador, da televisão, da internet, dos videogames, dos celulares, dos tablets e de toda a parafernália que ainda vai aparecer no mercado, com objetivos bem claros:

- a **mecanização do pensamento**: expressão usada por Rudolf Steiner. É com tristeza que observo jovens funcionários em caixas de supermercados utilizando a calculadora para fazer as contas mais elementares.

Provavelmente dentro de uma geração os jovens já não saberão mais escrever com letra de mão. Tudo será mecanizado. O nosso pensar será tão passivo que também será facilmente manipulado. Na escola, as crianças somente vão aprender a utilizar o pensamento binário, que é o pensamento do computador (sim ou não). A criatividade, que cria o que ainda não existe e que é a característica mais nobre do ser humano, poderá ser perdida.

- o **isolamento social** (vegetalização do sentimento): atualmente já é possível verificar como o contato entre as pessoas vem deteriorando-se. Recebemos uma quantidade enorme de informações por meio da mídia, assistimos às mais bárbaras notícias de crimes, guerras e desastres ambientais e é como se estivéssemos apenas vendo um filme ou uma novela. É a banalização da vida e dos valores morais. Existe uma

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

verdadeira dormência no sentir, que Rudolf Steiner denomina de vegetalização do sentir. Mas esse é apenas um lado da moeda. O outro lado do isolamento social é a falta de encontros pessoais. Recebemos uma enorme quantidade de e-mails e temos uma grande rede de seguidores, mas o contato é superficial. Trata-se apenas de troca de informações, mas sem comunicação, por meio da qual eu olho nos olhos do outro e ganho a confiança dele. Com toda a parafernália da informática, ficamos cada vez mais solitários diante do nosso anseio de encontrar um ser humano que nos entenda em nosso íntimo ou o qual possamos entender. Sofremos de solidão e temos cada vez mais medo um do outro.

- a **paralisia no querer** (animalização da vontade): olhando para todas as ameaças que circundam a existência humana, sentimos-nos cada vez mais incompetentes para mudar qualquer coisa. Uma criança que diariamente passa horas na frente da televisão ou do computador certamente não vai desenvolver força de vontade. Os fast foods fazem a sua parte, e os produtos industrializados arruinam lentamente a nossa saúde, o que é um ótimo negócio para os laboratórios farmacêuticos. O homem tornou-se um objeto de consumo e perde gradativamente a sua dignidade como ser humano. Para esse tipo de situação, Rudolf Steiner usa a expressão animalização do querer.

Rudolf Steiner diz que somente pode ser considerado um verdadeiro homem quem integra em si a parte material e a parte espiritual. Por sua vez, Pestalozzi, um grande educador suíço, diz que é considerado um verdadeiro homem apenas quem equilibra em si, de maneira harmônica, a cabeça, o coração e as mãos. Com a citação conjunta desses dois pensadores, podemos concluir que o verdadeiro homem é apenas o que consegue desenvolver de maneira equilibrada:

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

- sua consciência cognitiva no pensar;
- sua consciência moral no sentir; e
- suas habilidades no querer.

Mas as Azuras têm ainda outro objetivo: espalhar o niilismo, o qual não enxerga mais sentido em nada.

O lado noturno do processo

O que apresentamos até aqui é o lado diurno do processo. Mas existe ainda o não menos importante lado noturno.

A cada noite, quando dormimos, o eu terrestre e o cor-po astral encontram o Eu superior, o qual ficou para trás no mundo espiritual na hora do nascimento. Durante uma conversa inconsciente entre o eu terrestre e o Eu superior acontece uma avaliação do dia que passou em relação ao carma futuro. O Manas, ou Eu superior do homem, que é o seu gênio, encontra-se ainda sob a proteção do seu anjo da guarda. Esse gênio é o Manas em seu processo de vir a ser, carregado e protegido pelo anjo da guarda. De tempos em tempos, o homem depende de uma união com seu gênio, o que acontece aproximadamente no meio do sono a cada noite. Nessa união, o homem olha para o dia seguinte, sem que ele precise ter consciência disso ao longo do dia. Quem tem essa consciência é o anjo.

O que vivenciamos nessa união com o anjo é uma previsão para o próximo dia.

Desse o século XV, esse fato tem um crescente significado para a Humanidade. Podemos nos imaginar concretamente: quando o homem deve executar alguma tarefa em determinada hora do dia, isso já foi conversado com o anjo na noite anterior.

Levando isso em consideração, a nossa relação com as nos-

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

sas decisões recebe uma conotação diferente. Isso explica alguns fenômenos, como encontrar uma pessoa ao longo do dia que já estava na sua consciência ao acordar.

Ao acordar, ligamo-nos com o mundo dos sentidos e ao adormecer, com o mundo além dos sentidos, no qual encontramos principalmente o nosso anjo da guarda. Essa ligação se estende para dentro do corpo astral.

Se essa ligação vai acontecer ou não, isso depende da qualidade de nossos pensamentos ao longo do dia. Se cultivamos pensamentos relacionados apenas a interesse material e vantagem pessoal, a ligação talvez não aconteça. O anjo não consegue lidar com esse tipo de pensamento. Se ao longo do dia cultivamos pensamentos idealistas, altruístas, de devoção e gratidão, a ligação pode acontecer. Dessa maneira, o homem constrói seu próprio destino, tecendo os fios para seu carma futuro.

No sono, o homem trabalha para sua próxima encarnação, de modo que dormindo já se encontra no futuro. Dessa forma, o sono é um profeta, mas que enxerga as grandes correlações, e não os detalhes.

Visão para o futuro

O domínio radiante de Micael será seguido por uma época escura e terrível, que terá início em 2400 d.C. Hoje, juntamente com Micael, outro deus assumiu o domínio. É o deus Mamon.

Para o ocultismo, Mamon não é apenas o deus do dinheiro. Ele é, na realidade, o guia de todas as forças inferiores e negras. Seus exércitos não atacam apenas as almas humanas, mas também os corpos físicos humanos, a fim de destruí-los. Não é à toa que hoje se fala tanto de bacilos,

pois no futuro eles exercerão a supremacia de uma maneira terrível. Quando essa época se aproximar, conflitos e guerras entre irmãos se alastrarão, e os pobres corpos humanos definirão atacados por doenças e epidemias. O sinal do pecado será estampado nos corpos humanos. Nessa época, outro arcanjo assumirá seu domínio: Oriphiel. Ele virá para acordar e chacoalhar os seres humanos para a sua verdadeira destinação por meio de dor e sofrimento. E para esse acordar acontecer de maneira correta, um pequeno grupo de seres humanos precisa ser preparado agora sob a condução de Micael, a fim de poder conduzir a Humanidade para fora da miséria terrestre, em direção ao lado espiritual.

Quem hoje sente o impulso de participar da vida espiritual é designado para servir ao Arcanjo Micael e, com ele, aprender como poderá no futuro, de maneira correta, servir ao Arcanjo Oriphiel.

Um sacrifício será exigido daqueles que se dedicam à vida espiritual. Apenas sob essas condições é legítimo querer receber a iluminação para a vida espiritual ao se colocar a serviço da Humanidade.

Dentro de 400 ou 600 anos, esse pequeno grupo de seres humanos que está sendo preparado atualmente servirá ao arcanjo Oriphiel, a fim de salvar a Humanidade.

Para isso poder acontecer, precisamos trabalhar com toda a seriedade a fim de cumprirmos a nossa tarefa de maneira adequada (GA 266/1, Munique, 5 dez. 1907, p. 283 – tradução livre).

Resumo

Até este ponto do nosso trabalho, tanto no texto principal como nos anexos correspondentes, vimos os vários aspectos que trazemos conosco do passado e que formam os obstáculos ou freios para o nosso desenvolvimento.

Primeiro grupo

Materialismo

Egoísmo

Perda dos valores morais

Segundo grupo

Egoísmo exacerbado

Isolamento social

Inclinação para o mal

Terceiro grupo

Mecanização do pensar

Vegetalização do sentir

Animalização do querer

Quarto grupo

Seduções de Lúcifer

Imposições de Áriman

Efeito destruidor das Azuras

Quinto grupo

Autodefesa no pensar diante do pensar do próximo

Julgamento do outro por simpatia e antipatia no sentir,

eleva-do para atração ou aversão no querer

Esses são os aspectos que devemos trabalhar a fim de podermos enfrentar os desafios que temos pela frente, já enumerados no Capítulo 3 deste livro.

Olhando, de um lado, para o que trazemos conosco do passado e, de outro, para o futuro, para os desafios da alma da consciência, chego à conclusão de que a tarefa é grande demais, de que não temos toda essa potência para realizar uma tarefa desse tamanho sem ajuda. Mas onde podemos buscar ajuda?

7. O que urge

Em sua palestra de 10 de outubro de 1916, em Zurique, intitulada “Como a miséria anímica dos tempos atuais pode ser superada”, Rudolf Steiner dá algumas indicações importantes sobre a direção que devemos seguir para a conscientização das pessoas em grande escala.

Nessa palestra ele descreve como os modernos meios de comunicação afastaram cada vez mais um ser humano do outro. Antes do início do século XV, as pessoas, para esclarecer alguma questão pendente, eram obrigadas a se encontrar pessoalmente, olho no olho. Por meio desse contato poderia surgir ainda um interesse pessoal, do qual poderia emergir a confiança mútua.

Com o advento dos novos meios tecnológicos, o contato direto foi cada vez mais substituído por contatos indiretos (é preciso lembrar que, na época de Rudolf Steiner, existiam apenas os primeiros três itens da lista):

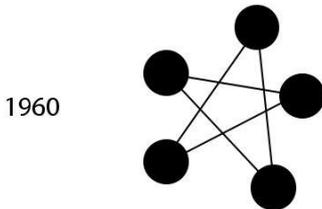
- século XV - impressão mecânica de livros (Gutenberg, 1398-1468);
- século XIX - invenção do telefone (Graham Bell, 1847-1922);
- século XX - invenção do automóvel (trânsito com contatos negativos);
- século XX - televisão;
- século XX - internet;
- século XXI - celular que fazem selfies.

No caso de todos os itens mencionados podemos verificar uma contribuição importante para a facilitação da troca de informação. Porém trata-se de uma informação distante da essência do ser humano. Recebemos muita informação, mas

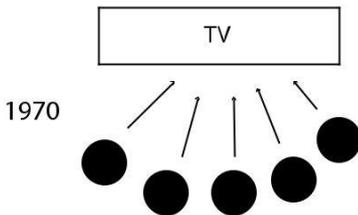
VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

cada vez menos comunicação, e somente a comunicação pode gerar confiança.

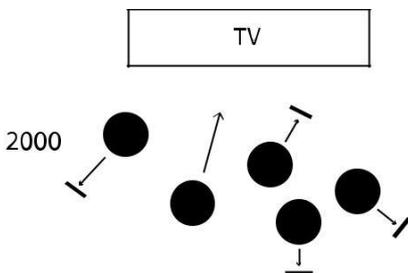
Um exemplo concreto que todos podem verificar pessoalmente: o desenho abaixo representa uma família composta de pai, mãe e três filhos, após o jantar, em diferentes épocas.



Família reunida, conversando sobre as experiências do dia. A visita do vizinho é bem-vinda nesse contexto



A televisão dominou o ambiente familiar. A visita do vizinho é um incômodo.



Cada um em seu espaço, com seu tablet e seu programa. A visita do vizinho não existe mais.

A falta de comunicação gera isolamento.
O isolamento gera distanciamento.
O distanciamento gera desconfiança.

A desconfiança gera medo.
O medo gera necessidade de poder (imposição).
O poder destrói o tecido social.
O resultado final é a psicose coletiva.
Que leva à guerra de todos contra todos (um tem medo do outro).

A saúde do tecido social depende da confiança mútua (Rudolf Steiner). A fim de fazer frente a essa dolorosa, mas indispensável situação, a ciência espiritual oferece uma série de providências concretas e necessárias, as quais podem conduzir a Humanidade pela fase do desenvolvimento da alma da consciência.

Rudolf Steiner deu um subtítulo para a palestra acima mencionada que já contém a solução oferecida e que deverá fazer parte dos objetivos da escola do altruísmo. São eles:

- a compreensão social do homem;
- liberdade no pensar;
- reconhecimento espiritual.

Na mesma palestra, ele explica o significado de cada item.

A compreensão social do homem

Precisamos despertar o interesse pelo ser humano. Existem pessoas imbuídas de ciência espiritual que terão um certo talento para ensinar outras pessoas sobre os diferentes temperamentos e características do ser humano. A psicologia prática tirada da vida, baseada em fenômenos que cada um pode observar, desperta o interesse pelo ser humano.

Até agora, apareceram apenas ideais abstratos e teorias impraticáveis sobre a felicidade dos povos e da Humanidade.

Mas aqui não se trata em primeira instância de formar associações e seitas com programas, mas se trata de difundir conhecimento prático que permita que o ser humano seja conhecido com suas características, fases da vida etc.

Conhecimento prático, interesse prático pelo ser humano, é isso que urge nos tempos atuais. Ainda estamos distantes disso. Hoje julgamos uma pessoa pelas nossas simpatias e antipatias. Enquanto esses forem os nossos parâmetros para julgar uma pessoa e não a aceitarmos como ela é, não teremos condições de avançar no conhecimento prático do homem.

Simpatia e antipatia são os maiores inimigos do desenvolvimento de um verdadeiro interesse social (GA 168, Zurique, 10 out. 1916 – tradução livre).

Liberdade no pensar

Outra coisa precisa acontecer para a alma da consciência realmente tornar-se uma realidade. O homem que se torna cada vez mais individualizado constata uma desertificação de sua vida religiosa: essa vida religiosa não se adapta às condições da quinta época pós-atlântica e procura manter a forma que era adequada para a quarta época pós-atlântica. A quarta época pós-atlântica exigia uma religião cultivada em grupos. Por meio de uma autoridade, eram irradiados princípios religiosos, dogmas e crenças para grupos. Mas os conteúdos destinados à alma racional não conseguem mais atingir os corações dos indivíduos. Os homens entendem cada vez menos aquilo que era ade-

quando para a alma da razão. Na quarta época pós-atlântica, as pessoas eram ensinadas em grupos sobre Cristo. Na quinta época pós-atlântica, Cristo já se encontra na esfera inconsciente de cada indivíduo, mas ele precisa ser trazido à consciência e à compreensão de cada alma individualmente. Isso não pode mais acontecer por meio da im-posição de dogmas, princípios e normas rígidas, mas deve acontecer por meio da livre assimilação de informações a respeito de Cristo, e nesse sentido deve haver uma tolerância cada vez maior com relação à vida religiosa de cada um. As religiões baseadas em confissões, dogmas e normas sufocarão uma verdadeira vida religiosa.

Fazemos a coisa certa ao transmitirmos informações que deixam o outro livre em seus pensamentos. Por exemplo: nos primeiros séculos após o Mistério de Gólgota, certas informações a respeito de Cristo eram importantes. Nos séculos seguintes, as informações importantes eram outras, e também existiam outras religiões. Tentamos iluminar o Cristianismo a partir dos mais diversos pontos de vista. Dessa maneira, trazemos para cada alma aquilo que ela necessita para o seu próprio aprofundamento, deixando-a totalmente livre.

Isso é liberdade no pensar (GA 168, Zurique, 10 out. 1916 – tradução livre).

Reconhecimento espiritual

Existe uma relação real e imediata entre o mundo físico e o mundo espiritual. Os seres espirituais olham com benevolência para os nossos pensamentos a respeito deles, quando os incluímos em nossa consciência diária. Não precisamos nos tornar clarividentes. O que importa para a atualidade da alma da consciência é ter conhecimento

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

do mundo espiritual. Sem o reconhecimento espiritual não será possível realizar os dois primeiros ideais aqui mencionados. Ao estudarmos a ciência espiritual e pensarmos nas hierarquias e nos preocuparmos com elas, elas poderão nos ajudar. A relação que estabelecemos com os seres das hierarquias nos dá a segurança do julgamento correto, independentemente das autoridades instaladas no mundo físico, porque aprendemos a enxergar todas as questões em um contexto mais amplo do que é possível com a consciência apenas terrestre.

Compreensão social, liberdade no pensar e reconhecimento espiritual são os três grandes desafios para a alma da consciência. Esses são os três grandes focos para a quinta época pós-atlântica. Muitas pessoas sentem que algo assim seja necessário, que urge uma nova forma de convivência humana, que precisamos de novos conceitos, mas quando as questões chegam à prática, as boas intenções esmorecem.

O estranhamento dos indivíduos acontece por si só. O que deve fluir dos corações humanos deve ser conquistado. Cada indivíduo passará por dificuldades, pois essas dificuldades são as provas pelas quais a alma da consciência precisa passar a fim de poder evoluir (GA 168, Zurique, 10 out. 1916 – tradução livre).

Segunda Parte

8. A escola do altruísmo

Missão: a escola do altruísmo busca e incorpora os conceitos da ciência espiritual, a fim de aplicá-los na prática da vida social terrestre.

Um esclarecimento

A escola do altruísmo orienta sua atividade pela ciência espiritual inaugurada por Rudolf Steiner, o criador da Antroposofia. É preciso deixar claro que Antroposofia não é religião. Antroposofia é ciência espiritual. Da mesma maneira como a ciência natural pesquisa os fenômenos materiais, a ciência espiritual pesquisa os fenômenos espirituais com plena autoconsciência. As duas ciências devem complementar-se no intuito de obtermos uma percepção e uma compreensão integrada da nossa existência. Quando a Antroposofia encara o Mistério de Gólgota como o acontecimento central de toda a evolução humana, isso não é um fenômeno de fé, mas o resultado da pesquisa espiritual de Rudolf Steiner e de outros pesquisadores espirituais (ver Anexo 1).

As peculiaridades do social

Conforme a sabedoria antiga, o mundo é constituído de quatro elementos: terra, água, ar e fogo. Terra, água e ar não se deixam misturar. Porém o calor possui a capacidade de penetrar todos eles. Ele não tem substância própria. O mesmo fenômeno acontece com o social. A medicina, a educação, a agricultura, a arquitetura, a engenharia etc. podem ser definidas, delimitadas e focadas. Com o fenômeno social é diferente. Ele penetra todas as outras atividades. Ele é onipresente

e em geral pouco claro para as pessoas. Por essa razão ele é muito mais difícil de ser delimitado, focado e conceituado.

No momento em que duas pessoas se encontram, acontece o fenômeno social. Elas podem discutir e trocar ideias sobre qualquer assunto, que a consciência delas deverá permanecer no conteúdo da ideia ou do problema em questão. O social acontece geralmente fora da consciência. O problema discutido é o conteúdo da conversa, e o social se manifesta na interação. O impulso básico do social é a polaridade egoísmo x altruísmo.

Uma reflexão

No início do século XXI, todas as instituições antroposóficas fundadas por Bernhard Lievegoed, o fundador do *Nederlands Pedagogisch Instituut* – NPI e da Pedagogia Social Antroposófica, fecharam:

- o *Nederlands Pedagogisch Instituut*;
- o *Zonnehuis* (para crianças especiais);
- a *Freie Hogeschool* (um ano para jovens escolherem sua futura profissão com base em uma visão de mundo ampliada);
- o *Center for Social Development*, na Inglaterra.

Outras instituições que fecharam ou estão em vias de fechar:

- *Emerson College*, na Inglaterra;
- Artemísia Centro de Desenvolvimento Humano, no Brasil;
- *Haus Lohenstein* (lar antroposófico para idosos), em Murrhardt, Alemanha.

Todas eram grandes instituições que no último terço do século XX estavam florescendo e no início do século XXI desapareceram.

Todas foram fundadas, de modo geral, por uma personalidade inspirada que reunia em torno de si colaboradores para seguir o pioneiro. A saída do pioneiro, seja por morte ou aposentadoria, costuma levar à diluição da substância espiritual, e o foco único do pioneiro é gradativamente substituído por vários focos individuais, gerando desarmonia e perda de foco na iniciativa como um todo, pois a instituição passa a ter muitas regras, normas e procedimentos. A disposição dos fundadores para o sacrifício fica cada vez mais diluída e, finalmente, os colaboradores pensam mais em seus direitos do que em sua missão. Ao conceber a escola do altruísmo, precisamos ter esses fenômenos em mente. A forma como as instituições foram criadas no século passado não é mais a resposta para as necessidades da época atual e do futuro próximo. Falta descobrir a nova forma.

Qual é o impulso central da escola do altruísmo?

Algum dia, em uma época longínqua do passado, fomos expulsos do Paraíso com a missão de conhecer e povoar a Terra, a fim de conquistarmos nossa autoconsciência. O objetivo era formar a décima hierarquia³ e acrescentar ao cosmo o princípio da liberdade. (Os outros princípios, como amor, harmonia, movimento, sabedoria etc. já existem no cosmo, com base na atuação das nove hierarquias existentes.)

As hierarquias celestiais precisam do princípio da liberdade no cosmo para a sua própria evolução.

O motor responsável por impulsionar esse processo descen-

3 As hierarquias celestiais foram denominadas por Dionísio de Aeropagita, filósofo grego e aluno do apóstolo Paulo. Os nomes constam na Bíblia e são mantidos até hoje.

São eles de cima para baixo:

1.Serafins ou espíritos do amor; 2.Querubins ou espíritos da harmonia; 3.Tronos ou espíritos da harmonia; 4.Kyriotetes ou espíritos da sabedoria; 5.Dynamis ou espíritos do movimento; 6.Exusiai ou Elohins ou espíritos da forma; 7.Arqueus ou espíritos da personalidade; 8.Arcanjos ou espíritos do fogo; 9.Anjos ou espíritos da vida.

dente em direção à Terra foi o egoísmo que Lúcifer implantou no casal primordial (Adão e Eva), ao oferecer-lhes a maçã da árvore do conhecimento.

No momento em que esse processo de diferenciação e individuação, impulsionado cada vez mais pelo egoísmo, chegou a um ponto crítico, aconteceu o Mistério de Gólgota, no intuito de inverter a direção desse processo descendente de diferenciação para ascendente, momento em que o egoísmo deve ser contrabalançado pelo altruísmo e promover o impulso da integração, que traz a Humanidade de volta ao mundo espiritual, mas agora autoconsciente e livre, graças a essa maravilhosa aventura humana terrestre.

A parte inferior da imagem a seguir representa esse processo. E no mesmo desenho podemos ver também que o egoísmo combinado com o materialismo leva a uma situação na qual a Humanidade não pode mais encontrar o caminho de volta e, dessa maneira, perde o objetivo da evolução, caminhando diretamente para a guerra de todos contra todos.

A vivência de “Cristo em mim” é o objetivo (ressurreição). Micael indicou o caminho e nos deu coragem por meio de sua escola suprasensível. Rudolf Steiner, por meio da Antropo-sofia, nos ofereceu instrumentos a fim de nos capacitar a se-guir o caminho (ver Anexos 1 e 3).

Imagem arquetípica do ser humano

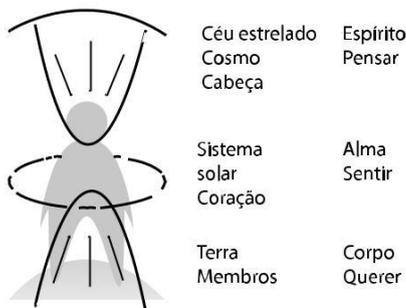
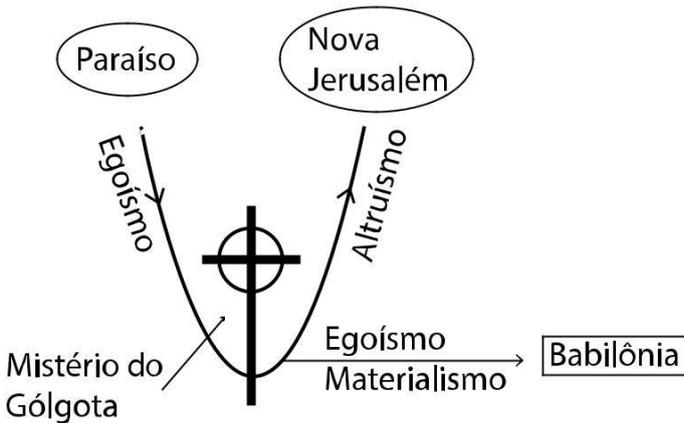


Imagem arquetípica da evolução do ser humano



A parte superior dessa imagem apresenta outra figura arquetípica.

Podemos observar como o ser humano está inserido nas forças do cosmo e verificar como ele é a síntese das forças do cosmo. Com a nossa cabeça, estamos inseridos nas alturas do céu. O cérebro dá expressão ao nosso pensar. Nosso cérebro é um espelho do céu estrelado na hora de nosso nascimento, o que justifica a existência do horóscopo (o não desvirtuado pelo charlatanismo).

Nosso coração é de origem solar e comanda a partir do tórax o nosso sistema rítmico. O coração dá expressão aos nossos sentimentos. Todos os nossos órgãos vitais são formados pelas forças planetárias. Nossos membros e órgãos digestivos são formados pelas forças da terra. Dessa área emana nossa força vital e também emanam os nossos instintos e impulsos. Essa área dá expressão à nossa vontade.

No cosmo, essas três forças cósmicas estão separadas e somente no corpo físico terrestre do ser humano elas atuam de maneira integrada, o que resulta na capacidade de desenvolver a autoconsciência.

Neste momento posso dar apenas algumas indicações superficiais, pois o estudo de todo esse milagre da nossa existência é algo maravilhoso e requer bastante tempo.

O ser humano é o objeto mais fascinante sobre a face da Terra, e conhecê-lo profundamente como agente de transformação, que é o caso de todos nós, é sem dúvida uma das atividades mais motivadoras que pode existir. De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos? Qual é o sentido da existência? Essas questões emergem da alma da consciência e um número cada vez maior de pessoas busca pelas respostas.

Quais são os objetivos da escola do altruísmo?

1. Difundir a ciência espiritual (Antroposofia) no mundo como complemento indispensável das ciências naturais.
2. Despertar o maior número possível de pessoas para a nova consciência (alma da consciência).
3. Introduzir os conceitos da ciência espiritual na convivência humana por meio da prática do altruísmo, como veículo do desenvolvimento humano.
4. Tornar-se visível para todas as pessoas que buscam respostas, não prontas e não dogmáticas, a fim de que cada pessoa possa formar sua própria filosofia de vida.

Por que o nome escola do altruísmo?

Altruísmo é um conceito universal, que pode ser compreendido por qualquer pessoa independentemente de seu grau de instrução e pode ser praticado independentemente de crença, religião, raça, cor ou idade.

O grau de altruísmo praticado em uma sociedade define a dignidade humana reinante e a solidez de suas instituições.

Para uma vida social saudável, o altruísmo absoluto não pode ser o objetivo. Seria só mais um radicalismo fadado, de antemão, ao fracasso. O que devemos buscar é o equilíbrio sadio entre egoísmo e altruísmo. A partir do momento em que um domina o outro temos ou a luta no extremo do egoísmo ou a paralisia no extremo do altruísmo, na forma de comunidades fechadas ou de irmandades. Como no caso de todas as polaridades, a busca pelo caminho do meio, como forma de equilíbrio ativo (não passivo) entre os extremos, é o caminho do desenvolvimento. Existem situações nas quais deve predominar o egoísmo e outras em que deve predominar o altruísmo. O altruísmo pode ser treinado de maneira objetiva e livre de qualquer ranço moralista ou proselitista. Já o egoísmo acontece por si só no homem atual.

Localizando a atuação da escola

Para localizar a atuação da escola precisamos tentar enxergar o entorno. Nessa atividade, enxergo processos de morte em todo lugar. A maioria dos problemas que encontro tem a ver com processos de morte. A seguir, tentarei mostrar uma relação de diferentes problemas, divididos em posições qualitativamente diferentes.

Na natureza

- Poluição do ar
- Poluição da água
- Poluição da terra
- Buraco na camada de ozônio
- Aquecimento global
- Extinção de espécies
- Desertificação do planeta

São todos processos de morte.

No âmbito social

- 1% da humanidade possui 50% da riqueza mundial.
- Alguns estão se afogando na opulência, enquanto outros estão morrendo de fome.
- A corrupção inviabiliza a democracia.
- Especuladores e agiotas são as sanguessugas da economia (alguém precisa trabalhar para sustentá-los).
- A ignorância por falta de educação gera uma manada de dependentes inconscientes.
- Atualmente a atitude básica no âmbito social é a desconfiança.

São todos
processos
de morte.

Na alma humana

- Egoísmo
- Isolamento
- Solidão (o único amigo é o cachorro)
- Perda dos preceitos morais
- Medo
- Falta de iniciativa
- Mecanismo do pensar
- Vegetalização do sentir
- Animalização do querer

São todos
processos de
morte da alma

No espírito

Materialismo

Ateísmo

O homem é um animal racional

A existência não tem sentido

O espírito é um deserto
nada vive,
nada cresce,
nada evolui.

Olhando para essa relação, fica claro que a atuação da escola do altruísmo apenas faz sentido no âmbito espiritual e da alma humana.

Essa escola não se vê como escola de iniciação. Para isso, existe a Escola Superior Livre de Ciência Espiritual da Sociedade Antroposófica.

A escola do altruísmo também não age no front da atuação social. Para isso existem milhares de pessoas, ONGs e grupos que se confrontam diariamente com os problemas encontrados nas comunidades e na sociedade.

A escola quer se localizar no meio dos dois e formar a ponte entre o ideal de uma visão espiritual, orientada pela Antroposofia, e a realidade concreta encontrada no mundo, dando apoio àquilo que outros sabem fazer com mais experiência e competência.

Que tipo de apoio a escola quer dar?

Uma iniciativa social precisa de:

- um grupo de pessoas;
- um objetivo claro;
- uma estratégia coerente;
- uma fundamentação espiritual;
- apoio espiritual, anímico e material;
- uma rede de contatos.

Para todos esses itens a escola quer dar apoio.

A escola do altruísmo quer disseminar o altruísmo na época da alma da consciência como alternativa real e praticável no mundo, a fim de criar o futuro que queremos.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Ela quer ensinar o que os livros não ensinam e desenvolver formas didáticas que favoreçam o desenvolvimento da nova consciência e do altruísmo.

Não queremos apenas conscientizar, mas queremos conscientizar, mobilizar, treinar, acompanhar e apoiar:

Indivíduos

- que queiram se tornar personalidades integradas, conscienciosas, livres, respeitadas e que contribuam para a evolução positiva da Humanidade;
- somente um eu forte e seguro pode praticar altruísmo (só posso dar o que eu tenho);
- que queiram difundir a poderosa imagem espiritual do homem, como síntese das forças do cosmo, em oposição à imagem unilateral do materialismo;
- que queiram difundir o conhecimento do processo de desenvolvimento da Humanidade no contexto global da evolução, dando sentido e objetivo à nossa existência.

Grupos

- cujos participantes se reúnam em torno de projetos sociais, com base na visão espiritual do homem;
- que queiram aprender as dinâmicas e as leis de desenvolvimento de indivíduos e grupos de trabalho, a fim de realizarem juntos projetos de desenvolvimento com sucesso, os quais possam contribuir para a evolução positiva da Humanidade;
- há muitos grupos que já exercem um trabalho de desenvolvimento humano, e a escola do altruísmo pode agregar novos aspectos ao trabalho deles e ajudar a inovar o que já está sendo feito.

Organizações

- que queiram contribuir para a evolução positiva da Humanidade por meio de transformações de sua própria maneira de atuar no mundo, tendo como base a imagem espiritual do homem, sem a qual a questão social não tem solução (conforme Rudolf Steiner).

Para a fundação da escola, buscamos estímulo na seguinte chamada de Rudolf Steiner:

É necessário adquirir a consciência da necessidade de uma escola do altruísmo para a nossa época atual. Uma renovação moral e um aprofundamento da vida ética somente podem surgir por meio do treinamento para o altruísmo. Devido às circunstâncias da época atual, a escola do altruísmo somente pode tornar-se realidade por meio de um profundo conhecimento do significado do altruísmo. Em toda a evolução não existe outro exemplo para o altruísmo tão penetrante como o aparecimento de Cristo na Terra. Reconhecer Cristo significa absorver a escola do altruísmo. Reconhecer Cristo significa conhecer todos os impulsos que ao longo da evolução humana gotejaram para dentro da nossa alma de modo a aquecer e inflamar em nós tudo que tem uma predisposição para o altruísmo. Sob a influência do materialismo, o altruísmo foi perdido na humanidade de uma maneira que somente gerações vindouras terão a possibilidade de avaliar. Mas com o aprofundamento no Mistério de Gólgota com toda a nossa alma, podemos restabelecer uma cultura do altruísmo. O que Cristo fez tem como impulso básico o altruísmo, e o que ele pode ser para o desenvolvimento consciente da alma humana é o conteúdo da escola do altruísmo (GA 152, Basileia, 1 jun. 1914 – tradução livre; ver Anexo 3).

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Voltando à imagem da travessia presente na Introdução, gostaria de acrescentar nela uma torre de farol. O farol torna-se visível a distância e aqui tem o objetivo de indicar a localização da escola. Ele não emite uma luz agressiva e ofuscante, que quer iluminar tudo e oferecer soluções para as mazelas do mundo, mas emite uma luz amena e convidativa com o intuito de que as pessoas, no encontro com outras, queiram trazer ou buscar ideias e experiências, buscar eventuais parcerias ou um embasamento espiritual para seus próprios ideais e impulsos, que brotam de sua alma.

Vimos que os três maiores obstáculos ao nosso processo evolutivo são os seguintes:.

- o materialismo leva à mecanização do pensar;
- a perda dos preceitos morais leva à vegetalização do sentir;
- o egoísmo leva à animalização do querer.

É sobre esses três aspectos que a escola do altruísmo quer atuar, pois a alma da consciência não poderá florescer sem uma visão espiritual do Ser Humano, da Humanidade, da Terra e do Cosmo.

A nova consciência aponta para o futuro, indicando a direção do caminho da evolução e mudando paradigmas.

O altruísmo na nova consciência é a execução prática desse caminho e pode ser treinado, mas exige uma nova didática.

Sendo assim, a escola quer oferecer um espaço protegido para pesquisas, experiências e descobertas, que deverão re-sultar em programas e ações que possam ser transferidos para qualquer pessoa ou grupo de boa vontade (ver Anexo 4).

Quem são os potenciais clientes imediatos da escola do altruísmo?

1. Os jovens costumam carregar na alma sonhos e ideais de um mundo melhor. Geralmente são ideais de muita beleza, mas que dificilmente conseguem ser colocados em prática por falta de foco, de realismo e de experiência de vida.

Em geral esses ideais juvenis evadem-se na medida em que a juventude desaparece. Ajudar os jovens a transformar seus ideais, que desaparecem com o fim da juventude, em ideais carregados por uma visão espiritual que sustente a atuação deles pela vida inteira deve ser uma das tarefas mais importantes da escola do altruísmo. Com um treinamento que busque foco e estratégia para a ação, podemos formar verdadeiros agentes de transformação social, como uma nova formação profissional.

2. Com base em um modismo, os empresários são atualmente levados a agir com “instinto animal”, a fim de sobreviver em uma selva cheia de perigos. Essa parece ser uma tentativa de retorno ao capitalismo selvagem e predador do século passado.

Com uma visão objetiva a respeito do significado de seu negócio e dos efeitos de sua atuação sobre os resultados econômicos, a satisfação dos clientes, a motivação dos empregados, o bem-estar da sociedade e a saúde do meio ambiente, de acordo com uma visão global e integrada (altruísta), o empresário certamente obterá resultados mais satisfatórios e permanentes do que pelo empobrecido viés do instinto animal. Também os empresários terão a nossa atenção especial.

3. Também os líderes de grupos de atuação na esfera social que queiram enriquecer e fortalecer seu trabalho por meio de uma visão espiritual comum, a fim de conscientizá-los de que juntos, cada um com suas habilidades específicas, estão trabalhando na construção da grande comunidade humana.

4. E grupos de indivíduos que buscam uma mudança na própria vida, no intuito de dar mais sentido à sua atuação no mundo. Cabe aqui uma observação de Rudolf Steiner:

A única direção sensata é formar grupos sociais e esperar que neles surjam soluções parciais; grupos nos quais as pessoas se sentem juntas sem julgamento e produzam algo que se aproxime de soluções parciais para a questão social, algo que possa ser adotado por um determinado tempo e em um lugar particular (ver Anexo 5).

Quais são as atividades concretas da escola do altruísmo?

1. Desenvolver um programa de formação de agentes de transformação que:

- sintam um profundo compromisso com a Humanidade;
- têm os dois pés no chão;
- têm um coração sensível;
- busquem uma visão espiritual ampla e profunda.

2. Desenvolver um programa de formação de coordenadores para as escolas do altruísmo (inclui gestão, administração, fundraising etc.); uma parte do currículo seria idêntica para todos.

3. Criar novos conteúdos para os programas de formação, com o intuito de desmistificar o altruísmo, a nova consciência, a evolução da Humanidade (passado, presente, futuro), a imagem do ser humano e a trimembração do organismo social. Também publicar textos de outros autores, que sejam coerentes com o que fazemos, etc.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

4. Desenvolver cursos de capacitação dentro da nova didática, visando trabalhar a competência social como ferramenta para o altruísmo, treinar a nova didática (em constante evolução), ensinar a solução de conflitos (mediação), a negociação ganha x ganha e ensinar a construir parcerias e a conduzir grupos biográficos, bem como o coaching, o fundraising etc.

5. Construir e administrar o site e as redes sociais da escola do altruísmo.

6. Manter um jornal da escola do altruísmo (periódico).

7. Administrar um local de encontro presencial.

8. Gerir as finanças de doações e contribuições.

9. Divulgar o conhecimento existente e as práticas concretas que favoreçam o altruísmo, gerados dentro e fora da escola.

9. Uma nova didática

Princípio básico de aprendizado

Em sua Palestra realizada no dia 18 de dezembro de 1920, em Dornach (GA 202), Rudolf Steiner mostra a maravilhosa ligação que existe no ser humano entre o lado físico e o lado espiritual e as pontes existentes entre ambos, dentro do próprio corpo físico. Ainda que essa informação tenha sido colocada por Rudolf Steiner em outro contexto, ela pode nos ser muito útil na orientação da didática que estamos procurando para a escola do altruísmo. Tra-ta-se do que segue.

O corpo físico do ser humano, cujos peso, altura, circunferência etc. podemos medir, não é apenas o que ele aparenta ser. Pode-

mos diferenciar o corpo físico por meio de diferentes elementos.

A parte sólida, que enxergamos como sua forma física, inclui esqueleto, músculos, órgãos vitais e tudo que pode ser apalpado e é chamada de organização mineral.

Nesse corpo físico existe também um homem composto de água, com as mesmas dimensões da organização mineral, que chamamos de organização aquosa. A organização aquosa forma a ponte entre o corpo físico e o nível suprassensível denominado de corpo etérico, ou corpo vital. Por meio do corpo aquoso, o corpo etérico pode dirigir os processos vitais do organismo humano.

Ainda no mesmo corpo encontramos o homem aéreo, que preenche todo o tamanho da forma externa com ar (oxigênio e ácido carbônico) e se chama organização aérea. A organização aérea é a ponte entre o corpo físico e a organização anímica do homem, chamada de corpo astral, que forma a base para a vida da alma.

E, por fim, encontramos dentro do corpo físico o homem calórico, do mesmo tamanho dos outros três, chamado de organização calórica. A organização calórica forma a ponte entre o corpo físico e o eu do homem. O eu do homem vive na organização calórica.

Em resumo, podemos dizer que o corpo físico do homem consiste de:

1. Organização mineral.
2. Organização aquosa.
3. Organização aérea.
4. Organização calórica.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

As organizações 2, 3 e 4 formam a ponte entre o corpo físico e os corpos suprasensíveis do homem.

Corpo físico

Corpos suprasensíveis

2. Organização aquosa

Corpo vital, ou etérico

3. Organização aérea

Corpo astral, ou anímico

4. Organização calórica

Corpo do eu

Os corpos suprasensíveis são os portadores de nossa atividade anímica:

2 – o corpo vital é o portador das nossas representações;

3 – o corpo astral é o portador dos nossos sentimentos;

4 – o corpo do eu é o portador da nossa vontade.

Os corpos suprasensíveis atraem os éteres, que são cósmicos:

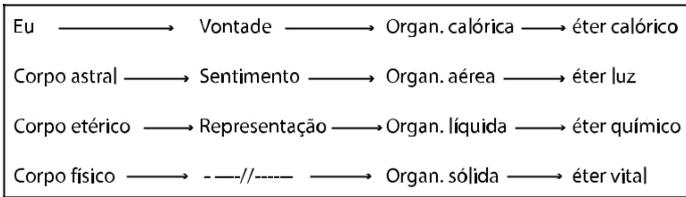
2 – o corpo etérico atrai o éter químico, ou éter do som, pelo qual é constantemente transpassado;

3 – o corpo astral atrai o éter luz, pelo qual é constantemente transpassado;

4 – o corpo calórico atrai o éter calórico, pelo qual é constantemente transpassado.

Com base no que foi exposto até aqui, podemos criar a maravilhosa imagem do ser humano, que é conectado de um lado com os elementos e as forças da Terra e, de outro, com o cosmo inteiro.

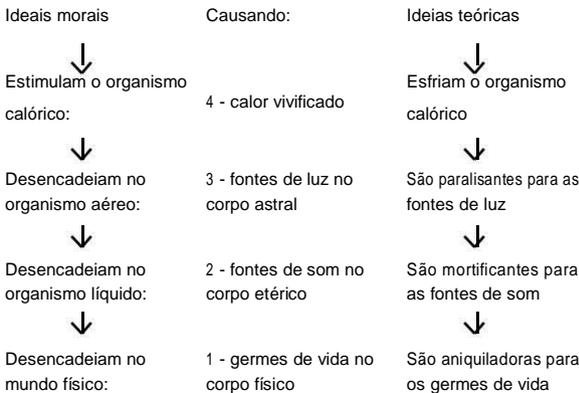
A tabela a seguir apresenta esse assunto de forma esquematizada, a fim de propiciar uma visão completa.



Com o entusiasmo por um ideal moral, o homem se aquece interiormente. Seu organismo calórico é estimulado. O organismo calórico, que penetra o corpo humano todo, transmite o calor interior para o organismo aéreo e nele provoca fontes de luz que podem ser observadas pelo vidente no corpo astral. No organismo aquoso, nascem fontes de som (som espiritual). E no organismo sólido, nascem os germes etéricos da vida.

Agora analisaremos o que acontece com nosso organismo quando substituímos os ideais morais por ideias abstratas teóricas. Por meio de ideias teóricas, a organização calórica esfria, causando a paralização das fontes de luz na organização aérea, o silêncio das fontes de som na organização líquida e a aniquilação dos germes de vida na organização sólida.

Resumo



Não precisamos ir muito longe para descobrir a realidade dessas revelações. Podemos, por exemplo, ler por horas a fio, em um estado de calor interior, sobre as aventuras de um grupo de heróis que combate os poderosos corrompidos e apoia os fragilizados e necessitados.

Já a leitura de um tratado, cheio de fórmulas químicas ou matemáticas, obriga-nos a uma pausa para descanso depois de pouco tempo de esforço concentrado (ver Anexos 9 e 10).

A situação atual da nossa consciência

Mas há outro aspecto a ser considerado para a fundação da escola do altruísmo. Em tempos antigos (a alma da sensação na cultura egípcia), apenas os faraós, os sacerdotes e uma pequena elite tinham acesso à informação.

A informação, que era sagrada, era transmitida pela elite espiritual ao povo por meio de imagens, contos, mandamentos, regras e ordens. E ninguém pensava em questionar qualquer informação vinda de cima. O poder do topo da pirâmide era absoluto.

Na época cultural seguinte (época greco-romana da alma da razão e da índole), as informações obtidas nos templos de mistérios eram confrontadas com as novas ideias dos filósofos. Começaram, então, grandes disputas em torno da verdade sobre as grandes questões da vida. Trata-se da conquista da razão e da lógica no pensamento humano. O acesso à informação ainda era privilégio de uma elite, ainda que bem maior que a elite da época anterior, e os conteúdos eram transmitidos ao povo por meio de mitologia e de dramas em forma de teatros.

Em meados da época greco-romana, aconteceu o Mistério de Gólgota, que foi confiscado pela igreja católica romana. Durante séculos os leigos foram proibidos de ler a Bíblia, e concílios e dogmas desfiguraram a mensagem de Cristo. A in-

quisição extirpou qualquer tentativa de cultivo de um cristianismo mais autêntico fora dos dogmas da igreja oficial.

Na época atual, cada pessoa, independentemente de sua posição social, pode ter acesso à informação. Todo o conhecimento da Humanidade está ao alcance de qualquer pessoa. Isso tem consequências enormes que ainda não podemos avaliar totalmente. Mas uma coisa já se torna claramente visível: atualmente muitas pessoas se tornam seu próprio sacerdote ou filósofo, ao desenvolver sua própria religião ou filosofia de vida. As religiões dogmáticas, suportadas por seitas e grupos, estão necessariamente condenadas ao desaparecimento na medida em que a alma da consciência se instala e se manifesta na Humanidade.

Ainda não conhecemos a didática para a alma da consciência, mas temos indicações suficientes de que ela pode apontar a direção a seguir. A didática deve ser altamente participativa; o conhecimento deve ser conquistado na parceria entre professor e alunos; e a comunicação não pode ter mão única. Considerando que o ser humano é um ser em “constante vir a ser”, que nunca fica pronto, a didática deve ser uma questão permanente, sem solução definitiva.

Um ponto de partida

Rudolf Steiner, ao comentar a obra *Wilhelm Meister*, de Goethe, diz o seguinte:

Na segunda parte, Goethe mostra como o eu pode elevar-se cada vez mais, até chegar ao cume. Na história, Wilhelm Meister envia seu filho para um internato. Nesse internato, os meninos aprendem como princípio educativo mais importante três gestos fundamentais.

O primeiro gesto é bater com as duas mãos no peito e olhar para cima.

O segundo gesto é juntar as duas mãos nas costas quando dois meninos ficam na frente um do outro.

O terceiro gesto é inclinar-se e olhar para o chão.

Esses três gestos devem representar as três devoções, por meio das quais o homem pode elevar seu eu para alturas cada vez mais elevadas.

O primeiro gesto significa a reverência perante o que se encontra acima dele.

O terceiro gesto significa a reverência diante do que se encontra abaixo dele, a partir do que ele se ergueu.

O segundo gesto significa a reverência ao homem ao lado dele, em nível de igualdade.

Somente assim o homem consegue desenvolver a reverência adequada a seu próprio eu.

Ele encontra a harmonia adequada com o mundo quando pratica as três reverências, e seu ego não correrá o risco de andar por caminhos errados (GA 59, Berlim, 25 nov. 1909 – tradução livre).

Outros pensamentos básicos

A saúde do tecido social depende da confiança mútua. (Rudolf Steiner)

A questão social não pode ser resolvida sem uma visão espi-ritual. (Rudolf Steiner)

Você somente pode reconhecer no outro o que você tem dentro de si. (Rudolf Steiner)

O pensar que criou os problemas é inadequado para solucioná-los. (Albert Einstein)

Somente pode ser integrado o que for devidamente separado. (Daniel Burkhard)

O grande desafio da alma da consciência é trilhar o caminho central entre as polaridades. Esse é o caminho de Cristo. (Daniel Burkhard)

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Devemos pensar globalmente e atuar localmente. (Autoria desconhecida)

Somente podemos doar aquilo que possuímos [qualidades anímicas] (Daniel Burkhard)

A verdade é uma deusa severa. Ela apenas se revela a quem se submete a ela. (Rudolf Steiner)

Sobre cada uma dessas sentenças é possível desenvolver um seminário inteiro. Mas a didática deve ter uma característica predominantemente vivencial. Nada de palestras e discursos longos. O conteúdo deve emergir na conversa. Trata-se de um grande desafio para o educador.

Sendo assim, a pergunta deve ser o veículo de transmissão de conhecimento.

Alguns exemplos:

- Qual a nossa interpretação para cada uma das afirmações acima?
- Qual é a imagem ideal de ser humano que cada participante carrega dentro de si?
- Qual a habilidade mais importante do agente de transformação social?

Esses são exemplos para questões-chave, a partir das quais é possível desenvolver conceitos espirituais com os alunos. Aprofundando suficientemente essas questões, chegaremos sempre a uma realidade espiritual.

Tendo como base uma visão materialista, que enxerga o homem como animal racional, o respeito mútuo foi se perdendo. As relações sociais foram se animalizando, e o homem perdeu a dignidade que ele, sendo a síntese do cosmo todo, fica devendo. A luta animalésca pela sobrevivência dominou o ambiente.

Heinrich Pestalozzi, importante educador suíço do século XIX, dizia que, para se tornar um ser humano inteiro, é preciso equilibrar as forças da cabeça, do coração e das mãos.

No que diz respeito ao nosso trabalho, podemos dizer que o ser humano é inteiro na medida em que consegue desenvolver em seu Ser, de maneira equilibrada:

- a consciência cognitiva no pensar;
- a consciência moral no sentir; e
- suas habilidades no querer.

Esse é o apoio que queremos dar a quem deseje contribuir para tornar o mundo um lugar com um futuro digno. Não podemos mudar os outros, apenas podemos mudar a nós mesmos. Mas podemos fornecer informação de modo que os outros se conscientizem, se quiserem. Esse esforço de cada um faz milagres, transforma o mundo. Quem transforma o mundo não são as armas, mas as ideias.

Alguns exemplos concretos para um programa de formação

Uma formação para o encontro com a nova consciência e o altruísmo

- Buscar o encontro consigo mesmo a fim de criar uma identidade firme.
- Transformar os ideais juvenis que vem do sangue e fenecem com o fim da juventude em ideais com base no espírito e que impulsionem nossa atuação durante a vida toda.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

- Conquistar uma visão espiritual do ser humano e do papel dele no mundo.
- Criar a própria filosofia de vida: No que eu acredito? Em que quero me empenhar e por quê?. O goethianismo é puro exercício de altruísmo, porque eu esqueço todos os meus desejos a fim de deixar os fenômenos falarem; trata-se do altruísmo no pensar (ver Anexo 8).
- O trabalho biográfico em grupo é um excelente exercício de altruísmo, porque uma pessoa doa a sua história ao grupo, em confiança, e o grupo doa sua atenção e sua compaixão; trata-se do altruísmo no sentir.

Verdadeiros encontros

1 – Cada verdadeiro encontro deve ser considerado um evento sagrado, no qual duas ou mais “centelhas divinas”, atualmente encarnadas em corpos físicos humanos sobre a Terra, interagem. (Precisamos diferenciar esse encontro do passatempo conjunto, da rodinha do boteco, da festa de aniversário e do almoço em família.)

2 – A fim de que o verdadeiro encontro de fato aconteça, os participantes precisam criar um espaço sagrado.

3 – No espaço sagrado todos devem se manter em total silêncio, interna e externamente.

4 – Um verso mântico pode ser lido.

5 – As armaduras e as máscaras devem ser tiradas (julgamentos, simpatias, antipatias, mentiras, ambições, vaidades, vinganças, invejas, competições, comparações, descon-fianças, mágoas, etc., caem por terra).

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

6 – Deve-se varrer todo esse lixo para fora do espaço sagrado.

7 – É preciso haver um verdadeiro respeito e um genuíno interesse pelas palavras dos outros, aqui e agora.

8 – O amor cósmico pode começar a fluir para dentro do espaço sagrado.

9 – A presença de Cristo no espaço sagrado, no aqui e agora, pode ser vivenciada pela graça divina. A vivência do Cristo é no presente, mas as consequências são perenes.

Observações

Esse exercício promove os dois fatores responsáveis pelo amor espiritual: o respeito profundo e o interesse verdadeiro.

No começo o sucesso será mínimo, mas com o passar do tempo novas habilidades serão adquiridas.

Os seis exercícios colaterais⁴ ajudam a desenvolver as habilidades necessárias para lidar com o exercício aqui proposto.

Em muitas situações, o consultor terá de reiniciar o exercício, sem que o parceiro ou os parceiros tenham consciência disso. Após algum tempo de conversa, os parceiros automaticamente irão se adaptar a um ritmo mais tranquilo e a uma postura menos competitiva e passarão a ouvir melhor as con-tribuições de cada um.

4 Os seis exercícios colaterais são: 1. Controle dos pensamentos; 2. Controle de vontade; 3. Perseverança; 4. Tolerância; 5. Imparcialidade; 6. Equilíbrio. (Vide GA 10)

Tomar decisões com atitude altruísta

Não faça aos outros o que você não quer que os outros façam a você.

Ao assumir uma atitude altruísta, deve-se tentar tomar decisões que não prejudiquem outras pessoas. A cada decisão, é preciso ter o cuidado de verificar:

- Quais pessoas sentirão os efeitos de minha decisão?
- De que natureza serão esses efeitos?
- Os efeitos estão de acordo com os meus valores? Se não estiverem, há alternativas melhores para a minha decisão?

A arte da boa conversa na atitude altruísta

A conversa é o instrumento para se chegar ao verdadeiro encontro. Por isso, é importante exercitar a positividade; ouvir, ouvir, ouvir; trocar afirmações por perguntas; tentar colocar-se no lugar do outro; conter o julgamento; diferenciar o objetivo do subjetivo.

Observar e compreender

Nas pessoas, observe o temperamento, os gestos, a fase da vida, o timbre de voz, o uso do vocabulário, o sotaque, os hábitos, os costumes, a postura, o andar, as mãos etc.

No início de um trabalho em grupo, cada participante pode escolher, em segredo, alguém que ele quer observar. Ao final do encontro, ele deverá imitar os gestos, o modo de falar, o tom da voz etc. da pessoa observada, e o grupo todo tentará adivinhar de quem se trata.

Esse exercício obriga os participantes a se interessar uns pelos outros, o que gera compreensão mútua e proximidade.

Tomar consciência

Um princípio educativo poderoso que leva à conscientização em situações complexas diz: “Somente pode ser integrado o que for devidamente separado”. Trata-se de um princípio utilizado pelos deuses a fim de possibilitar a conscientização do ser humano ao longo da evolução. A tomada de consciência só é possível quando diferenciamos as coisas para então podermos compará-las. Após haver consciência sobre elas, podemos integrá-las.

Esse princípio é composto de três partes:

- unidade inconsciente (alma da sensação);
- diferenciação para poder comparar e tomar consciência (alma da razão);
- integração consciente em um nível mais elevado (alma da consciência).

Em nosso âmbito social, existem exemplos bem concretos para esse princípio. Citando alguns:

- o desenvolvimento das empresas da Fase Pioneira,⁵ para a fase de diferenciação a fim de chegar à fase de integração;
- o processo de uma reunião em grupo que diferencia conteúdo, interação e procedimento;
- a diferenciação entre o processo de análise e o processo de decisão. No âmbito da medicina, o médico de família, que possuía uma visão unificada sobre a saúde de seus pacientes, foi substituído por médicos especialistas que têm apenas o conhecimento específico sobre um único órgão do corpo hu-

5 Fase pioneira é a primeira fase do processo de desenvolvimento de uma organização após o seu nascimento. Vide o livro *O espírito transformador* (MOGGI; BURKHARD, Antroposófica, 2000).

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

mano, de modo que cada especialista sabe cada vez mais sobre cada vez menos. A visão do especialista é focada no problema de um órgão, e não no paciente como um todo, o qual se sente perdido e com sua individualidade ignorada. Uma nova integração somente pode acontecer mediante uma visão espiritual do ser humano. Isso ainda precisa acontecer.

Nas situações sociais com um certo grau de complexidade, nas quais percebemos insuficiência de consciência, podemos atuar da seguinte maneira, seguindo esse princípio:

- descrever a situação, enumerando os fenômenos (alma da sensação);
- verificar que agrupamentos é possível fazer diante da análise desses fenômenos e como esses agrupamentos se relacionam entre si (alma da razão);
- questionar de que maneira podemos integrá-los (alma da consciência).

O meu herói (exercício de apoio mútuo em grupo permanente)

Penso que todos nós temos uma imagem mais ou menos consciente de nosso herói, aquele que queremos vir a ser em 10, 20, 30 ou mais anos, aquele que estamos construindo por meio de nosso esforço diário. Descreva as características que seu herói deverá ter dentro do período de tempo escolhido por você. Pense em:

- a) características espirituais (ideias, ideais, valores, aspirações, conhecimentos, experiências, etc.);
- b) características sociais (relacionamentos íntimos, sociais, profissionais, etc.);
- c) características profissionais (carreira, status, atuação);

- d) ações de curto, médio e longo prazo necessárias para chegar lá;
- e) até quando você precisa ter seu plano de ação pronto para apresentar ao grupo;
- f) com que periodicidade você quer trocar ideias com o grupo a respeito de seu desenvolvimento planejado. Esse pode ser um exercício interessante para quando começamos a pensar no caminho que o herói já percorreu, nos eventos mais importantes. Esse pode vir a ser conteúdo para uma semana inteira de trabalho.

Biografias de personalidades

Trata-se da leitura e da análise em grupo de biografias de pessoas especiais, com focos pré-determinados. Ao realizar a leitura, cada participante foca um aspecto da biografia para, em seguida, compartilhar suas observações com o grupo.

Alguns exemplos: Como era a infância dessa personalidade? Como isso influenciou sua biografia na vida adulta? Qual seu temperamento e como a personalidade em questão lida com isso? Que valores norteiam suas atitudes?

Outros assuntos a serem desenvolvidos.

O encontro com a nova consciência.

- O encontro com o altruísmo.
- Reconhecer problemas sociais e achar a atuação adequada.
- Reconhecer as contraforças na sociedade e em si mesmo.
- As polaridades e o caminho do meio.
- Seis exercícios colaterais.
- Uma profunda compreensão da evolução da Humanidade.
- Conhecimento profundo do ser humano.
- Conhecimento das leis biográficas.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

- Como negociar ganha x ganha.
- Como conciliar conflitos.
- Como conduzir reuniões.
- Exercícios de situações que comprovem a superioridade do altruísmo sobre o egoísmo.

Literatura de autoajuda

Existe uma quantidade enorme de literatura de autoajuda. Muitas das obras são de grande valor e contribuem para a melhoria das condições do indivíduo.

Aparentemente, todas têm foco no sucesso individual. Mas em geral a motivação inicial para exercitar-se logo enfraquece, porque o indivíduo assume um compromisso apenas consigo mesmo, como se ninguém mais tivesse algo a ver com isso e, assim, pensa que pode simplesmente desistir sem prejudicar ninguém. Isso é muito comum, porque todo exercício gera certo cansaço antes de se tornar um hábito. No entanto, ao realizar os mesmos exercícios tendo como motivação básica o compromisso assumido com um grupo ou uma instituição que quer realizar, em conjunto, um objetivo maior, a responsabilidade em não desistir do exercício tem uma dimensão maior. Uma desistência sempre tem efeitos negativos, ainda que não sejam percebidos diretamente. E a consciência disso ajuda a superar a fase de cansaço e levar o exercício até o ponto do hábito.

Finalmente

O campo de atuação é tão vasto que nenhuma escola poderá oferecer tudo. Haverá escolas que irão se concentrar em determinados assuntos, e outras escolas que se concentrarão em assuntos diferentes, mas sempre com a visão comum da ciência espiritual. O conjunto todo poderá formar uma bela orquestra.

10. A estratégia de implantação das escolas

Condições gerais

Este capítulo traz uma ideia de como a criação e o desenvolvimento das escolas do altruísmo na época da alma da consciência podem acontecer. Trata-se de uma estratégia para várias décadas, ao longo das quais a situação política e social do país também influenciarão o processo.

O público final são todas as pessoas de todas as idades que querem contribuir para a melhoria das condições da convivência humana e desejam realizar um trabalho em conjunto na sociedade.

As pessoas que irão realizar esse objetivo são profissionais já existentes que desejam acrescentar à sua atuação os elementos da escola do altruísmo. Um público diferente pode formar grupos novos, principalmente no que diz respeito aos mais jovens, grupos formados especialmente com o intuito de criar e desenvolver uma escola do altruísmo.

Alguns critérios importantes são: o máximo de identificação com os objetivos e princípios, fidelidade a eles e o mínimo de estrutura e burocratização.

Uma ideia é constituir um órgão central, que podemos chamar de instituto, a fim de diferenciá-lo das escolas, que formariam a periferia.

Sendo assim, mantém-se um único instituto no centro, mas pode haver dezenas de escolas Brasil afora, formando a periferia desse sistema. O conjunto todo pode ser chamado de movimento. Além disso, as escolas devem ser financeiramente independentes, de maneira a manter as decisões o mais perto possível da ação.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Todo o material didático deve ser desenvolvido nas escolas e no instituto, pertencendo assim ao movimento. Dessa maneira, não há concorrência entre as escolas.

Quem fornece um selo de qualidade às escolas é o instituto, que também pode revogar esse selo em caso de discrepâncias sérias entre os princípios estabelecidos e a qualidade do trabalho oferecido.

Realização do projeto

Fundação do instituto da nova consciência e do altruísmo

O primeiro passo é a fundação de um instituto sem fins lucrativos.

Grupo fundador: com no máximo 12 pessoas.

Na ADIGO, no Instituto Eco Social e no Projeto Germinar há pessoas com:

- uma longa experiência em consultoria;
- conhecimento da Antroposofia;
- um histórico de sucesso;
- uma imagem positiva de credibilidade no mercado;
- contatos com grandes empresários que podem oferecer apoio;
- experiência de como estruturar uma nova iniciativa.

Em primeira instância, são pessoas assim que serão convidadas a assumir o movimento.

É importante que os convidados sintam motivação e comprometimento com a causa a fim de embarcar em algo novo assim. Deve existir liberdade total. Alguns sócios podem embarcar no projeto e outros podem apenas apoiar.

O instituto terá a incumbência de impulsionar e apoiar a criação das escolas. O grupo fundador do instituto deve definir a identidade, o nome, os objetivos e os princípios do ins-

tituto e escolher os grupos que deverão participar da criação do movimento.

Criação do movimento

Os membros do instituto devem buscar três grupos dispostos a desenvolver um projeto para a sua própria escola do altruísmo. Dessa maneira o modelo todo poderá ter seu funcionamento testado. Cada escola deverá ter um representante no instituto fazendo a ligação entre ele e a escola. Esses representantes são eleitos pelo grupo da escola por um prazo de dois anos, com direito a um segundo mandato.

No intercâmbio entre o instituto e os embriões das três escolas, são elaborados os objetivos, os princípios e as regras de trânsito para o movimento todo.

Financiamento

Provavelmente os consultores da ADIGO, do Instituto Eco Social e de outros grupos de consultores localizarão entre seus clientes empresários que gostariam de participar do movimento, como clientes ou apoiadores financeiros. Com isso já é possível dar o primeiro passo concreto em direção à trimembração do organismo social, com a vida econômica financiando a vida espiritual.

Inicialmente, quem deve arrecadar as doações financeiras é o instituto, que as distribui entre as várias escolas. Mais para a frente, cada escola poderá arrecadar e administrar seus próprios recursos.

A trimembração do organismo social não pode ser implantada como estrutura. Ela precisa acontecer por meio de passos pequenos, todos com a visão voltada ao objetivo final. Ao fundar uma sociedade sem fins lucrativos, podemos nos beneficiar da Lei Rouanet ou da regulamentação da Organiza-

ção da Sociedade Civil de Interesse Público – OSCIP, para a obtenção de apoio financeiro das empresas.

O começo do começo

A formação da escola deve acontecer pela atuação concreta: aprender fazendo. Deve-se evitar o máximo possível a formação de estruturas pré-pensadas. A realidade criada pela atuação concreta mostrará as necessidades de estruturação que garantam a eficácia do conjunto.

No início, o foco central deve ser a formação de profissionais, e todo o resto deve ser ordenado de tal maneira que sirva de apoio a esse fim. Devemos aproveitar tudo o que já existe atualmente relacionado à formação profissional e reconhecer essas atividades como válidas para a certificação pela escola do altruísmo, desde que elas atendam qualitativamente ao nível exigido.

É importante que um profissional certificado em determinado nível tenha absorvido o conteúdo dos níveis anteriores:

1. Formação dos consultores internos, com cerca de sete módulos de três ou quatro dias cada. Essa formação deve oferecer os instrumentos básicos para a atuação social e uma certificação de monitor ou algo parecido (entende-se que quem já promove seminários de formação deve continuar com essa atividade, que será reconhecida pela escola do altruísmo, caso corresponda qualitativamente ao nível exigido).
2. Uma formação que corresponda ao seminário de aprofundamento da ADIGO⁶ ou à formação biográfica, com cer-

6 O seminário de aprofundamento da ADIGO revela aos participantes as imagens arquetípicas que se encontram atrás dos instrumentos utilizados pelos profissionais de consultoria.

tificação de agente de transformação ou algo parecido (tam-bém aqui as formações existentes serão reconhecidas para a certificação profissional).

3. Uma formação, que não existe ainda, para pessoas que queiram se aprofundar na ciência espiritual e trazer ao mundo soluções inéditas e criativas que somente podem emergir desse tipo de conhecimento. Isso não pode ser certificado, pois é um processo contínuo e sem fim.

A alma da consciência ainda é uma grande desconhecida e ela vai exigir novas ações que ainda nem é possível imaginar. Tornar-se criativo a partir do espírito, eis o grande desafio. Tudo isso apenas será possível se agirmos realmente com altruísmo. A grande pergunta deve ser: “O que eu posso fazer para o outro conseguir progredir?”.

11. O nome da escola

Imagine a manchete:

“O instituto da nova consciência e do altruísmo desenvolve escolas do altruísmo Brasil afora”.

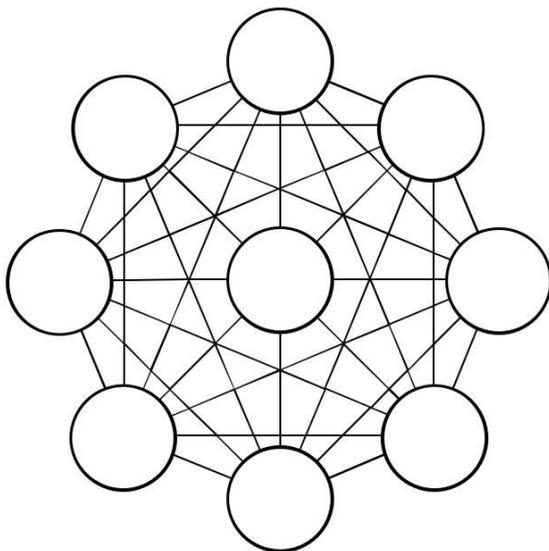
Testei vários nomes com pessoas diferentes, e “escola do al-truísmo” causou o maior impacto e a maior surpresa. Todos pediram para ser incluídos na lista de interessados.

Os problemas criados pelo egoísmo são visíveis a qualquer pessoa. Não precisamos convencer ninguém disso.

Uma segunda razão é que o altruísmo pode ser treinado, independentemente de correntes religiosas. Basta ter uma visão espiritual e ser uma pessoa de boa vontade. O importante, principalmente nas áreas periféricas, é que os problemas podem ser discutidos sem a necessidade de uma profunda visão de mundo. Quanto mais perto se chega da periferia em que moram as chamadas pessoas simples e humildes, menor a ne-

cessidade de uma escola do altruísmo. Essas pessoas já exercitam o altruísmo sem qualquer instrução adicional, ajudando-se mutuamente diante das necessidades mais prementes.

Uma visão profunda e abrangente é importante para os responsáveis pelas escolas e pelo instituto, a fim de que eles possam enxergar o que está acontecendo em cada momento da história do país e do mundo. Quais são as forças que atuam por trás dos fenômenos? Quais são as tendências? Qual é a linguagem adequada para cada tipo de público?



No desenho acima, o círculo central representa o instituto, e os círculos periféricos representam as escolas.

O círculo central encontra-se em um nível acima dos círculos da rede, de maneira que ele não interrompe as linhas de comunicação direta entre as várias escolas. O número de escolas não é limitado e depende do número de formadores e dos recursos financeiros disponíveis.

Inicialmente, existe apenas o instituto composto de seus membros fundadores. À medida que surjam pessoas competentes para desenvolver uma nova escola, esta será alocada no círculo como franquia. O círculo pode ter qualquer número de escolas, todas elas interligadas entre si. Quando já houver algumas escolas em funcionamento, os membros que participam do instituto central serão escolhidos pelos responsáveis das escolas, os quais também podem se candidatar. Inicialmente, a estrutura é centralizada, mas, conforme as pessoas amadurecem, tudo deve acontecer sociocraticamente.

Os programas das escolas serão padrão, pois são mais facilmente treináveis e estabelecem parâmetros dentro dos quais os monitores podem ser criativos, garantindo fidelidade às intenções iniciais.

12. Palavras finais

Recentemente recebi uma pergunta interessante e importante, com a qual, por enquanto, quero encerrar o presente trabalho: Qual é a diferença entre fraternidade e altruísmo?

Uma primeira reflexão me leva à resposta a seguir. O altruísmo é uma atitude básica, um estilo de vida que eu posso adotar individualmente e que não depende de uma resposta de outras pessoas.

Por meio de um processo de autoeducação, eu posso tornar-me uma pessoa cujo altruísmo se expressa por atitudes, comportamentos e atos, um eu firme, que sabe o que quer, que está de bem consigo mesmo, que respeita as necessidades, os direitos e as ideias dos outros tanto quanto os próprios.

A fraternidade é o princípio integrante do tripé sagrado arquetípico da convivência humana – Liberdade, Igualdade, Fraternidade – em que um princípio depende do outro para poder ser realizado.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Na fraternidade existe a expectativa e a confiança mútua de que cada participante atue de maneira altruísta.

Até o momento, isso somente era possível na convivência em mosteiros, conventos ou seitas religiosas. Mas não há dúvida de que a evolução da Humanidade aponta nessa direção.

Concluindo, podemos dizer que o tripé Liberdade, Igualdade e Fraternidade é o objetivo a ser alcançado por toda a Humanidade.

A trimembração do organismo social, desenvolvida por Rudolf Steiner, mostra como deve ser a estruturação macrosocial capaz de possibilitar a realização desse grande ideal da Humanidade, que é liberdade na vida cultural e espiritual, igualdade na vida política e jurídica e fraternidade na vida econômica.

O altruísmo é o caminho de aprendizado individual e coletivo para desenvolvermos as qualidades humanas necessárias a fim de enfrentarmos juntos esse grande desafio diante do qual a condução espiritual deste mundo nos colocou.

13. Anexos

Anexo 1: Esclarecimentos

A seguir, algumas definições importantes para um melhor entendimento do texto.

O que é GA

GA (do alemão Gesamtausgabe) pode ser traduzido por “edição geral”.

A edição geral da obra de Rudolf Steiner tem 354 volumes, os quais incluem:

- obras literárias – GA 1 a GA 28;
- redações – GA 29 a GA 36;
- palestras públicas – GA 37 a GA 84;
- palestras para membros da Sociedade Antroposófica – GA 88 a GA 270;
- palestras sobre áreas de atuação específicas – GA 271 a GA 354.

Rudolf Steiner (1861-1925)

Doutor em filosofia pela Universidade de Rostock, o pai da Antroposofia, teve percepções suprassensíveis já na infância.

Desde cedo ele precisou integrar em sua alma os dois mundos que ele vivenciava. Ele dividia o mundo físico com as outras pessoas, mas o mundo espiritual somente ele enxergava. Sobre o mundo espiritual ele não podia falar com ninguém, porque simplesmente não era compreendido. Quando adulto, essa condição lhe deu a capacidade de transmitir experiências espirituais em conceitos claros que complementavam os conhecimentos científicos da época. Com uma disciplina rigorosa, baseada em um pensar exato, e ancorado na ciência natural, Rudolf Steiner conseguiu transmitir os fenômenos do

mundo espiritual como ninguém antes dele havia feito. A antiga clarividência na Humanidade acontecia justamente com a exclusão do pensamento, mas com a ausência do pensamento não pode haver memória. Até Rudolf Steiner, as experiências espirituais somente podiam ser transmitidas para o mundo profano por meio de símbolos, parábolas ou imagens que utilizavam uma memória não baseada no pensamento autoconsciente.

Antroposofia

Uma das propostas da Antroposofia fundada por Rudolf Steiner em 1913, também denominada de Ciência Espiritual, é a de complementar a ciência natural, a qual, com seu pensamento positivista material, não tem acesso aos fenômenos suprassensíveis da alma e do espírito do ser humano.

A Antroposofia reconhece as conquistas grandiosas das ciências naturais, mas enxerga nelas um conhecimento apenas parcial quando se trata da alma e do espírito do homem. Não temos dúvidas de que em uma época futura, não muito distante, as duas ciências, a material e a espiritual, se integrarão a fim de dar respostas mais produtivas e abrangentes às questões, aos problemas e às angústias que atormentam a Humanidade moderna.

Mistério de Gólgota

Os acontecimentos de transição dos tempos ocorridos no período da Páscoa, com a morte de Cristo na cruz e sua ressurreição, compreendem um mistério que transcende a capacidade de compreensão pelo intelecto humano. Somente com o desenvolvimento da alma da consciência o ser humano terá condições de compreender de modo gradativo o real significado desse misté-

rio. Segundo Rudolf Steiner, o Mistério de Gólgota é o pivô, o ponto de inflexão de toda a evolução da Humanidade. Foi graças ao sacrifício de Cristo que o ser humano adquiriu um eu individualizado. Antes dessa época, o eu dos seres humanos era representado por um eu de grupo. O povo judeu se identificava com o pai Abraão, e os egípcios encontravam sua identidade no faraó. Mas com o Mistério de Gólgota Cristo doou um eu individualizado a cada ser humano, vivo ou morto, e tornou-se o Senhor do destino de cada um, independentemente de raça, cor ou religião.

Trimembração do organismo social

Na visão antroposófica, o ser humano é composto por três níveis diferentes, a saber: corpo, alma e espírito.

Para essas três entidades poderem se desenvolver de maneira sadia, elas dependem de um ambiente ou de um organismo social favorável a esse desenvolvimento.

Cada uma dessas três entidades tem necessidades diferentes para o seu desenvolvimento e, sendo assim, o organismo social no qual elas vivem deve apresentar um ambiente diferente de acordo com as necessidades de cada uma.

Para o desenvolvimento sadio do corpo físico, o organismo social deve entrar com seu sistema econômico, a fim de garantir ao ser humano sua sobrevivência. O princípio que rege o sistema econômico é a fraternidade.

Para o desenvolvimento sadio da alma humana, o organismo social deve oferecer uma convivência ordenada e baseada na justiça por meio de seu sistema jurídico, o qual vale para todos. O princípio que rege o sistema jurídico é a igualdade.

Por fim, para o desenvolvimento do espírito humano, o organismo social deve garantir a livre iniciativa de cada pessoa de acordo com suas aptidões e seus interesses, por meio de seu sistema cultural e espiritual. O princípio que rege esse sistema é a liberdade.

A Revolução Francesa aboliu a monarquia e acabou com a elite francesa desonesta e, do caos da revolução, surgiram três conceitos básicos para uma nova sociedade: liberdade, igualdade e fraternidade.

Esses três conceitos correspondem ao ideal de uma sociedade justa, mas sua inspiração foi logo deturpada e, desse modo, eles não frutificaram, pois:

- a liberdade, que deve reger a vida cultural e espiritual, é encontrada na vida econômica (free enterprise) e causa as dis-funções econômicas e sociais que encontramos hoje;
- a igualdade, que deve reger a vida jurídica, foi parar na vida espiritual, por exemplo nas ideologias nazistas e comunistas, em que todos tinham de pensar da mesma forma a fim de não serem castigados fisicamente. Essa deturpação também é encontrada em seitas religiosas, ditaduras e modismos da época atual;
- a fraternidade, que deve reger a vida econômica, foi varrida para debaixo do tapete.

Em 1919, Rudolf Steiner resgatou esses valores e os colocou no lugar certo ao formular o conceito da trimembração do organismo social, trazendo para os tempos atuais os princípios da liberdade, da igualdade e da fraternidade (ou solidariedade). Ele apresentou esses conceitos ao novo governo alemão logo após a Primeira Grande Guerra, mas não foi compreendido. O tempo para a sua compreensão não havia chegado ainda. Rudolf Steiner sabia que as ideias predominantes na época iriam levar o mundo a novas guerras. A Segunda Grande Guerra veio logo, com todo o sofrimento inerente a ela.

Agora, após o capitalismo e o comunismo mostrarem sua inviabilidade, estamos novamente diante de uma escolha: ou acordamos para as novas ideias de conteúdo espiritual ou a continui-

dade das tendências atuais levará a situações caóticas, em uma guerra de todos contra todos, como previu Rudolf Steiner.

Observação

Para quem estuda o significado desses três conceitos a fundo, fica evidente que os olhos se abrirão cada vez mais no intuito de enxergar a situação precária na qual a Humanidade se encontra, e descobriremos novos caminhos para a mudança. A mudança virá de baixo para cima, e não de cima para baixo, do indivíduo para a sociedade, e não da sociedade para o indivíduo. Não falo de revolução, mas sim de conscientização e transformação da realidade a partir de conceitos que ressoem na alma dos seres humanos que vivem no nosso tempo e têm carência de novas ideias.

Por trás desses conceitos, emerge a imagem do ser humano livre, consciente, praticante do bem. E a escola do altruísmo como caminho levará as futuras gerações a praticar o bem no mundo. As futuras gerações descobrirão que a vida se enriquece, ganha sentido e um significado mais profundo na medida em que a convivência é regida pelos princípios da liberdade, da igualdade e da fraternidade e que a verdadeira felicidade nunca pode ser encontrada nas coisas fúteis e materiais.

Anexo 2: Sintomatologia da história

GA 185, Dornach, 26 out. 1918 (trecho – tradução livre)

A alma da consciência confronta-se com dois mistérios:

- a) o mistério do mal; e
- b) o mistério da morte.

Esses dois mistérios estão interligados.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Quando nos perguntamos “O que é a morte?”, a ciência moderna tem uma resposta simples: “A morte é a ausência de vida!”.

Mas para a ciência do espírito a resposta não é tão simples assim. Primeiro, precisamos diferenciar a morte do homem da morte de qualquer outro ser vivo.

No cosmo existem forças, impulsos, que também atuam sobre o homem e que provocam sua morte. Mas não podemos dizer que essas forças existem para provocar a morte do homem.

Um exemplo: sabemos que, com o tempo, uma locomotiva provoca o desgaste dos trilhos, mas não podemos dizer que a locomotiva foi criada com o objetivo de desgastar os trilhos. Ainda assim ela provoca esse desgaste como efeito secundário.

A mesma coisa acontece com as mencionadas forças cósmicas. Elas não existem para causar a morte do homem, mas para capacitá-lo a desenvolver a sua alma da consciência durante a quinta época pós-atlântica. Em épocas anteriores elas tinham outras funções.

É preciso deixar claro que as mencionadas forças cósmicas não trazem a alma da consciência para o homem, mas trazem para o homem a capacitação necessária para que ele possa desenvolver a sua alma da consciência.

Da mesma maneira podemos descrever os mistérios do mal. Também aqui podemos afirmar que as forças do mal não têm a função primária de conduzir o homem para atos do mal. Trate-se novamente de um efeito secundário.

Se as forças da morte não existissem no cosmo, o homem não poderia desenvolver a sua alma da consciência. Na contínuação de seu desenvolvimento, ele não poderia receber, da maneira como deve, as forças da personalidade espiritual, do espírito-vida e do homem-espírito.

O homem precisa passar pela alma da consciência a fim de poder alcançar os estágios posteriores. Para isso ele deve integrar em seu ser as forças da morte durante a quinta época

pós-atlântica, a qual irá durar até meados do quarto milênio. Isso ele pode conseguir.

Mas ele não pode integrar as forças do mal em seu ser da mesma maneira. As forças do mal possuem características que impossibilitam ao homem conseguir a integração delas da maneira como ele integra as forças da morte atualmente. Isso será possível apenas na época de Júpiter.

Podemos dizer que, atualmente, as forças do mal agem de uma maneira menos intensa. Mas, quando queremos conhecer essas forças de uma maneira mais íntima, não devemos olhar para os efeitos externos que elas causam, devemos procurá-las lá onde elas existem em sua essência e onde atuam como devem atuar, porque as forças do mal que atuam no cosmo também atuam no homem.

Aí começa algo que posso expressar apenas na esperança de ser entendido com a mais profunda seriedade. Se queremos conhecer o mal no homem não devemos olhar para os atos maléficis que acontecem na sociedade e não devemos olhar para as consequências desses atos, mas devemos olhar para as inclinações para o mal. Devemos nos abstrair totalmente das consequências do mal e olhar apenas para as inclinações para o mal. Diante disso, podemos nos perguntar: “Em quais pessoas atuam as inclinações para o mal?”.

Obtemos a resposta ao tentar passar pelo guardião do limiar e conhecermos verdadeiramente o ser humano. E a resposta é a seguinte: encontramos as inclinações para o mal no subconsciente de todos os homens desse o início da quinta época pós-atlântica. A entrada do homem na quinta época pós-atlântica significa que ele absorve em si as inclinações para o mal.

De uma maneira mais radical ainda, mas absolutamente verdadeira, podemos dizer o que segue. Quem passa pelo limiar rumo ao mundo espiritual tem a seguinte experiência:

não há crime no mundo que não exista no subconsciente de todos os homens que vivem na quinta época pós-atlântica como inclinação. Se em um ou outro caso a inclinação conduz para um ato criminoso ou não, isso depende de outras cir-cunstâncias além da inclinação em si.

Então surge a pergunta: “O que intencionam as forças que produzem as inclinações para o mal no homem?”.

Elas não existem no cosmo para que o homem pratique maus atos na sociedade. Assim como as forças da morte não existem prioritariamente para que o homem morra, as forças do mal não existem prioritariamente para que o homem pratique atos criminosos. Elas existem no cosmo para que, quando o homem desenvolver a sua alma da consciência, ele possa receber a inclinação para a vida espiritual da maneira como já caracterizamos ontem. As forças do mal atuam no cosmo. O homem precisa absorvê-las. Ao absorvê-las ele implanta em si o germe para poder vivenciar a vida espiritual em sua alma da consciência. Se o homem não absorvesse as inclinações para o mal, ele não poderia, com base em sua alma da consciência, ter o impulso para absorver o espírito que a partir de agora precisa frutificar toda a vida cultural.

E devemos nos perguntar: “O que vai acontecer com essas forças, as quais em sua forma caricatural se apresentam nos atos maus dos homens e que em nossa época são ao mesmo tempo as forças que produzem as inclinações para o mal no homem? O que vai acontecer sob a influência dessas forças no desenvolvimento da Humanidade?”.

Ao falar dessas coisas precisamos nos aproximar muito do nervo central da evolução da Humanidade. Todas essas coisas têm uma relação com as fatalidades que atingiram a Humanidade ultimamente. As fatalidades que atingiram a Humanida-

de nos últimos tempos são apenas o prenúncio de fatalidades ainda muito maiores.

Mas os prenúncios apontam muitas vezes para o contrário daquilo que deverá realmente acontecer.

Isso não deve gerar pessimismo, mas servir como motivo para acordarmos.

Se partimos de um exemplo concreto poderemos entender melhor do que se trata. Vejam, já falei ontem: Um impulso importante no desenvolvimento da Humanidade, na época da alma da consciência, deve ser o crescimento do interesse que um homem tem para com o outro, como expliquei ontem. Esse interesse de um para o outro deve crescer para o restante de toda a evolução terrestre e deve acontecer em quatro áreas principalmente.

A primeira área é a seguinte: o homem, ao se desenvolver em direção ao futuro, deverá enxergar seus contemporâneos sempre de outra maneira. Mesmo que já tenhamos passado por um quinto do tempo da alma da consciência, o homem ainda tem pouca inclinação para a maneira como deverá enxergar o outro. Os homens ainda se olham de tal maneira que não enxergam o mais importante no outro. Nesse sentido, os homens ainda não aproveitam plenamente o que lhes foi transmitido ao longo de muitas encarnações por meio da arte. Por meio do desenvolvimento da arte podemos aprender muito.

Não podemos negar, quando praticamos sintomatologia, como sugeri nestas palestras, que a criação e a apreciação da arte encontram-se, quase em todos os ramos, em declínio. Todas as tentativas das últimas décadas mostram, para quem tem sensibilidade, que a arte se encontra em uma fase de declínio.

A característica mais importante que a arte deve manter ao longo da evolução da Humanidade em direção ao seu futuro é a de educar os homens para determinado entendimento do futuro a partir da arte.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Toda arte tem algo em si que pode levar a um conhecimento mais profundo do homem. Naturalmente, cada caminho artístico se ramifica das mais diversas formas e tem seus efeitos colaterais. Quem se aprofunda realmente nas formas artísticas que criam, por exemplo, a pintura e a plástica, ou na essência dos movimentos internos da música e da poesia, quem vivencia interiormente a arte de modo profundo, coisa que na época atual muitos artistas não fazem, compenetra-se com algo que lhe capacita a encarar o homem em determinada direção, na direção de sua natureza imaginativa. Isso é algo que virá sobre a Humanidade: enxergar o homem em uma imagem. Vocês já ouviram algo sobre os elementos desse enxergar em imagem.

Quando olhamos para o homem e a sua cabeça, obtemos uma indicação do passado. Assim como enxergamos o sonho como reminiscência da vida externa, e dessa maneira recebemos o seu significado, todos os fenômenos externos tornam-se, para aquele que enxerga, imagem de algo espiritual. Dessa maneira devemos aprender a enxergar a imagem arquetípica do ser humano por sua natureza imaginativa. Futuramente o homem se tornará transparente para o homem. Como é a forma da cabeça, como ele anda, tudo isso será visto com outro engajamento, diferente do que acontece atualmente.

Somente poderemos conhecer o homem em seu eu quando ganharmos uma imagem de sua forma imaginativa, quando sentirmos que aquilo que o olho externamente nos mostra se relaciona com a sua realidade espiritual, como a imagem na tela se relaciona com a realidade que ela representa.

Devemos desenvolver esse sentimento básico. Não devemos encontrar o homem e enxergar nele apenas a sua relação com seus ossos, músculos, sangue etc., mas devemos aprender a enxergá-lo como a imagem de seu ser eterno suprassensível e espiritual.

O homem passa por nós e não poderíamos conhecê-lo, se aquilo que passa por nós não despertasse em nós a imagem daquilo que ele é como Ser suprassensível e espiritual. É dessa maneira que enxergaremos o homem. O que veremos no homem, considerando as formas humanas e os movimentos humanos e tudo que se relaciona com isso, como imagem do eterno, nos deixará frios ou quentes, isso nos preencherá inte-riormente com calor ou frio. Assim caminharemos pelo mun-do conhecendo as pessoas intimamente.

Uma pessoa que encontrarmos nos fará sentir frios, a outra nos fará sentir quentes.

Quem mais vai sofrer são as pessoas que não deixam os ou-tros nem quentes nem frios.

Teremos uma vivência interior no éter calórico que penetra o nosso corpo etérico. Esse será o reflexo do elevado interesse de homem para homem, o qual precisa ser desenvolvido.

A segunda área deve despertar no homem atual sentimen-tos ainda mais paradoxos, porque ele atualmente não tem ne-nhuma inclinação para absorver essas coisas, mas talvez seja justamente essa antipatia que em tempos não muito distantes faz despertar nele uma simpatia para querer fazer o certo.

Essa segunda área é a seguinte: os homens se entenderão de uma maneira diferente. Os dois milênios que ainda restam para o desenvolvimento da alma da consciência possibilitarão isso. Mas esses dois milênios não serão totalmente suficien-tes, uma parte da sexta época pós-atlântica será necessária. Com a capacidade de reconhecimento do eu se desenvolverá uma segunda capacidade: a capacidade de captar no outro a sua relação com a terceira hierarquia – anjos, arcanjos e ar-queus. Isso será desenvolvido por meio de uma nova relação do homem com a língua. A língua já ultrapassou o auge de sua evolução. A língua tornou-se algo abstrato.

Uma onda da mais profunda inverdade assola o mundo por meio da tentativa de ordenar a Humanidade de acordo com as diferentes línguas dos povos. Os homens não têm mais a relação com a língua que os reconhece em sua essência por meio dela.

Para melhor entendimento desse assunto vou dar um exemplo que já dei em várias outras ocasiões, inclusive em uma palestra pública em Zurique, porque é bom trazer esses assuntos para públicos maiores.

Trata-se do seguinte: é surpreendente estudar trabalhos de Herman Grimm, que era um típico representante da cultura centro-europeia do século XIX, a respeito da metodologia da história e os comparar com textos de Woodrow Wilson. Como já mencionei em outros lugares eu fiz esse trabalho de comparação minuciosamente. Quando pegamos certas frases de Woodrow Wilson e as comparamos com certas frases de Herman Grimm, constatamos que as frases são praticamente idênticas. E novamente podemos pegar frases inteiras sobre a metodologia da história de Herman Grimm e achar nos textos de Woodrow Wilson. Mas apesar disso existem diferenças radicais entre os dois.

Quando lemos os dois, não pelo seu conteúdo, porque o conteúdo fica cada vez menos importante conforme a Humanidade vai evoluindo... No texto de Herman Grimm cada frase é uma conquista interior. Mesmo que não concordamos com o conteúdo, sentimos que cada frase é conquistada arduamente.

Woodrow Wilson lança suas frases impulsionado pelo próprio demônio pelo qual ele é dominado em seu subconsciente e que lhe inspira em seu consciente. A origem faz a diferença, de um lado a superfície da consciência, e de outro lado a pós-sessão do subconsciente inspirando o consciente. Precisamos ter clareza: o que vem do lado de Woodrow Wilson emana de uma certa possessão.

Escolhi esse exemplo para mostrar-lhes que nos dias atuais não é mais uma questão de coincidência exata de cada palavra.

Sinto a cada vez uma profunda tristeza quando amigos Antroposófos me trazem frases de um ou outro pastor ou professor dizendo: isso soa bem antroposoficamente! Na nossa época atual um professor pode expressar o que é politicamente correto e que coincide com o conhecimento da época. Mas não é mais uma questão das palavras certas, é uma questão de que região da alma humana jorram essas coisas.

Tudo que aqui é falado não é falado para formatar certas frases, mas depende do “como”. Depende de se as palavras são impregnadas pela força que emana do espírito.

E quem faz questão de uma coincidência exata das palavras, sem a percepção de como elas são impregnadas pelo espírito e como são colocadas dentro do contexto global da visão antroposófica, quem não tem a percepção do “como”, querendo identificar com sabedoria que vem de fora, não entende o que é falado aqui.

Não é agradável ter de expor esses exemplos, porque as inclinações humanas estão, em muitos casos, indo em sentido contrário. Mas existe uma responsabilidade de falar lá onde se busca a seriedade, não apenas sobre amenidades que servem como tranquilizantes e soníferos culturais.

As personalidades que falam sério deveriam ter a capacidade de ouvir o que isso significa para o mundo, quando não prestam atenção e deixam a “ordem de sua própria casa” para um professor americano mentecapto.

Não é agradável ter que falar sobre essas coisas, porque para muitos o caminho contrário é mais agradável e confortável.

De qualquer forma estou tocando apenas nas áreas absolutamente necessárias e sobre as quais as pessoas já têm mais condições, ou deveriam ter condições, para entender.

Enxergar por meio da linguagem, é isso que deve vir para

a Humanidade. As pessoas terão de aprender a captar na linguagem o gesto. O terceiro milênio não poderá passar sem que as pessoas tenham aprendido a ouvir, quando uma pessoa fala com a outra, de maneira diferente da de hoje. Eles encontrarão na linguagem a expressão de sua dependência da terceira hierarquia, anjos, arcanjos, arqueus, referente ao que do homem penetra no mundo suprassensível espiritual. Isso vai levar ao fenômeno no qual a alma do homem ouvida por meio da linguagem produz uma convivência social totalmente diferente da atual. As forças do mal precisarão ser transformadas para que a alma possa manifestar-se por meio da linguagem.

Quando o homem ouvir a alma por meio da linguagem, terá uma vivência de cores e nessa vivência de cores os homens se entenderão internacionalmente. Uma determinada vogal provocará a mesma sensação de um objeto azul, outra vogal provocará a sensação de vermelho. Aquilo que normalmente percebemos como calor, ao olhar para uma pessoa, irá se tornar cor ao escutarmos a pessoa. Teremos de vivenciar intimamente aquilo que nas asas das vogais ressoa de boca para ouvido. Isso vai acontecer com a Humanidade.

A terceira área é a vivência íntima das expressões de sentimentos de outras pessoas. Muita coisa acontecerá por meio da língua, mas não apenas por meio dela, acontecerá também quando uma pessoa encontrar a outra e encontrar em si a configuração dos sentimentos do outro na respiração. No futuro da Terra a respiração de um se orientará pela vida de sentimentos do outro que encontrarmos. Uma pessoa provocará em nós uma respiração mais acelerada, o outro uma respiração mais lenta.

Sentiremos, dependendo de nossa respiração se tornar lenta ou rápida, que tipo de pessoa estamos encontrando. Imaginem com que intimidade a vida social se desenvolverá. Até esses fe-

nômenos tornarem-se realidade, vai demorar mais tempo. Vai demorar toda a sexta época pós-atlântica, antes de tornar-se realidade. E na sétima época pós-atlântica realizaremos um pouco daquilo que vou descrever como a quarta área.

A quarta área tem a ver com o fato de as pessoas que querem formar uma comunidade precisarem digerir-se mutuamente.

Desculpem as palavras fortes. Quando precisarmos querer ou quando quisermos querer fazer algo com outra pessoa, sentiremos algo como sentimos nos tempos atuais, da maneira mais primitiva, quando comemos um ou outro alimento.

As pessoas terão de se digerir mutuamente na área do querer, as pessoas terão de se respirar mutuamente na área do sentir, as pessoas terão de se sentir coloridas mutuamente na área da compreensão mútua, por meio da linguagem, as pessoas se conhecerão mutuamente como eu ao enxergar-se de fato mutuamente.

Mas todas essas forças serão mais interiores e anímicas. Para elas se formarem totalmente serão necessárias as épocas de Júpiter, Vênus e Vulcano. Vestígios disso já devem ser realizados durante a época terrestre. Mas a época atual com a sua evolução catastrófica significa uma violenta rejeição contra aquilo que acabei de apresentar.

A Humanidade, seguindo o simplório princípio de que os homens devem agrupar-se em nações, rejeitam a evolução intencionada pelos deuses. É um puxar para a direção oposta daquilo que deverá acontecer.

Precisamos desenvolver uma percepção para essas coisas se quisermos entender o mistério do mal. O mal é, em muitos casos, um efeito secundário daquilo que deve acontecer na evolução.

Uma locomotiva que deve viajar para longe e entra em trilhos ruins destrói os trilhos e não consegue ir adiante.

A Humanidade realiza a sua evolução em direção a objeti-

vos que acabei de apresentar para vocês, e a tarefa da alma da consciência é a de reconhecer que a Humanidade precisa procurar alcançar esses objetivos.

Porém os trilhos colocados até agora são muito ruins, e deve demorar ainda um bom tempo até que estejam disponíveis trilhos melhores, porque atualmente procura-se trocar trilhos ruins por outros que não são melhores.

Mas como vocês podem ver, a ciência espiritual não promo-ve pessimismo.

A ciência espiritual quer conscientizar o homem e lhe mostrar em qual caminho de desenvolvimento ele está se movendo. Mas a ciência espiritual exige do homem que ele abandone, pelo menos em alguns momentos gloriosos, as inclinações habituais. Devido ao fato de ser tão difícil para os homens abandonar inclinações e hábitos, caindo logo novamente em sua rotina velha, é tão difícil falar sobre essas coisas sem re-servas.

Abordam-se assuntos, e isso faz parte da natureza de nos-sa época, com relação aos quais a Humanidade quer jogar-se no abismo, e é preciso um esforço constante para mantê-la acordada. Muitas coisas podem ser expressas apenas dentro de certos limites, ou são mantidas em silêncio ou são adiadas.

Oito dias atrás recebi um pedido para falar sobre a sintomatologia histórica da Suíça. Pensei seriamente sobre o assunto e cheguei à conclusão de, como não sou suíço, não o fazer.

Voltando para o término da palestra.

Não se trata do argumento barato e repetitivo segundo o qual as pessoas da atualidade não são acessíveis. Não se trata disso, mas se trata da questão se nós realmente fazemos o necessário a fim de trazer as verdades às pessoas, quando temos oportunidade de fazê-lo. E a outra coisa é que não nos façamos ilusões sobre a capacidade de assimilação das pes-

soas, de termos clareza que as pessoas têm pouca capacidade de assimilação, justamente daquilo que elas mais necessitam, teimando em ordenar o mundo de uma maneira que o mundo não pode ser ordenado, se a Humanidade deve seguir o seu caminho de desenvolvimento.

Colhemos as maiores decepções nesse sentido, mas aceitamos a experiência sem ressentimentos e aprendemos dela como agir em outra situação. Eu vou tratar dessas situações ainda mais minuciosamente.

Teria sido muito bom se de círculos da maçonaria europeia tivéssemos encontrado pelo menos algumas pessoas que tivessem consciência da abrangência daquilo que apresentei dois anos atrás com relação às sociedades secretas no mundo. Mas infelizmente somente encontrei ouvidos surdos. Não existe nada mais infrutífero do que a posição da maçonaria da Europa central nas últimas décadas. Isso já se tornou visível, e sempre se afirma de novo que não podemos conectar a ciência espiritual com círculos da maçonaria.

Na época, apresentou-se um palestrante que falava um monte de besteiras sobre símbolos e coisas parecidas, que foram assimiladas com bastante seriedade, porque eram mais fáceis de entender do que as verdades antroposóficas. Tratava-se de Horneffer que dizia também pesquisar Nietzsche.

Existem hoje agitadores para a renovação da vida espiritual que pregam que as pessoas somente precisam deitar-se no sofá e esvaziar-se interiormente a fim de que o Eu superior e Deus se manifestassem. Conheci estadistas que preferiram aderir a esses pregadores e achar o seu eu de uma maneira mais confortável do que pela ciência espiritual antroposófica.

Um amigo me contou recentemente que um desses pregadores lhe confessou o seguinte: você não imagina quão ignorante eu sou. Ele queria provar que não é preciso ser inteligente para trazer às pessoas a fonte da sabedoria cósmica. Ele tem bastan-

te sucesso e um público em todas as camadas sociais, porque o que ele fala é mais cômodo do que ter de entender as necessidades da alma da consciência – que os homens devem aquecer-se mutuamente, colorir-se mutuamente, respirar-se mutuamente e digerir-se mutuamente. E para poder penetrar dentro de um assunto desses é necessário ter lido vários livros anteriormente, o que é pouco cômodo. Mas o fato de ser cômodo tem a ver com o impulso catastrófico de nossa época, com o desastre da nossa época. No entanto, isso não deve gerar pessimismo, mas apenas força para transformar o reconhecimento em ação. E isso precisa ser repetido sempre. Deixo a cargo de cada um dos presentes lembrar-se daquilo que falei ontem a respeito do fenômeno da pressão e da sucção. Pode ser que as pessoas digam: “Na Rússia os burgueses não conseguiram se conectar com os agricultores, mas a nossa situação é mais favorável, porque os burgueses e os agricultores se juntaram para promover o socialismo”. As pessoas se esquecem de que muita gente falou a mesma coisa na Rússia, e os resultados são visíveis.

Anexo 3 – Etapas preliminares do Mistério de Gólgota

GA 152, Basileia, 1 jun. 1914 (trecho – tradução livre)

Para a nossa cultura atual é de uma importância fundamental nos relacionarmos com um novo reconhecimento de Cristo. Os que carregam o selo oficial do cristianismo têm uma atitude hostil com relação ao novo reconhecimento de Cristo. Torna-se cada vez mais necessário para a nossa cultura atual que exista uma escola do altruísmo. Uma renovação da moralidade e um aprofundamento da vida ética humana somente são possíveis por meio do treinamento para o altruísmo.

Devido às circunstâncias da época atual, a escola do altruísmo somente pode tornar-se realidade por meio de um pro-

fundo conhecimento do significado do altruísmo. Em toda a evolução não existe outro exemplo para o altruísmo tão pene-trante como o aparecimento de Cristo na Terra. Reconhecer Cristo significa absorver a escola do altruísmo. Reconhecer Cristo significa conhecer todos os impulsos que ao longo da evolução humana gotejaram para dentro da nossa alma de modo a aquecer e inflamar em nós tudo que tem uma predis-posição para o altruísmo.

Sob a influência do materialismo, o altruísmo foi perdido na humanidade de uma maneira que somente gerações vindouras terão a possibilidade de avaliar. Mas com o aprofundamento no Mistério de Gólgota com toda a nossa alma, podemos restabelecer uma cultura do altruísmo. O que Cristo fez tem como impulso básico o altruísmo, e o que ele pode ser para o desenvolvimento consciente da alma humana é o conteúdo da escola do altruísmo.

Antes do Mistério de Gólgota, Cristo salvou a Humanidade três vezes por meio de sua ligação, no mundo espiritual, com o ser angelical que na transição dos tempos vivia em Jesus de Nazaré (Jesus Natânico).

Na época lemúrica, quando os seres humanos começaram a se encarnar pela primeira vez em corpos terrestres, Cristo se ligou com o ser que mais tarde se tornaria Jesus de Nazaré. O objetivo era regular as impressões sensoriais dos homens que, devido à influência luciférica, teriam ficado exageradas devido à sua intensidade, variando entre a volúpia animalesca e a dor insuportável. Sem a interferência de Cristo por meio desse ser angelical, os homens teriam se desenvolvido de uma maneira diferente, que não permitiria a sua evolução. Cristo, por intermédio da alma de Jesus de Nazaré, atuou sobre o organismo físico do homem, harmonizando as percepções sensoriais, tornando-as altruístas.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

No início da época atlântica, Cristo se ligou novamente com o mesmo ser angelical, dessa vez a fim de regular as forças vitais dos homens, nos diversos órgãos vitais que pela atuação das forças luciféricas e arimânicas teriam atuado de tal maneira que uma porção de alimentos teria provocado neles uma ganância irrefreável e impulsos animalescos. A alma humana teria sido arrastada entre ganância (simpatia) e nojo (antipatia) exagerado. Novamente o ser angelical tinha de absorver essas forças negativas em si, a fim de pedir ajuda para Cristo. Cristo atuou sobre o organismo etérico do homem, harmonizando as forças vitais, tornando os órgãos vitais altruístas.

No fim da época atlântica, as forças luciféricas e arimânicas tentaram embaralhar as forças anímicas do homem: pensar, sentir e querer.

O Homem teria se inflamado por qualquer impulso ou teria se escondido cheio de medo e ódio. Uma terceira vez o ser angélico tinha de penetrar nessas emoções e tornar-se dragão a fim de pedir ajuda a Cristo. Cristo, por meio do ser angelical, atuou sobre o corpo astral do homem harmonizando as forças anímicas, tornando-as altruístas.

Resumindo, podemos dizer que Cristo atuou em três ocasiões para tornar os nossos sentidos (físico), os nossos órgãos vitais (etérico) e as nossas forças anímicas (astral) altruístas, lembrando que esses eventos aconteceram no mundo suprassensível. O próximo evento acontece na Terra, o Mistério de Gólgota.

Podemos encontrar estas imagens nos mitos de todos os povos: São Jorge, São Miguel, Apolo etc.

Na transição dos tempos, acontece o quarto evento, quando Cristo se incorpora em Jesus de Nazaré na hora do batizado no rio Jordão. Dessa vez é para harmonizar as forças do eu (o

eu precisa dominar o Ego e tornar-se altruísta). Não eu, mas Cristo em mim. Esse processo ainda está em andamento.

No batizado, Cristo penetra todos os invólucros de Jesus de Nazaré: seu corpo físico, seu corpo etérico, seu corpo astral e sua organização do eu.

Com a morte na cruz, esses invólucros de Jesus de Nazaré foram guardados no mundo espiritual e impressos como imagens em seres humanos de acordo com as necessidades da evolução.

Anexo 4 – O aspecto interno do enigma social

GA 193, Palestra 6; Berlim, 12 set. 1919 (trecho – tradução livre)

Existem atualmente dois caminhos para a Humanidade.

O primeiro passa pela mecanização do espírito. Nos últimos tempos, o espírito ficou muito mecanizado, principalmente nas abstratas leis naturais, que são transferidas para dentro da convivência social.

E pela vegetalização da alma.

Os vegetais dormem, a alma humana também tem a tendência de dormir.

Os acontecimentos mais importantes não são captados por-que se dorme.

Os acontecimentos mais importantes dos últimos tempos passaram na dormência das almas. Também nos dias atuais os acontecimentos mais importantes passam despercebidos porque se dorme.

Mecanização do espírito no Ocidente (americanização).

Vegetalização da alma (dormência na Europa).

Animalização dos corpos no Oriente (bolchevismo).

Esse é o primeiro caminho.

O segundo caminho é o despertar do espírito que corresponde à época do desenvolvimento da alma da consciência:

- na conexão da alma humana com a atuação das hierarquias superiores (espírito);
- no reconhecimento da alma humana que vem de estágios anteriores da Terra (alma);
- na trimembração do organismo social (corpo).

Todos esses aspectos são interligados. As pessoas que estão ligadas à ciência do espírito deveriam sentir-se como o núcleo do qual irradia a força para a transformação social. O que vem de outros impulsos sociais pode ser muito positivo, mas precisa ser lapidado, pois a verdadeira transformação social somente pode acontecer a partir de impulsos espirituais.

Anexo 5 – O aspecto interno do enigma social

GA 193, Zurique, 11 fev. 1919 (trecho - tradução livre)

Os dois caminhos para Cristo

Para quem se ocupa seriamente com as questões da ciência do espírito, surge a pergunta: “Como posso encontrar o verdadeiro caminho que me conduz para aquele ser divino que justifica o nome de Cristo?”.

Se nós nascemos e somos encaminhados para a vida da maneira usual, desenvolvendo os nossos potenciais entre o nascimento e a morte, não temos razões para chegar a Cristo.

Se nós vivemos e nos desenvolvemos como a maioria das pessoas o faz, não encontraremos Cristo. Mas como podemos chegar a Cristo? A iniciativa de escolher o caminho para Cristo precisa emergir do fundo da própria alma.

Para Deus, que é idêntico ao Deus Jeová, podemos chegar lá simplesmente levando uma vida saudável. Não encontrar Deus Jeová é simplesmente uma espécie de doença do homem. Negar a existência de Deus, ser ateísta, significa estar doente. Se absorvemos um desenvolvimento normal, não podemos negar a existência de Deus, porque é simplesmente ridículo querer acreditar que aquilo que carregamos em nosso organismo saudável possa existir sem uma origem divina. O Ex Deo Nascimur é algo que na vida social se apresenta automaticamente para o homem sadio. Se ele não reconhece “do divino nasci”, ele deve ter algum defeito que se manifesta na maneira de ser ateísta. Mas nós chegamos ao divino geral, que os pastores modernos mentirosamente denominam de Cristo, mas que não é Cristo.

A Cristo somente chegamos – e estou falando dos tempos atuais – quando vamos além do naturalmente sadio. Sabemos que o Mistério de Gólgota tinha de descer para a Terra, por-que o homem não teria sido capaz de encontrar a dignidade humana sem o impulso de Cristo.

Assim não precisamos apenas encontrar o nosso homem interior entre o nascimento e a morte, mas precisamos reencontrá-lo, se quisermos ser cristãos no verdadeiro sentido, quando queremos nos aproximar de Cristo.

Precisamos reencontrar o nosso homem interior da seguinte maneira: precisamos buscar a sinceridade interior, precisamos nos mobilizar para a sinceridade interior a fim de reconhecer que com relação aos nossos pensamentos, após o Mistério de Gólgota, não nascemos sem preconceitos, que nascemos com certos preconceitos.

No momento que julgamos o homem conforme Rousseau e outros filósofos, como perfeitos, não é possível encontrar Cristo. Encontramos Cristo apenas ao saber que o homem, que vive após o Mistério de Gólgota, tem um defeito, o qual

ele precisa equilibrar por meio da sua própria atuação aqui na Terra. Eu nasci com preconceitos em meu pensar e preciso superá-los ao longo da vida. Como posso conquistar essa ausência de preconceitos?

Unicamente ao interessar-me não apenas pelos meus próprios pensamentos, por aquilo que eu considero certo, mas ao desenvolver um genuíno interesse por tudo que os outros pensam, mesmo se eu o considerar um erro.

Quanto mais o homem quer deixar prevalecer apenas as suas próprias opiniões, tanto mais ele se afasta de Cristo. Quanto mais ele desenvolve um interesse pelas opiniões alheias, mesmo as considerando um erro, quanto mais o homem ilumina os próprios pensamentos com os pensamentos dos outros, quanto mais ele coloca os pensamentos, que ele talvez considere um erro, ao lado de seus pensamentos próprios, que ele talvez considere como certos, tanto mais ele sente no íntimo de sua alma uma palavra de Cristo, que atualmente precisa ser interpretada nas palavras da época atual: o que vocês fazem para um dos meus irmãos mais humildes vocês fazem para mim.

Cristo não para de se revelar, sempre de novo, para os homens até o fim dos tempos. Para aqueles que querem ouvir, ele fala atualmente assim: o que um de seus irmãos mais humildes pensa, vocês devem encarar como se eu estivesse pensando nele, é que eu sinto com vocês quando vocês comparam os próprios pensamentos com os pensamentos dele com interesse social para aquilo que acontece na alma do outro. Naquilo que vocês encontram como opinião, como filosofia de vida no irmão mais humilde, vocês procuram a mim. Assim fala Cristo que quer se revelar de uma nova maneira no século XX, dentro de nossa vida pensante, a fim de que saibamos que Cristo é Deus para todos os homens.

Mas não o encontraremos se de maneira egoísta nos fecharmos em nós mesmos com nossos pensamentos. Nós o encontraremos quando compararmos nossos pensamentos com os pensamentos dos outros, quando ampliarmos o nosso interesse em uma tolerância interior para tudo que é humano, quando dissermos a nós mesmos: “Por natureza eu sou um homem preconceituoso. Pelo meu renascimento por meio dos pensamentos de todos os homens, desenvolverei um sentimento social pensante abrangente, como impulso de Cristo”.

Quando não me considero como fonte de tudo que penso, mas quando me considero até o âmago de minha alma um membro da Humanidade, encontro o caminho para Cristo.

Esse é o caminho do pensar que na época atual leva para Cristo:

Autoeducação severa no sentido de adquirir em nossas con-versas uma consideração para os pensamentos alheios, cor-rigindo o que carregamos em nós como direção própria. Isso deve tornar-se uma séria disciplina e uma missão em nossa vida. Se essa missão de vida não fosse cumprida, a Humanidade perderia o caminho para Cristo. Esse é o caminho do pensar para Cristo nos tempos atuais.

O outro caminho passa pelo nosso querer. Também aqui os homens não escolheram o caminho que leva a Cristo, mas o que os afasta de Cristo. E precisamos reencontrar o caminho. A juventude ainda possui algum idealismo, o restante da Humanidade é sóbria e seca. A Humanidade atual é altiva sobre aquilo que ela chama de praticidade, mas que na realidade não passa de um bitolamento. A Humanidade atual não quer saber de ideias que emanam de fonte espiritual. A juventude ainda tem esses ideais. Em nenhuma época da história a vida dos velhos divergia tanto da vida dos jovens como nos tempos

atuais. Não compreender o ser humano é característica para a nossa época.

Ontem eu mencionei a profunda vala que existe entre o proletariado e a burguesia, mas também entre a juventude e os velhos. Isso é um fato que precisamos levar seriamente em consideração. Vamos tentar entender a juventude com relação ao seu entusiasmo. Muito bonito, mas atualmente tenta-se extinguir o idealismo da juventude. Tenta-se extinguir o idealismo da juventude, privando-a de uma educação da fantasia, de uma educação da fantasia por meio dos conto de fadas, das lendas, de tudo aquilo que poderia tirá-la da objetividade racional e seca. Mas mesmo assim será difícil exorcizar da juventude o entusiasmo natural, elementar. Mas o que é isso?

É belo, é grandioso, mas mesmo assim não pode ser a única coisa no homem, porque esse idealismo juvenil refere-se ao Ex Deo Nascimur, do divino que é idêntico a Deus Jeová, que não pode ser o único impulso depois de o Mistério de Gólgota ter descido para a Terra. Ao lado disso deve acontecer ainda algo diferente. Ao lado disso deve acontecer uma educação e uma autoeducação para o idealismo. Ao lado do idealismo natural da juventude deve brotar na comunidade humana um idealismo adquirido, que não seja apenas o calor do sangue e o fogo juvenil, mas um idealismo que seja adquirido por meio da educação e da autoeducação a partir de uma iniciativa própria. Um idealismo adquirido por meio da autoeducação que não se perde com o fim da juventude é algo que abre caminho para Cristo, porque se trata de algo adquirido entre o nascimento e a morte.

Tentem sentir a grande diferença que existe entre o idealismo do fogo juvenil e aquele fogo do idealismo proveniente da vida espiritual, que sempre pode ser renovado, porque foi aceso na alma, independentemente do corpo físico. Então

vocês terão captado o segundo idealismo, que é o idealismo adquirido, o idealismo do renascimento, e não o idealismo nativo. Esse é o caminho do Querer para Cristo. Nos tempos atuais não perguntem por caminhos abstratos para Cristo, perguntem por esse caminho concreto. Perguntem como é o caminho do pensar que consiste em nos tornarmos interiormente tolerantes para as opiniões da Humanidade, quando desenvolvemos um interesse social para os pensamentos das outras pessoas. Perguntem como é o caminho da vontade, e vocês não encontrarão algo abstrato, mas encontrarão a necessidade de desenvolver o idealismo por meio da autoeducação. Quando vocês se autoeducam para esse idealismo, ou quando vocês educam a juventude, o que é especialmente importante, para esse idealismo, vocês encontraram naquilo que é ensinado como idealismo não apenas o impulso para fazer aquilo que o mundo pede. Desse idealismo jorram os impulsos para fazer mais do que aquilo que o mundo exige, jorram os impulsos para atuar a partir do espírito.

Quando atuamos a partir do idealismo adquirido, realizamos aquilo que Cristo queria. Cristo não desceu do cosmo para a Terra para alcançar objetivos terrestres, mas para alcançar objetivos cósmicos. Somente podemos nos unir a ele quando nos educamos para o idealismo, de maneira que Cristo suprassensível na Terra possa atuar em nós. Somente no idealismo adquirido podemos realizar a palavra de Paulo: Não eu, mas Cristo em mim. Quem não quer tentar desenvolver, no renascimento moral, o idealismo adquirido não pode dizer outra coisa do que “Não eu, mas Deus Jeová em mim”. Mas quem adquirir o idealismo pela autoeducação pode dizer “Não eu, mas Cristo em mim”.

Esses são os dois caminhos pelos quais encontramos Cristo. Caminhando por eles não podemos mais falar com uma mentira interior. Poderemos falar de Cristo como o Deus de nosso renascimento, enquanto Jeová é o Deus de nosso nascimento.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Essa diferença precisa ser encontrada pelo homem atual, pois é essa diferença que nos leva a verdadeiros sentimentos e interesses sociais. Quem desenvolve em si idealismo adquirido desenvolve amor pelo ser humano. Podemos pregar o amor infinitamente a partir dos púlpitos. Não faremos outra coisa além de falar para o aquecedor para ele aquecer o quarto. Podemos tentar convencê-lo, mas ele não aquecerá o quarto. Ele aquecerá o quarto quando colocarmos carvão nele e o acendermos. Não precisamos convencê-lo para ele cumprir a sua obrigação de forno. Assim, podemos pregar amor, amor, amor. Essa é apenas uma palavra.

Trabalhem no sentido da vivência de um renascimento do idealismo nativo do sangue para o idealismo adquirido que se mantém ao longo da vida. Dessa maneira vocês acendem na alma o amor pelo ser humano.

Na medida em que vocês se autoeducam para o idealismo adquirido, a alma os conduz, saindo do egoísmo para um interesse autônomo genuíno pelas outras pessoas. Ao seguir esses dois caminhos, o do pensar e o do querer, que eu indiquei com relação à renovação do cristianismo, vocês vivenciarão algo: a partir de pensamentos tolerantes, que se interessam pelos pensamentos dos outros, e a partir da vontade renascida pelo idealismo adquirido, algo na alma é despertado que não pode ser denominado de outra maneira que não um senso de responsabilidade por tudo que pensamos ou fazemos, de maneira que nós comecemos a nos questionar: “Posso justificar isso, não apenas diante do círculo íntimo, mas perante o mundo espiritual? Posso justificar isso ao saber que tudo que faço aqui na Terra será registrado na crônica do akasha para a eternidade, onde continuará agindo?”. Sentiremos essa responsabilidade suprassensível de maneira muito forte com relação a tudo.

É como um ser que nos acompanha e espia sobre o nosso ombro e diz: “Você não é responsável apenas diante do mundo, mas diante do mundo divino espiritual por aquilo que você pensa e faz.”

Esse ser que espia sobre o nosso ombro, aumentando nosso senso de responsabilidade e nos conduzindo por caminhos diferentes dos de anteriormente, é aquele ser que nos conduz para perto de Cristo, que passou pelo Mistério de Gólgota. Esse caminho para Cristo relaciona-se profundamente com os impulsos sociais e os deveres de nosso tempo.

Anexo 6 – Metamorfoses da vida anímica

GA 59, Berlim, 21 out. 1909 – A missão da ira (texto integral; tradução de Jonas Bach)

Quando nos aprofundamos na alma humana, a partir do ponto de vista no qual a vida anímica deve ser considerada, o velho ditado do sábio grego Heráclito pode vir de novo à mente: “Nunca encontrarás as fronteiras da alma por qualquer caminho que busques, de tão abrangente que é a natureza da alma”. Devemos falar da vida anímica aqui não no sentido como acontece atualmente com frequência, do ponto de vista da teoria da alma comum ou da psicologia, mas da perspectiva da ciência do espírito. A ciência do espírito estabelece com segurança que há um mundo espiritual por trás de tudo o que os sentidos externos fornecem e de tudo o que é dado ao intelecto. Ela considera o âmbito espiritual, real e efetivo como fonte e fundamento primordial da existência externa, e o ser humano como capaz, também, de realmente pesquisar esse mundo espiritual. Já foi citado neste ciclo de palestras de que modo essa ciência do espírito, ou Antroposofia, se diferencia de alguns pontos de vista da atualidade,

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

e devemos nos lembrar, brevemente, dessas diferenças. Na vida comum e na ciência comum, fala-se habitualmente que o conhecimento humano tem este ou aquele limite, que não podemos conhecer isto ou aquilo porque estamos presos dentro da fronteira do conhecimento. Uma pessoa dirá, talvez, se não quiser recusar completamente um mundo suprassensível e espiritual: “Deixemos esse mundo espiritual de lado, pois o ser humano, porque assim é sua natureza, só pode penetrar no mundo físico e ter, no máximo, algumas noções conforme seu intelecto sobre o que há por trás deste mundo físico, segundo hipóteses”. Uma outra pessoa dirá, talvez, ampliando ainda essa visão, que um mundo suprassensível não tem nada a ver conosco. A ciência do espírito não sustenta isso e diz que a substância do mundo é infinita, que o conhecimento humano depende de órgãos de percepção para isso. O ser humano nunca saberia que há um mundo colorido e preenchido de luz se não tivesse olhos, nem saberia que há um mundo permeado de sons se não tivesse ouvidos. Com cada novo órgão, com cada possibilidade de uma nova percepção, abre-se um novo lado, um novo âmbito do mundo. E assim a ciência do espírito sustenta que as fronteiras do conhecimento humano podem ser temporárias, que elas podem ser ampliadas e que existem capacidades escondidas em nossa alma que podemos recuperar. Assim como luz e cores surgem da escuridão para o cego de nascimento que foi operado, assim também, a partir do mundo que era antes conforme os sentidos externos transmitiam, surgem para quem despertou em si as capacidades anímico-espirituais escondidas, um mundo espiritual que está sempre em torno de nós e que sem os órgãos espirituais não podemos conhecer. A ciência do espírito, ou Antroposofia, não diz que aqui ou lá existem fronteiras, mas pergunta: “Como precisamos reestruturar a nós mesmos a fim de penetrar cada vez mais profundamente nesse mundo, a fim de

ter vivências mais abrangentes?”. E a ciência do espírito deve sempre chamar a atenção para o grande evento, por meio do qual o ser humano se torna um pesquisador do espírito e passa a ver dentro do mundo espiritual, assim como o pesquisador no âmbito físico olha para dentro do mundo físico com o microscópio. Com certeza, em relação ao mundo espiritual, valem as palavras de Goethe:

Misteriosamente, na luz do dia,
O véu da natureza não pode ser retirado.
E o que ela não quer ao teu espírito revelar,
Tu não podes com ferramentas lhe arrancar.

O pesquisador do espírito não possui um instrumento externo constituído de lentes ou outros componentes. Ele mesmo deve transformar sua alma em um instrumento, então vivencia em um nível superior aquele poderoso momento de despertamento de sua alma, pois pode ver dentro de um mundo espiritual, como o cego operado pode ver dentro de um mundo que antes não percebia. Foi enfatizado muitas vezes nas palestras anteriores que nem todo mundo precisa se tornar um pesquisador do espírito para reconhecer hoje o que a pessoa desperta tem para comunicar. O senso imparcial da verdade e a lógica comum são suficientes para as pessoas compreenderem os conhecimentos da ciência do espírito. A pesquisa solicita o olho aberto do clarividente, o reconhecimento dos relatos solicita o senso saudável da verdade e a sensatez natural, imparcial, por meio de um sentimento que não se perturba com preconceitos. Portanto, o essencial é que compreendamos a teoria e a observação da alma no sentido dessa pesquisa do espírito, quando falarmos nas próximas palestras sobre as características anímicas que interessam às pessoas. Assim como só pode pesquisar o hidrogênio, o oxi-

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

gênio e outros elementos químicos quem adquiriu capacidade para isso, do mesmo modo só pode ver o que a vida anímica é quem teve os olhos do espírito abertos. Para pesquisar a alma, devemos ser capazes, por assim dizer, de fazer observações na substância anímica. Por isso, não devemos ver, de fato, a alma como algo indeterminado, nebuloso, no qual se agitam sentimentos, pensamentos e impulsos da vontade, mas devemos nos familiarizar mais uma vez hoje, em um esboço, com o que foi dito nas palestras anteriores sobre o mesmo tema. Nós consideramos o homem um ser muito mais complexo do que a ciência comum o considera. Aquilo que a observação física externa conhece do homem é, para a ciência do espírito, apenas uma parte da entidade humana: o corpo físico externo que o homem tem em comum com todo o reino mineral do nosso ambiente. Dentro dele dominam as mesmas leis, atuam as mesmas substâncias do mundo físico-mineral externo. Mas além disso, reconhecemos na ciência do espírito um segundo membro da entidade humana, não somente por meio de uma conclusão lógica, mas por observações que denominamos corpo etérico, ou corpo vital. Faremos apenas uma breve refe-rência a esse membro da natureza humana, pois nossa tarefa hoje é outra e deve se basear no conhecimento a respeito dele. O ser humano não possui o corpo etérico, ou o corpo vital, em comum com o reino mineral e físico em seu ambiente, mas possui o corpo etérico em comum com tudo o que vive. Como eu disse, quem se tornou um pesquisador do espírito, quem tornou a alma um instrumento que pode ver nos mundos es-pirituais, conhece esse corpo etérico, ou vital, a partir da ob-servação direta. Porém, o senso imparcial da verdade pode reconhecer também esse corpo etérico, ou vital, quando ele não está obscurecido pelos preconceitos atuais. As mesmas leis físicas e químicas do mundo externo físico-mineral atuam no corpo físico. Quando essas leis físicas se manifestam? Elas

se manifestam no corpo sem vida. Quando uma pessoa atravessou o portal da morte, vemos o que são essas leis no corpo físico. São as leis que decompõem o corpo, que dominam o corpo de uma maneira bem diferente do que entre o nascimento e a morte. As mesmas leis estão sempre presentes no corpo físico, mas ele não se submete a elas entre o nascimento e a morte, porque existe um lutador contra a desintegração do corpo físico, o corpo etérico, ou vital.

Além disso, diferenciamos um terceiro membro da entidade humana, o portador de vontade e sofrimento, de alegria e dor, de impulsos, desejos e paixões, de tudo o que já qualificamos basicamente como anímico. Mas esse terceiro membro é precisamente o portador, e não o próprio anímico. O ser humano o possui em comum com todos os seres que tem uma certa forma de consciência, com os animais. Denominamos corpo astral, ou corpo da consciência, esse terceiro membro da entidade humana. E, com isso, chegamos ao fim do que denominamos a corporalidade do ser humano. Essa corporalidade do homem tem três membros: corpo físico, corpo etérico, ou vital, e corpo astral, ou corpo da consciência. Dentro desses três membros, reconhecemos o que faz do ser humano o coroamento da criação, aquilo que ele não tem em comum com qualquer outra coisa. Observamos muitas vezes que nos-sa linguagem tem uma única e pequena palavra que nos guia exatamente a essa interioridade do ser humano, por meio da qual ele é o coroamento da criação. Estas flores, o relógio, o púlpito, a cadeira, a chama, todo mundo os denomina com essas mesmas palavras. Mas há uma palavra que nunca pode soar em nossos ouvidos como referência a nós mesmos. Essa palavra deve brotar da nossa própria interioridade como nome daquilo que nós mesmos significamos. Ela se expressa no pequeno nome “eu”. Reflitam uma vez se a palavrinha “eu” pode lhes soar ao ouvido vindo de fora, quando ela significa

vocês mesmos. Se vocês querem chamar a si mesmos de eu, então esse eu deve soar a partir de vocês mesmos e ser o nome para o seu ser mais íntimo. Por isso, as grandes religiões e cosmovisões viram sempre nessa palavra o “nome inefável” daquilo que não pode ser designado de fora. Com a designação “eu”, estamos diante daquele ser mais íntimo do homem, que podemos denominar o membro divino no ser humano. Com isso não fazemos do homem um deus. Do mesmo modo que tirando uma gota do mar não a tornamos o mar ao dizer que ela é da mesma substância que todo o mar, tampouco tornamos o eu um deus quando dizemos que ele tem a mesma substância e a mesma natureza do elemento divino que pulsa e entretece o mundo.

Por meio da sua própria essência, o homem está sujeito àquele fenômeno que a ciência do espírito trata como sério e real no pleno sentido da palavra. Esse fenômeno fascina as pessoas hoje em dia e é considerado com franqueza e sinceridade pela ciência do espírito. Trata-se de um fato da vida que designamos com a palavra evolução. Quão fascinante é o efeito dessa palavra nas pessoas modernas. Ela remete a se-res inferiores que se desenvolveram gradualmente em níveis superiores. Ela provoca fascínio quando é dito que o próprio ser humano se desenvolveu de formas inferiores de existência até seu nível atual! Acima de tudo, a ciência do espírito considera seriamente a palavra evolução. Ela chama a atenção para o fato de que o homem, enquanto ser autoconsciente, um ser com uma atividade interna que brota de seu centro, deve compreender a “evolução” não meramente pelo fato de olhar o mundo lá fora e dizer: “lá o ser imperfeito se desenvolve em um ser mais perfeito”, mas porque ele é um ser ativo e, por isso, ele mesmo tem de realizar a sua própria evolução. Não podemos permanecer com o conceito de evolução diante do que já surgiu, mas devemos ter clareza de que o próprio ser

humano precisa evoluir. Ele tem de se conduzir para além da evolução que já alcançou, deve sempre desenvolver novas forças a fim de que se torne cada vez mais perfeito. A ciência do espírito chega ao conceito apropriado de evolução em relação à essência humana quando busca defender hoje uma frase, formulada há pouco tempo, em uma esfera superior. Muitas pessoas não estão conscientes de que, no começo do século XVII, não só os leigos mas também os eruditos acreditavam que os animais inferiores se desenvolviam simplesmente a partir da lama do rio. Isso se baseia em uma observação equi-vocada. Foi o grande pesquisador da natureza Francesco Redi quem primeiramente, no século XVII, defendeu a frase: “um ser vivo só pode vir de outro ser vivo”. Bem entendida, com todas as restrições, essa frase é citada aqui como ela é com-preendida hoje. Naturalmente, ninguém acreditará hoje que qualquer animal inferior, digamos uma minhoca, poderia sur-gir a partir da lama de um rio. Se uma minhoca surge, então lá deve haver um germe de minhoca. Contudo, Francesco Redi só pôde escapar com muito esforço do destino de Giordano Bruno. Pois ele havia se tornado um grande herege por causa dessa frase. Hoje não é mais comum que alguém seja tratado como herege como naquela época, ao menos em todas as re-giões da Terra a situação se modernizou. É considerado como visionário, como sonhador, quando não como algo ainda pior, quem momentaneamente contradiz a crença daqueles que pensam, em sua presunção, ter atingido o ápice de toda cos-movisão. Essa é a forma atual de inquisição na nossa região. Que seja assim. O que a ciência do espírito afirma em relação aos fenômenos de esferas superiores é bem semelhante ao que Francesco Redi assevera em relação a âmbitos inferiores. Assim como ele defendeu a frase “um ser vivo só pode vir de um outro ser vivo”, também a ciência do espírito defende ou-tra frase: “a alma e o espírito só podem surgir a partir da alma

e do espírito”. A lei da reencarnação, ridicularizada com tanta frequência hoje em dia como produto de uma fantasia doída, é de fato uma consequência dessa sentença. Atualmente, quando as pessoas veem a alma e o espírito se desenvolvendo a partir da corporalidade, desde o dia do nascimento, quando elas veem surgir, cada vez mais, traços faciais mais definidos a partir de uma fisionomia que era indiferenciada, quando elas veem como os movimentos se tornam cada vez mais individualizados e como brotam as capacidades – inúmeras pessoas acreditam que tudo isso é dado pela herança física do pai, da mãe, dos avós, ou seja, pela sucessão física dos antepassados.

Essa é uma observação imprecisa como a que acredita no surgimento da minhoca e de outros seres vivos inferiores a partir da lama. A observação sensorial atual é incapaz de retroceder ao anímico-espiritual, a partir do qual se desenvolveu o que hoje está diante de nós como anímico-espiritual. Por esse motivo, toma-se o que se reduz às leis da hereditariedade física como algo que surge do substrato obscuro do físico. Na ciência do espírito, nós olhamos de volta para vidas terrenas anteriores, nas quais o homem tinha a disposição para as capacidades que se manifestam agora nesta encarnação. E nós consideramos a vida atual entre o nascimento e a morte como uma causa nova para uma vida terrena futura. Alma e espírito surgem somente a partir da alma e do espírito. Não está longe o tempo em que essa frase se tornará uma verdade tão óbvia como se tornou desde o século XVII a frase de Francesco Redi: “um ser vivo só pode surgir a partir de outro ser vivo”. A frase de Francesco Redi tem interesse res-trito. Porém a frase que a ciência do espírito defende interessa para todos os seres humanos: “o anímico-espiritual evolui do anímico-espiritual”, “o homem não vive apenas uma vez, mas em vidas terrenas sucessivas, e cada vida é efeito de vidas terrenas anteriores e ponto de partida de inúmeras vidas sub-

sequentes”. Toda confiança na vida, toda segurança em nosso trabalho e a solução de tudo o que nos defronta como enigma se apoiam nesse conhecimento. O homem sorverá cada vez mais força a partir desse conhecimento, para toda existência, confiança e esperança em relação ao que deve atuar no futuro. Por isso, essas frases interessam a todas as pessoas.

Agora, o que é que possui sua origem em vidas anteriores, que trabalha de existência em existência, que atravessa todas as vidas terrenas? Esse é o eu humano, designado em nossa linguagem com aquela palavra que não é proferida por um ser alheio. O eu do ser humano passa de vida em vida e, assim, realiza a evolução.

Como acontece essa evolução? Pelo fato de os três membros inferiores da entidade humana serem elaborados pelo eu. Temos o corpo astral, o portador de vontade e sofrimento, de alegria e dor, de impulsos, desejos e paixões. Observemos uma pessoa que está em um nível inferior, cujo eu trabalhou pouco ainda na purificação do corpo astral: seu eu é escravo dos impulsos, desejos e paixões. Comparemos com outra pessoa com um eu diferente, mais elevado, que já trabalhou no corpo astral, que transformou os impulsos, desejos e paixões inferiores em ideais morais, em julgamentos éticos. Então te-mos, em primeiro lugar, a imagem inicial do trabalho do eu no corpo astral da pessoa.

Assim, vemos o eu trabalhando, de dentro para fora, nos envoltórios do ser humano, primeiramente no envoltório astral, no envoltório da consciência. Portanto, podemos dizer: “Podemos diferenciar em cada pessoa que está diante de nós o que lhe foi dado na vida, por assim dizer, sem seu trabalho, ou seja, aquela parte do corpo astral na qual o eu ainda não trabalhou, aquela parte que o eu já modificou conscientemente. Aquela parte do corpo astral que o eu já transformou de-

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

signamos como personalidade espiritual⁷, ou Manas. Então, o eu pode se tornar cada vez mais forte e transformar também o corpo etérico, ou vital. Aquilo que o eu transformou no corpo etérico, ou vital, nós designamos como espírito vital. E quando o eu se torna ainda e cada vez mais forte, até que obtenha força para atuar transformadoramente dentro do corpo físico, então designamos a parte transformada do corpo físico, que não pode ser vista com olhos comuns porque é supracensível, como o próprio homem-espírito.

Assim vemos como a evolução acontece. Os membros externos do homem, que se conservam sem sua interferência, são transformados pelo eu.

Até agora falamos sobre a modificação consciente do corpo astral. Mas antes de o eu se tornar capaz de trabalhar conscientemente, ele já trabalhava desde um tempo remoto de modo inconsciente – ou dito melhor, subconscientemente – em seus três membros externos, e primeiramente no corpo astral, no portador de vontade e sofrimento, de alegria e dor, de impulsos, desejos e paixões. E a parte do corpo astral que o eu remodelou inconscientemente, que carregamos em nós, portanto, ainda hoje como corpo astral transformado, designamos como o primeiro membro anímico do homem, como alma da sensação. Assim, o eu vive na interioridade do homem e criou a alma da sensação no corpo astral antes de ter ido tão longe na consciência e antes de poder modificar seus impulsos, desejos, e assim por diante. No corpo etérico, ou vital, o eu criou, sem que pudesse trabalhar conscientemente, em um estado pré-consciente, o que nós designamos como alma da razão e da índole. Novamente, o eu ainda criou no corpo físico o órgão de um membro interno da alma que de-

⁷ Geistselbst é comumente traduzido para o português, na literatura antropológica, como “personalidade espiritual”, ou “identidade espiritual”. Selbst é o “si mesmo”, a individualidade humana. Uma alternativa à tradução seria também “si mesmo espiritual”.

signamos como alma da consciência. Então devemos diferenciar três membros da alma no homem, dentro dos quais o eu atua: nós temos a alma da sensação, a alma da razão e da índole e a alma da consciência. Para a ciência do espírito, a alma humana não é algo vago ou nebuloso, mas é um membro interno da essência humana, constituído de alma da sensação, alma da razão e da índole e alma da consciência.

Porque todas essas observações dizem respeito aos três membros da alma e ao trabalho do eu dentro deles, queremos agora mostrar como podemos formar uma ideia do que são esses três membros anímicos e de como eles se apresentam a nós. O pesquisador do espírito os conhece por meio de uma visão direta, mas podemos formar uma ideia do que eles são também por meio da razão. Por exemplo, suponhamos que temos uma rosa à nossa frente. Nós a percebemos. Enquanto a percebemos, recebemos de fora uma impressão. Denominamos isso a percepção da rosa. Agora, no momento em que desviamos o olhar da rosa, conservamos uma imagem interna dela. Daí permanece algo que podemos carregar conosco, a imagem da rosa. Temos de diferenciar esses dois momentos, o momento em que defrontamos a rosa e o momento no qual, sem que a rosa esteja diante de nós, podemos carregar em nós a imagem dela na representação, como posse interna da alma. É necessário salientar isso porque a filosofia do século XIX provocou nesse assunto as ideias mais inacreditáveis. Precisamos apenas nos lembrar da filosofia de Schopenhauer, cuja primeira frase é: “O mundo é minha representação”. Precisamos apenas formar uma ideia clara do que é percepção e do que é representação. A representação é diferente da percepção. A pessoa que reflete sobre isso compreende quando ela tem a representação de um aço que está bem quente, em não sei quantos graus Celsius. Este se diferencia do aço da percepção quando deixamos que ele

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

nos seja dado apenas na representação. No nosso caso, o aço da percepção queima. O aço representado não queima, mesmo quando ele é representado mais quente ainda. Para a percepção nós devemos entrar em correspondência com o mundo externo; a representação é uma propriedade da alma. Podemos demarcar exatamente a fronteira entre o que vive-mos internamente e o mundo externo. No momento em que começamos a vivenciar algo internamente, lá começa o que denominamos alma da sensação em relação ao que é o corpo da sensação, o qual nos transmite a percepção, por exemplo, que torna possível sentirmos a cor da rosa. Na alma da sensação, portanto, encontram-se as representações, mas também se encontra tudo aquilo que podemos denominar nossas sim-patias e antipatias, nossos sentimentos e nossas sensações, que vivenciamos em relação às coisas. Quando falamos que a rosa é bela, essa vivência interna é uma propriedade da alma da sensação. Quem não quer diferenciar entre percepção e representação, ou seja, a posse interna da representação en-raizada na alma da sensação, deveria se lembrar de que um aço realmente quente queima, mas que um aço representado não. Quando eu disse isso em outra ocasião, alguém repli-cou: “Pois bem, uma pessoa poderia exercer de modo bem vivaz uma espécie de autossugestão ao, por exemplo, apenas pensar em uma limonada e já sentir seu sabor. Então não podemos diferenciar muito bem a vivência interna do mundo externo”. Eu lhe respondi: “Sem dúvida alguém chega ao ponto de, talvez, vislumbrar o sabor da limonada sem a limonada externa. Mas se a limonada representada sacia também a sede, essa é uma outra questão”. Já poderemos especificar o limite entre o que realmente é externo e o que é vivenciado internamente. Exatamente onde a vivência interna começa, lá está o início da alma da sensação em relação ao corpo da sensação.

Nós denominamos alma da razão e da índole aquele membro superior produzido pelo trabalho do eu no corpo etérico. Na palestra sobre a “missão da verdade” falaremos sobre essa alma da razão e da índole. Hoje tenho de falar especialmente sobre a alma da sensação. Por meio da alma da razão e da índole, o homem não vivencia só o que o mundo externo lhe estimulou, mas vivencia em si, por meio desse mundo, a continuidade que ele mesmo dá ao estímulo externo, por assim dizer, em seu interior. Quando nós não permanecemos apenas nas percepções externas e as deixamos surgir novamente em nossa alma da sensação, mas quando refletimos sobre elas e nos entregamos a elas na continuidade da vivência, então elas se tornam pensamentos, julgamentos, conteúdos integrais de nossa mente. O que nós experimentamos internamente pelo fato de nossa alma continuar vivendo os estímulos do mundo denominamos alma da razão e da índole.

Então temos um terceiro membro pelo fato de o eu criar no corpo físico os órgãos que lhe possibilitam sair de si e conectar novamente seus julgamentos, conceitos e ideias na mente com o mundo externo. Quando o eu desenvolve na alma esse terceiro membro, então o denominamos alma da consciência, porque a alma não tem meras vivências devido aos estímulos que vêm de fora ou porque ela transforma em conhecimento sobre o mundo externo aquilo que vivenciou internamente. Quando damos forma aos sentimentos que vivenciamos, de tal modo que eles nos esclarecem a respeito do conteúdo do mundo, então o conteúdo do nosso pensamento, do nosso julgamento e da nossa mente se torna conhecimento do mundo externo. Por meio da alma da consciência nós penetramos nos segredos do mundo externo e somos seres humanos imbuídos de conhecimento e sabedoria.

Porém é o eu que trabalha ininterruptamente nesses três membros da alma humana, na alma da sensação, na alma da

razão e da índole e na alma da consciência. E quanto mais ele trabalha e libera forças ligadas internamente, quanto mais ele aumenta a capacidade desses três membros anímicos, tanto mais o ser humano progride rumo à sua evolução. O eu é o ator, o ser ativo por meio do qual o ser humano não só conhece a evolução, mas pode realizar a evolução que o faz progredir cada vez mais. Assim, suas encarnações anteriores se mostram imperfeitas, internamente, a esses três membros. E a cada nova vida, o conteúdo, a vida da alma da sensação, da alma da razão e da índole e da alma da consciência se torna cada vez mais rica e abrangente. Essa é a evolução humana de vida em vida, o trabalho do eu, em primeiro lugar, nos três membros anímicos, na alma da sensação, na alma da razão e da índole e na alma da consciência. Devemos ter claro que, além de o eu trabalhar de tal modo, ele próprio representa, por assim dizer, uma espécie de “faca de dois gumes”. Por um lado, esse eu é aquela entidade do homem por meio da qual ele pode ser um ser humano no verdadeiro sentido da palavra. Nós seríamos um ser que estaria, por assim dizer, inativamente misturado com o mundo externo se não tivéssemos esse ponto central. Nossos conceitos e ideias devem ser concebidos nesse centro, cada vez mais devem ser vivenciados nesse eu. Devemos receber, do mundo externo, estímulos e conteúdos da mente cada vez mais ricos. Somos mais humanos quanto mais pleno, rico e abrangente se torna esse nosso eu. Por isso, esse eu deve se enriquecer cada vez mais por meio das diferentes experiências, se tornar um centro por meio do qual a pessoa não só se integra ao mundo externo, mas é uma força estimuladora. A pessoa é tanto mais humana, quanto mais percebemos que no centro de seu eu há uma soma rica de impulsos. Quanto mais ela absorve do mundo e quanto mais ela irradia sua particularidade, tanto mais ela é humana. Quando mais rica é a individualidade, mais perfeita é a pessoa como humana.

Esse é um lado do eu que nos impõe o compromisso da evolução, fazer de tudo para se tornar o mais rico e múltiplo possível. Mas há também o lado reverso desse progresso do eu a um teor cada vez mais rico e perfeito. É o que designa-mos interesse próprio ou egoísmo. Se uma pessoa tomasse as palavras interesse próprio ou egoísmo apenas como slogan e dissesse que deveríamos nos tornar altruístas, então isso seria naturalmente ruim, como toda utilização de um slogan como slogan é ruim. A tarefa do ser humano é, de fato, se tornar cada vez mais rico. Isso não é o mesmo que se tornar egoísta, quando esse enriquecimento do eu está associado ao enriquecimento do eu em si mesmo, a um encerramento do eu em si mesmo com seu enriquecimento. A pessoa se tornará mais rica, na verdade, porém, ao mesmo tempo, ela perderá a co-nexão com o mundo. Seu enriquecimento significaria que o mundo não pode lhe dar mais nada e que ela não pode dar mais nada ao mundo, que ela deixaria de ser com o tempo, porque enquanto se esforça para enriquecer seu eu e guardar tudo no eu, ela perde a ligação com o mundo. Por meio dessa caricatura da evolução de seu eu, a pessoa empobreceria ao mesmo tempo. O egoísmo empobrece e desola a pessoa. Assim, trabalhando nos três membros da alma, o eu é uma “faca de dois gumes”. Por um lado, ele deve trabalhar de tal modo que se torne cada vez mais rico e se desenvolva cada vez mais plenamente, que ele se torne um centro mais forte do qual muita coisa pode irradiar. Mas tudo o que o eu absorve em si, ele deve, por outro lado, harmonizar com o que vive no ambiente. Na mesma medida em que o eu evolui por si mesmo, deve simultaneamente sair de si e confluir com toda a existência. Ele deve se tornar, ao mesmo tempo, um ser específico em si mesmo e, por outro lado, altruísta. Somente quando o eu trabalha ambos os lados, os quais aparentemente se contradizem, enquanto ele cada vez mais enriquece e, por outro lado,

se torna altruísta, é que a evolução da pessoa pode ir adiante e que ela se desenvolve para sua própria satisfação, para a cura e o progresso da existência. O eu deve apenas trabalhar em cada um dos três membros anímicos a fim de que, em ambos os lados, a evolução humana seja levada em conta.

Mas quando o eu humano trabalha nos três membros anímicos, ele desperta a si mesmo pouco a pouco. Em toda vida há evolução sim, vemos que os diferentes membros da alma humana estão desenvolvidos em diferentes graus no ser humano atual. A alma da sensação é a mais fortemente desenvolvida. E nessa alma da sensação está tudo o que desperta na alma – sob estímulo direto do mundo da percepção e que é vivenciado como vontade e sofrimento, alegria e dor, impulsos, desejos e paixões – todos os ânimos e as emoções. A pessoa vivencia isso em sua alma da sensação, por assim dizer, de modo vago, em certo nível inferior de sua evolução. Aí o eu ainda não está desperto para sua plena existência. Somente quando a pessoa trabalha em si e a vida anímica progride, o eu tem cada vez mais uma clara consciência de si. No fundo, é o eu que raciocina vagamente sobre algo desde que a alma da sensação desperte. O eu passa a ter maior clareza sobre si somente quando a pessoa se desenvolve em direção a uma vida mais rica na alma da razão. O eu manifesta a sua maior clareza quando, na alma da consciência, se diferencia do mundo externo, quando a pessoa se torna um ser que aprende e se diferencia, como uma individualidade, do mundo externo. Ela consegue isso somente na sua alma da consciência. Assim, temos o eu raciocinando vagamente na alma da sensação. Lá dentro estão as ondas da vontade e do sofrimento, da alegria e da dor. Lá o eu mal é percebido. Lá ele é arrastado nessas ondas de emoções e paixões, e assim por diante. Somente quando o eu consegue desenvolver a alma da razão em conceitos e ideias claramente delineados, quando ele chega a jul-

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

gamentos claros, somente então ele mesmo se torna cada vez mais pleno e claro. E a maior clareza de si mesmo ele obtém somente na alma da consciência. Assim devemos dizer: “A pessoa deve se educar por meio de seu eu e ter a possibilidade de evoluir”. Mas esse eu desperta em uma situação na qual ele está completamente entregue às ondas que estão na alma da sensação como vontade e sofrimento, alegria e dor, impulsos, desejos e paixões. Agora, existe algo nessa alma da sensação que, de certa maneira, pode ser o educador da pessoa, já que o eu mesmo ainda é inepto para isso? Veremos como, na alma da razão, algo consegue capacitar o eu para que ele tome sua própria educação nas mãos. Isso ainda não existe na alma da sensação, nela o eu deve ser guiado, sem sua interferência, pelo que se impõe na alma da sensação. Um elemento, uma força da alma da sensação deve ser destacada hoje e observa-da em seu significado, em sua missão para a educação do eu, segundo dois aspectos. Nesse contexto, talvez isso seja o que mais pode chocar. Essa força é o que denominamos ira. A ira, ou raiva, faz parte do que se reacende na alma da sensação, na qual o eu ainda reflete vagamente. Ou estamos em uma relação autoconsciente com qualquer ser do mundo externo, que nos faz ruborizar com raiva por causa de seu modo de agir? Vamos imaginar a diferença entre duas pessoas que são educadoras. Uma pessoa já é tão tranquila que chegou a julgamentos internos esclarecedores. Ela vê em plena serenidade o que seu educando faz de errado porque sua alma da índole é evoluída. E sua alma da consciência também vê com serenidade os erros de seu aluno e ela pode, se for necessário, conceber a penalidade adequada. Sem ser atingida por qualquer furor, ela passa a referida penalidade, medida segundo os motivos do julgamento ético e do julgamento pedagógico, apropriada ao delito da criança. A situação é diferente com o outro educador que ainda não desenvolveu muito seu eu para permanecer

tranquilo, que ainda não chegou a uma clareza interna, que não consegue conceber o que deve acontecer quando a criança faz isto ou aquilo. Mas ele pode ser tomado de raiva devido ao comportamento errado da criança. Essa ira é sempre inadequada ao incidente do mundo externo? Não, nem sempre, e isso é o que devemos ter em mente. Certamente a sabedoria da nossa evolução proporcionou que o sentimento e a emoção nos dominassem, antes de sermos capazes de encontrar o apropriado para um incidente do mundo externo, com nosso julgamento a partir da alma da razão ou do intelecto. Algo em nossa alma da sensação se manifesta como um resultado do ato no mundo externo. Não somos maduros ainda para encontrar um julgamento adequado ao mundo externo. Mas na nossa alma da sensação, a partir da soma de nossas sensações, somos capazes de reagir ao que encontramos no ambiente.

De tudo o que a alma da sensação pode experienciar, vamos considerar a ira. Ela é uma precursora do que existirá no futuro. Primeiramente, julguemos um incidente do mundo externo a partir da ira. Então não estaremos de acordo sobre o que não deve acontecer, enquanto aprendermos inconscientemente por meio da ira. É precisamente por intermédio desse julgamento que aprendemos, inconscientemente por meio da raiva, a nos tornamos cada vez mais maduros para um julgamento iluminado nos níveis superiores da alma. Assim, a ira é, em certos aspectos, uma educadora do ser humano. Ela surge como vivência interna antes de sermos maduros para emitir um julgamento iluminado sobre o que não deve acontecer. Assim, devemos ver toda ira que acomete o jovem ainda imaturo em seus julgamentos, que não pode formar ainda um julgamento tranquilo, que pode encolerizar-se de raiva quando vê em seu ambiente uma injustiça ou uma insanidade que não corresponde aos seus ideais. E falamos, então, com razão, sobre uma ira nobre. Essa ira é um julgamento vago emitido

pela alma da sensação, antes de sermos maduros para pronunciar o julgamento claro. Sim, a ira é educadora para essa clareza de julgamento. Pois ninguém será melhor conduzido a um julgamento seguro em si mesmo do que a pessoa que se desenvolveu partindo de uma predisposição nobre da alma, ao poder encolerizar-se em uma ira nobre devido ao que é grotesco, imoral ou insano. E a ira tem a missão de elevar o eu do ser humano a âmbitos superiores. Essa é sua missão. Ela é a educadora em nós mesmos. Antes de podermos nos guiar, antes de podermos julgar com plena clareza, ela nos conduz nos atos que já podemos realizar. Naturalmente, tudo no homem deve degenerar a fim de que ele se torne um ser livre. Por isso, pode degenerar o que para ele é uma educadora para a liberdade e a autonomia do julgamento. A ira pode degenerar em fúria, de tal modo que o pior egoísmo seja libertado. Mas isso é assim, se o ser humano pode evoluir para a liberdade. Ao mesmo tempo, não devemos ignorar que o que pode se tornar o mal, lá onde ele se manifesta em seu verdadeiro significado, tem precisamente a missão de levar o ser humano adiante. Porque o ser humano pode inverter o bem em mal, o que se desenvolve como característica no bom sentido poderá ser exatamente a propriedade do eu humano. Assim, devemos conceber a ira como a aurora do que pode elevar o ser humano à tranquilidade.

Mas essa ira, se por um lado ela é a educadora do eu, por outro lado ela é também aquilo que, mostrando-se curiosamente, evidencia a outra característica do eu, o altruísmo do eu. Qual é a reação do eu quando a ira nos domina diante de uma situação injusta ou insana no ambiente? Suponhamos que, diante de um fato, a ira nos domine. Há algo dentro de nós que se expressa de modo diferente em relação ao que está diante de nós. Algo dentro de nós se coloca contra o mundo externo e manifesta a ira. O eu quer se tornar mais seguro

em relação ao que está lá fora. Toda a substancialidade do eu se envolve. Se víssemos uma insanidade ou uma injustiça e não pudéssemos nos encolerizar em uma ira nobre, então o mundo externo passaria indiferentemente diante de nós, ou seja, confluirmos com o mundo externo, não sentiríamos o aguilhão de nosso próprio eu, não perceberíamos o eu em seu desenvolvimento. Mas a ira o desperta, o chama para fora, para que o eu possa se contrapor ao mundo externo. Porém, por outro lado, a ira também educa o eu ao altruísmo. Quando essa ira é aquilo que podemos designar como ira nobre, então ela atua de tal modo que a pessoa que vivencia a ira tem, ao mesmo tempo, um amortecimento do sentimento de seu eu. O que desperta em nós por meio da ira, quando não nos entre-gamos a ela em fúria, é algo como uma impotência anímica.

Quando sentimos nossa alma permeada por essa ira, então efetua-se algo como uma impotência anímica, o eu torna-se cada vez mais ausente. Ao mesmo tempo que ele se manifesta em contraposição ao mundo externo, por outro lado, ele se exclui novamente. A pessoa chega ao mesmo tempo, por meio da intensidade da ira que ela reprime em si, ao desenvolvimento do altruísmo. Ambos os lados do eu são desenvolvidos por meio da ira. A ira tem a missão de deixar surgir a singularidade própria e, simultaneamente, de transformar essa singularidade própria em altruísmo. Quem vivencia em si mesmo a ira experimenta algo que a criatividade popular expressa admiravelmente. Talvez, todos vocês conheçam a expressão popular “envenenar-se”. Denominamos o estar com raiva de “envenenar-se”. Em tal ensinamento, a criatividade popular vivencia o que o erudito não pode sentir algumas vezes. A ira que é contida na alma é um veneno, significa algo que atua reprimindo a singularidade própria do eu. Quando dizemos que uma pessoa se envenena, remetemos a esse outro método de educação da ira, à formação do altruísmo. Por isso, a ira é algo

que, no fundo, tem uma missão de acordo com esses dois lados da educação humana, e vemos como ela se torna a precursora de nossa autonomia e de nosso altruísmo, na medida em que o eu mesmo não pode interferir em sua própria educação. Nós nos diluiríamos se tudo em nosso entorno permanecesse indiferente, se não pudéssemos emitir um julgamento tranquilo. Nós não nos tornaríamos altruístas, mas, no pior sentido, sem iniciativa própria, sem egoidade [Ichheit], se não podemos nos tornar autônomos antes de desenvolvermos o nosso eu até um julgamento iluminado, lá onde o mundo externo não é adequado à nossa própria interioridade. E para o cientista do espírito, essa ira é realmente uma aurora para algo ainda bem diferente.

Quem observa a vida verá que aquele que não pode encolerizar-se em uma ira nobre por causa do injusto ou do insano também nunca poderá chegar à verdadeira benevolência e ao amor. Se vocês observam a vida, verão que aquela pessoa, enquanto ela tem necessidade, que se educa de tal modo que se encoleriza em uma ira nobre diante do injusto e do insano, também desenvolve, no melhor sentido, aquele coração incandescente de afeição que faz o bem a partir do amor. Amor e benevolência são o outro lado da ira nobre. A ira superada e refinada se transforma em amor e benevolência. Uma mão amorosa raramente será encontrada no mundo, se ela também não tiver sido capaz, em certos momentos, de cerrar os punhos a respeito do que pode ser sentido em uma ira nobre sobre algo injusto ou insano. A ira e o amor se complementam.

Em uma teosofia superficial poderia ser dito: “Sim, a pessoa deve superar suas paixões. Ela deve refiná-las e purificá-las”. Mas “superar” não significa esgueirar-se de alguma coisa, evita-la agradavelmente. Esse é um sacrifício estranho que algumas pessoas querem realizar quando rejeitam seu ego passional, esgueirando-se dele e evitando-o. Só podemos sacrificar aqui-lo que temos, e o que não possuímos não podemos sacrificar.

De início, a ira só é superada por quem pode se encolerizar em ira, pois primeiramente devemos possuir aquilo que devemos superar. Não devemos nos esgueirar, mas transformar em nós tais características. Mas para isso, elas primeiro têm de estar presentes.

Quando transformamos a ira, quando nos elevamos do que incandesce na alma da sensação como ira nobre até a alma da razão e da consciência, então o amor, a benevolência e uma mão que abençoa se desenvolvem a partir da ira.

Ira transformada é amor na vida. Assim nos diz a realidade. Por isso, a ira que se manifesta moderadamente em si mesma na vida tem a missão de conduzir o ser humano ao amor. Podemos designá-la como a educadora para o amor. E não é em vão que denominamos a força indefinida e que flui da sabedoria do mundo, que compensa o que não deve ser, como a “ira divina” em contraposição ao “amor divino”. Mas sabemos também que ambas as coisas se complementam, que uma não pode existir sem a outra. Na vida, essas coisas se condicionam e se determinam.

Vejamos agora como a arte, a poesia, no ponto em que ela é grandiosa, nos mostra o que é a sabedoria primordial do mundo. Quando falarmos sobre a missão da verdade, poderemos mostrar como Goethe expressa claramente em um de seus grandiosos poemas – mesmo que seja um pequeno poema –, em sua “Pandora”, o que ele pensou sobre a missão da verdade. Assim também podemos ver, não tão claramente como no poema “Pandora”, como em um poema poderoso de significado universal, no “Prometeu acorrentado”, de Ésquilo, encontramos, por assim dizer, o fenômeno histórico-universal da ira.

Provavelmente vocês conhecem bem o conteúdo daquela saga na qual Ésquilo baseou seu drama. Prometeu é um descendente da antiga raça dos Titãs, a qual se separou da

primeira raça dos deuses, que a saga grega colocou dentro do desenvolvimento da Terra e da Humanidade. Urano e Gaia pertencem à primeira geração de deuses. Urano é sucedido por Cronos ou Saturno. Então, em compensação, os Titãs são derrubados pela terceira geração de deuses, que tem como seu comandante Zeus. Prometeu, embora fosse descendente dos Titãs, estava ao lado de Zeus na batalha contra os Titãs e po-dia ser chamado amigo de Zeus, mas ele era apenas um meio amigo. Quando Zeus tomou o poder na Terra, assim conta a saga, a raça humana tinha avançado tanto que entrou em uma nova fase, e as velhas capacidades que os homens dos tempos primordiais tinham se tornavam cada vez mais fracas. Zeus queria acabar com os homens e trazer outra raça para a Terra. Mas Prometeu decidiu tornar possível a evolução da Humanidade. Prometeu trouxe à Humanidade a possibilidade da linguagem, do conhecimento do mundo externo, da escrita e, finalmente, também do fogo, para que a raça humana pudesse se erguer novamente da sua queda, por meio do manejo da escrita e da linguagem, por meio do manejo do fogo.

Quando observamos a questão mais profundamente, percebemos que é o eu humano que está conectado a tudo o que foi apresentado como presente de Prometeu à Humanidade. E se compreendemos corretamente a saga grega, então devemos dizer: “Lá Zeus nos é apresentado como uma força divina que permeou a alma e o espírito dos seres humanos, os quais ainda não expressavam seu eu”. Quando regressamos na evolução da Terra, encontramos uma Humanidade na qual o eu ainda raciocinava vagamente. Esse eu teve que receber capacidades especiais a fim de se educar. As dádivas que Zeus pôde doar primeiramente não eram apropriadas para levar o homem adiante. Em relação a seu corpo astral, em relação ao que há no homem sem seu eu, Zeus é o donatário, o doador. Ele decidiu acabar com a raça humana

porque ele não era capaz de promover a evolução humana. Prometeu trouxe, com todas as dádivas que ele doou, a capacidade para o eu se educar.

Esse é o sentido profundo dessa saga. Portanto, Prometeu é aquele que torna possível aos homens levantar o eu e torná-lo cada vez mais rico e pleno. É exatamente isso que se compreendia na Grécia como dádiva de Prometeu: a capacidade do eu de se tornar sempre mais rico, cada vez mais pleno.

Mas nós vimos hoje que se o eu desenvolvesse somente essa característica, então ele empobreceria com o tempo, pois ele se fecharia diante do mundo externo. Esse é apenas um lado do eu, se tornar cada vez mais rico. O eu deve expressar sua riqueza interna e se colocar em harmonia com todo o ambiente, se ele não quiser empobrecer. Prometeu pôde doar aos homens a dádiva que tornou o eu cada vez mais pleno e mais rico em conteúdo. Por isso, Prometeu teve de desafiar precisamente aqueles poderes que atenuam o eu de maneira correta, com base em toda existência cósmica, a fim de que ele se torne altruísta, a fim de que ele possa desenvolver também o outro lado. Por um lado, o que a ira realmente provoca no indivíduo no intuito de que ele levante seu eu e deixe surgir o agulhão que o eu contrapõe a todo um mundo, e o que, por outro lado, a ira provoca pelo fato de ela atenuar ao mesmo tempo a força do eu e, por meio dessa emoção, a pessoa reprime, por assim dizer, em si mesma a ira, e o eu se torna mais fraco – isso é representado historicamente e universalmente na luta entre Prometeu e Zeus. Prometeu doou ao eu a capacidade para que este se torne cada vez mais rico. Aquilo que tem a ver com Zeus deve atuar de tal modo, como a ira atua no indivíduo. Por isso, a ira de Zeus cai sobre Prometeu e acaba com o poder do eu nele. A saga conta outras coisas, Zeus pune Prometeu por seus atos porque ele adiantou a Humanidade inoportunamente no avanço do eu. Ele é acorrentado a uma rocha. Aquilo que esse

eu da Humanidade suporta acorrentado na rocha, o que ele vivencia como revolta interna, é expressado grandiosamente no poema de Ésquilo.

Vemos o representante do eu humano subjugado pela ira de Zeus. Assim como o eu do ser humano é reprimido e trazido para dentro de si mesmo quando engole a raiva em si mesmo, como dessa maneira o eu é trazido à medida correta, do mesmo modo Prometeu é acorrentado pela ira de Zeus, o que significa que sua atividade é reduzida à medida correta. Como a ira flui pela alma individual, o eu é amarrado quando ele quer aproveitar a vida completamente na egoidade [Ichheit]. Assim como o eu é acorrentado quando a ira comprime a consciência do eu, do mesmo modo o eu de Prometeu é acorrentado na rocha. Esse é o aspecto singular da saga, ela apresenta imagens poderosas de grandes verdades que se aplicam tanto ao indivíduo quanto à Humanidade toda. As pessoas podem ver nessas imagens o que deve ser vivenciado na própria alma. E assim olhamos para o Prometeu acorrentado no rochedo do Cáucaso e vemos nele um representante do eu que quer avançar quando ainda raciocina vagamente na alma da sensação, que é acorrentado para que ele não possa espalhar-se no desmedido.

E então a história conta como Prometeu sabe que Zeus deverá calar sua ira ao ser derrubado pelo filho de um mortal. O poder de Zeus passará para o filho de um mortal. Nascerá o eu em um nível superior, o eu imortal a partir do homem mortal, assim como por meio da missão da ira o eu foi libertado em um nível inferior. A alma imortal nascerá em um nível superior a partir do homem mortal. E assim como Prometeu olha para quem derrubará o poder de Zeus, o poder daquele deus que pode derramar a ira sobre Prometeu, ou seja, sobre o eu humano, para que esse eu não saia desmedidamente de si mesmo, assim como Zeus é derrubado por Cristo Jesus, assim também

o eu que é acorrentado pela ira é transformado no eu amoroso, no amor que é a ira nobre transformada. Vemos aquele eu que intervém no mundo externo de modo benevolente e amoroso se desenvolver a partir do eu acorrentado pela ira, como vemos se desenvolver um Deus do amor que nutre e cuida do eu, que primeiramente, em uma época antiga, teve de ser acorrentado pela ira do deus Zeus, a fim de não ir além da sua medida.

Vemos também na continuação dessa saga um quadro externo da evolução humana. Nós mesmos devemos apreender o quadro externo desse mito de tal modo que ele nos dê vivamente, para toda a existência terrena, o que o indivíduo vivencia em si mesmo a partir do eu que é educado para o eu liberto, que desenvolve o amor a partir da missão da ira. Se consideramos isso dessa maneira, então compreendemos o que atuou no mito, o que configurou essa saga e o que Ésquilo fez a partir desse tema. No processo da saga de Prometeu, sentimos um verídico sangue anímico que pulsa em nós na organização dramática desse tema por meio de Ésquilo.

Nesse drama grego, encontramos realmente algo como uma aplicação útil do que podemos vivenciar na alma. Isso é assim com todas as grandes poesias, com todas as grandes obras de arte em geral, pois elas são resultado de vivências típicas da alma humana.

Vimos hoje como o eu é educado com base em uma emoção, por meio da purificação dessa emoção. Veremos na próxima palestra como o eu se torna maduro, como o eu educa a si mesmo na alma da razão e da índole, quando ele apreende a missão da verdade em um nível superior.

Nossa observação mostrou, a partir do que vimos como aplicação útil, como a palavra do grande sábio grego Heráclito provou-se verdadeira: “Nunca encontrarás as fronteiras da alma por qualquer caminho que busques, de tão abrangente que é a natureza da alma”.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

De fato, a alma tem uma natureza tão abrangente que não podemos penetrá-la diretamente. Mas a ciência do espírito, com os olhos abertos do vidente, conduz para dentro da subs-tância anímica, e poderemos penetrar mais profundamente nesse ser misterioso que nossa alma representa quando a ob-servarmos com os olhos do cientista do espírito. Por um lado, podemos dizer verdadeiramente que a alma é abismal, mas se tomarmos de modo sério o que foi dito, poderemos acrescen-tar: as fronteiras da alma são tão amplas que devemos percor-rer todos os caminhos, e então poderemos ter também a es-perança de ir cada vez mais longe com a alma se nós mesmos ampliarmos essas fronteiras anímicas.

Esse raio de esperança se derrama precisamente em nosso esforço pelo conhecimento ao acolhermos o verdadeiro dita-do de Heráclito não com resignação, mas com confiança, isto é: “as fronteiras da alma são tão amplas que, mesmo que quei-ras percorrer todos os caminhos, tu não as alcançarás, de tão abrangente que é a sua natureza”.

Nós apreendemos essa natureza abrangente, e ela nos con-duzirá cada vez mais à resolução do enigma da existência.

Anexo 7 – Metamorfoses da vida anímica

GA 59, Berlim, 22 out. 1909 – A missão da verdade (texto integral; tradução de Jonas Bach)

Concluimos nossa palestra sobre a missão da ira – o Prome-teu acorrentado – com o ditado de Heráclito: “as fronteiras da alma são tão amplas que, mesmo que queiras percorrer todos os caminhos, tu não as alcançarás, de tão abrangente que é a sua natureza” . Nós conhecemos essa profundidade na atua-ção e na ação recíproca das forças anímicas. A verdade desse ditado se apresenta especialmente diante da alma quando te-

mos em mente o que formou ontem o nosso ponto de partida, a essência mais profunda do homem. A parte mais espiritual do ser humano está no eu, e foi daí que partimos. O eu é aquele membro da sua entidade que se une aos outros membros que ele possui em comum com os três reinos inferiores do mundo mineral, vegetal e animal. Ele possui o corpo físico em comum com os minerais, vegetais e animais, o corpo etérico em comum com as plantas e os animais e, finalmente, o corpo astral em comum somente com os animais. Apenas por meio do eu o homem pode ser propriamente humano, ele pode evoluir gradualmente. Esse eu trabalha nos membros restantes, refina e purifica os impulsos, as tendências, os desejos e as paixões do corpo astral e conduz o corpo etérico e físico para níveis cada vez mais elevados. Mas quando temos esse eu em mente, fica evidente que esse eu, esse membro superior e digno da entidade humana, está preso entre dois extremos. O homem deve, por meio do eu, se tornar cada vez mais um ser que tem seu centro em si mesmo. Os pensamentos, sentimentos e impulsos da vontade devem provir do eu. Quanto mais o homem possui em si um centro firme e repleto de conteúdo, tanto mais sua entidade irradia, tanto mais ele consegue doar ao mundo, tanto mais forte e repleta de conteúdo será sua atuação e tudo o que parte dele. Caso o homem não seja capaz de encontrar esse centro em si, ele ficará exposto ao perigo de se perder em uma atividade do seu eu compreendida de modo errado. Ele se dissolverá no mundo e passará esterilmente pela vida. Mas ele também pode cair em outro extremo. Por um lado, assim como o homem pode se perder ao não fazer de tudo para tornar seu eu mais forte e pleno de conteúdo, da mesma maneira ele pode cair em outro extremo nocivo ao se esforçar apenas para elevar o eu, conduzindo-o a um interesse próprio que o afasta de toda solidariedade humana. Por outro lado, há o interesse próprio, o egoísmo que se enrijece e se fe-

cha em si e que pode dissuadir o eu do caminho de sua evolução. O eu está incluído nesses dois aspectos. Ao observarmos a alma humana, ficou evidente que o ser humano possui em si, primeiramente, o que já denominamos alma da sensação, do intelecto e da consciência. Ora, conhecemos em primeiro lugar uma característica anímica – para alguns talvez de maneira surpreendente – que é uma espécie de educadora da alma da sensação, a ira. Quem considerar a palestra sobre a missão da ira de modo unilateral, terá muitas objeções. Entre-tanto, se entrarmos cada vez mais nos próprios fundamentos da questão, importantes enigmas da vida serão solucionados.

Em que sentido a ira é uma espécie de educadora da alma – especialmente da alma da sensação – e a precursora do amor? Podemos perguntar: “A ira não leva o homem a se perder ou a ser arrebatado em atitudes brutais, amorais e sem amor?” Quando temos em mente as explosões brutais e injustificadas da raiva, temos uma visão errada do que foi considerado a missão da ira. Não é por levar a explosões injustificadas que ela se torna a educadora da alma, mas pelo que ela faz na interioridade da alma. A fim de visualizarmos o trabalho da ira na alma, imaginemos que dois educadores estejam diante de uma criança que comete algo de errado. Um educador se exaltar-á e aplicará uma penalidade. O segundo educador é uma alma que não se exalta em ira, mas que ainda não é capaz, no sentido apresentado ontem, de realmente fazer o correto, com base no eu, com plena tranquilidade. Qual será a diferença nas atitudes dos dois educadores? Uma exaltação da ira não tem como resultado apenas a aplicação da penalidade à criança, mas a ira é algo que revolve e atua na alma destruindo o egoísmo. A ira atua como um veneno sobre o egoísmo da alma. E se esperarmos, ficará evidente que ela transforma gradualmente as forças da alma e a torna capaz de amar. Por outro lado, quem não está maduro para a tranquilidade e aplica a pena-

lidade com base em uma avaliação fria, se tornará cada vez mais um egoísta frio, porque a ira não atua nele como veneno. A ira é uma característica da alma que, de modo preciso, atua internamente. Por toda parte em que a ira se manifesta, ela deve ser vista como uma reguladora para as erupções do egoísmo humano quando estas são injustificadas. A ira tem de estar lá, senão ela não deveria ser combatida. Na superação da ira a alma se torna cada vez melhor. Quando uma pessoa quer realizar algo que considera correto e fica irada, essa ira é uma redutora das forças que atuam egoistamente. Ela atenua essas forças e diminui seus efeitos. Temos na ira uma característica anímica que, exatamente por ser superada e pelo fato de o homem se libertar dela e se elevar acima dela, atrai o altruísmo no homem e, por meio dessa atração do altruísmo, torna o eu cada vez mais forte. Esse desafio do eu com a ira ocorre na alma da sensação. Outro desafio entre a alma e ou-tras vivências anímicas se passa no que denominamos alma da razão e da índole. Assim como a alma tem qualidades a superar a fim de elevar-se cada vez mais, ela também tem de desenvolver forças em si que precisa, por assim dizer, cuidar e amar, apesar de essas forças poderem sobrepujá-la. A alma deve se entregar às forças que tem de tal modo que ela não se enfraqueça, mas se fortaleça ao se impor. Se a pessoa não ficasse irada nas atitudes em que ela deve se impor, ela se enfraqueceria.

A pessoa aumentará as forças de sua alma exatamente por mergulhar nelas, amando-as corretamente, e vivenciará a si mesma em um nível elevado do eu. O aspecto excepcional que a alma deve amar em si mesma, e que a educa não para o egoísmo mas para o altruísmo, é a verdade. A verdade educa a alma da razão e da índole. A ira é uma característica da alma que deve ser superada quando a pessoa quer se elevar. A verdade é algo que, embora deva ser uma característica da alma, a pessoa

deve amar de antemão. Um cuidado interno da verdade é abso-lutamente necessário para elevar a alma cada vez mais.

Que qualidade da verdade é essa que conduz o ser humano cada vez mais longe e o leva a níveis superiores quando ele se serve dela? A verdade tem como seu contrário, seu oposto, a mentira e o erro. Queremos ver como o ser humano avança por meio da superação do erro e da mentira, quando ele torna a verdade seu grande ideal e o imita.

O ser humano deve aspirar a uma verdade superior, assim como ele, por outro lado, deve tornar a ira sua inimiga e eliminá-la sempre. A verdade deve se tornar para ele algo a amar e unir com o aspecto mais íntimo da alma no intuito de chegar a níveis cada vez mais superiores. Apesar disso, excelentes poetas e pensadores disseram, com razão, que a plena posse da verdade não deve ser alcançada pelo homem. Por exemplo, Lessing afirma que a verdade pura não é para o homem, mas somente a eterna busca pela verdade. Lessing nos chama a atenção ao dizer que a verdade é uma deusa distante da qual o homem pode apenas se aproximar, mas que no fundo nunca poderá ser alcançada. Ao avançar na natureza da verdade, a alma é despertada e elevada de acordo com seu esforço. Por-que existe uma eterna busca pela verdade, e a palavra verdade é múltipla e tem um significado variado, poderemos afirmar, razoavelmente, que o homem deve desenvolver o próprio sentido da verdade e compreendê-la. Por isso, não falaremos de uma única verdade abrangente.

Nesta palestra, a ideia da verdade deve ser considerada no sentido correto, e nos ficará claramente evidente que o homem, por meio do desenvolvimento do sentido da verdade em seu interior, ficará preenchido por uma força que aspira ao futuro e o conduz ao altruísmo.

O ser humano ambiciona a verdade. Porém encontramos homens se manifestando muitas vezes opostamente, nos mais

diferentes âmbitos da vida, lá no ponto em que tentaram obter uma visão sobre as coisas partindo do que existe. Se virmos o que um ou o outro considera como verdade, então poderemos acreditar que a busca pela verdade leva as pessoas a visões e opiniões opostas. Contudo, se observarmos com imparcialidade, poderemos encontrar o fio condutor que nos mostra como os homens chegam a opiniões tão diferentes, apesar de buscarem a verdade.

Um exemplo poderia esclarecer. Há pouco tempo morreu o conhecido multimilionário americano Harriman. Ele era um dos poucos milionários a se ocupar com os pensamentos humanos universais. Em aforismos encontrados após sua morte, há um ditado curioso desse buscador da verdade que diz: “Nenhuma pessoa neste mundo é insubstituível, e todo mundo, ao desaparecer daqui, poderá ser substituído em seu lugar por outra pessoa. Quando eu deixar meu trabalho, outra pessoa virá e tomará minha tarefa. Os trens viajarão exatamente como antes, os dividendos serão partilhados do mesmo modo e assim, no fundo, isso acontece com todo ser humano”. Assim esse homem se elevou a uma verdade válida universalmente: nenhuma pessoa é insubstituível!

Comparemos esse ditado com o de outro homem, que atuou durante longo tempo aqui em Berlim de modo extraordinário, com suas diferentes aulas sobre a vida de Michelangelo, Rafael e Goethe. falo de Herman Grimm. Quando Treitschke morreu, Hermann Grimm escreveu o seguinte ditado em um de seus artigos: “Pois Treitschke também já se foi e notamos, justamente agora, o que ele realizou. Temos o sentimento de que no círculo onde Treitschke lecionou, tudo está ocorrendo de modo diferente”. O interessante a se observar nisso é que Herman Grimm não associa as palavras: “e assim é com todas as pessoas”.

Temos aqui duas pessoas, o multimilionário americano e

Herman Grimm, os quais, partindo de suas considerações, chegam a verdades exatamente opostas. Por que isso acontece? Quando comparamos cuidadosamente dois modos de consideração encontramos um fio condutor. Vejam o ponto de partida de Harriman ao dizer: “Quando eu deixar meu trabalho, outra pessoa o continuará”; ele não se liberta de si mesmo. O outro pensador, Herman Grimm, não entra no jogo, não fala de si, sequer pergunta se alguém poderia aproveitar suas opiniões e verdades; ele se abre à observação do outro. Quem tem um sentimento para isso descobrirá sem dúvida quem, dos dois, ele disse o que é correto. Precisamos apenas apresentar a questão mais uma vez: “Quem continuou o trabalho de Goethe depois que ele o deixou?”. Quem tem um sentimento para isso, saberá que a consideração de Harriman não é saudável, pois ele não se liberta de si mesmo. Daí vocês já podem concluir um pouco que é decididamente prejudicial a busca pela verdade quando alguém não se liberta de si mesmo. A verdade atende exatamente a quem consegue se libertar de si.

A verdade pode ser aquilo que dá uma visão sobre as coisas? Uma visão é uma espécie de imagem do mundo externo espelhada em pensamento. Por esse motivo, essa é uma imagem correta. Por que pensamos qualquer coisa, por que estipulamos isso ou aquilo em uma observação?

Suponhamos que temos uma máquina fotográfica para registrar uma árvore interessante. Nós nos posicionamos em um local e tiramos a fotografia da árvore. A fotografia fornece a imagem real da árvore? Ela dá a imagem de um lado, mas não a verdade sobre a árvore. Nenhuma pessoa poderá conceber a árvore toda por causa da imagem da árvore ao ter em mente apenas uma foto. De que modo poderíamos ter maior experiência sobre a verdade da árvore se não a vimos? Se fotografássemos a árvore pelos quatro lados, então circularíamos

em torno dela e, por meio da comparação das imagens, conseguiríamos, finalmente, o que apresenta uma verdadeira imagem da árvore. A representação que obtivemos da árvore foi feita independentemente do próprio ponto de vista. Apliquemos essa comparação às pessoas. O exemplo do que atua aqui em processos externos acontece também com a pessoa que se liberta de si mesma em suas considerações sobre as coisas. A pessoa se desliga de si na consideração sobre as coisas por meio de sua própria personalidade. Quando uma pessoa tem uma opinião, quando ela olha isto ou aquilo de um certo modo, se ela se conscientiza de que todas as opiniões concebidas são dependentes do nosso próprio ponto de vista, de nossas próprias características e de nossa própria individualidade, ela tentará retirar tudo isso do que queremos denominar verdade. Então é realizado o que aconteceu em nossa comparação da fotografia. O primeiro requisito ao verdadeiro sentido da verdade é se libertar de si mesmo, ser consciente de que depende nosso ponto de vista.

Se o multimilionário americano tivesse se libertado de si, ele teria se conscientizado de que há uma diferença entre ele e as outras pessoas. Vimos por meio de um exemplo que as relações cotidianas nos mostram, quando a pessoa não consegue se libertar de si, quando ela não se conscientiza do que acrescenta às coisas por meio da sua perspectiva ou do seu ponto de vista, como pode surgir necessariamente uma opinião restrita, mas nenhuma verdade. Isso se mostra também em larga escala. Quem olha um pouco para o efetivo desenvolvimento espiritual do ser humano e compara tudo que se manifesta como verdade, encontra em uma observação profunda que os seres humanos, quando expressam uma verdade, primeiramente deveriam se libertar da sua própria individualidade. Compreenderemos que diferentes visões sobre a verdade surgem porque as pessoas não se tornaram conscientes de que

elas mesmas restringiram suas concepções por meio de seus pontos de vista. Há pouco eu lhes dei um exemplo evidente, então um exemplo difícil deve nos levar a uma compreensão mais profunda. Quando queremos receber uma explicação sobre a beleza nos ocupamos com a estética, ou seja, com o que nos ensina sobre as formas do belo. Nós nos defrontamos com o que o belo é no mundo externo. Agora, como temos experiência do que é verdadeiro sobre o belo? Aí deve ficar claro que temos de nos libertar do que restringimos ao belo por meio de nossa própria individualidade e nossa particularidade. Por exemplo, há um filósofo da estética do século XIX, o alemão Solger, que quis pesquisar a essência do belo segundo a própria verdade. O belo se manifesta para nós no mundo físico externo. Isso Solger não pôde negar. Mas ele era uma pessoa que tinha uma visão teosófica unilateral e, por esse motivo, apresentou também uma estética teosófica uni-lateral. Por isso, nas belas imagens, só lhe interessou o que era espiritualidade unicamente para ele. Um produto lhe era belo desde que manifestasse o espiritual. Solger era um teósofo unilateral que quis esclarecer os fenômenos sensoriais com base no suprassensível, mas esqueceu que a realidade sensorial também tem direito à existência, porque ele não pôde se livrar de seu preconceito e, ao mesmo tempo, quis elevar-se ao espiritual por meio de uma teosofia equivocada.

Outro filósofo da estética, Robert Zimmermann, chegou a fundamentar exatamente a imagem oposta. Podemos dizer que Solger quis fundar uma estética teosófica equivocada. Do mesmo modo, podemos dizer com razão que Zimmermann fundou em sua estética um modo de visão antiteosófico equivocado. Ele tinha apenas um senso para o que resultava em simetria e assimetria, em harmonia e desarmonia. Ele não tinha nenhum senso para o que se manifesta no belo. Assim, sua estética se tornou do mesmo modo unilateral, semelhan-

te à estética de Solger. Toda busca pela verdade pode sofrer pelo fato de a pessoa não considerar que deve se libertar de si mesma. A pessoa só pode se libertar de si mesma de modo gradual. Mas essa é a distinção da verdade; ela exige, no mais rigoroso sentido, que a pessoa se abstraia de si e esqueça tudo, se quiser progredir por meio dela. Portanto, a verdade tem uma característica que a distingue de todo o restante, ou seja, podemos estar plenamente em nós, podemos viver em nosso eu e em nossa busca pela verdade e, contudo, obtermos algo em nosso eu – ao passarmos esta vida com a presença do eu – que no fundo não tem nada a ver com o eu egoísta. Quando há algo em sua aspiração em que a pessoa quer se impor, isso é seu egoísmo. Quando ela quer fazer algo que considera correto e quer se impor contra alguém e se inflama de raiva, então essa é uma expressão de interesse próprio. Essa expressão de interesse próprio deve ser dominada se a pessoa quiser se elevar à verdade. Portanto, a verdade é algo que vivenciamos no mais íntimo. Contudo, embora a vivenciamos em nós mesmos, nos libertamos de nosso ego cada vez mais por meio dela. Além disso, é necessário na aspiração à verdade que outra coisa não interfira além do próprio amor à verdade. Se paixões, impulsos e desejos se interferem, os quais devem ser primeiramente refinados e purificados na alma da sensação antes que a alma da razão possa aspirar à verdade, então a pessoa não consegue se libertar de si, pois eles fazem com que seu eu se coloque em determinado ponto de vista. Por isso, a verdade só será descoberta por quem tente superar em si as paixões, os desejos e os impulsos, sem deixá-los interferir. Na descoberta da verdade, o amor é a única emoção que não deve ser negada. A verdade é uma meta elevada, isso se mostra pelo fato de ela ser reconhecida, na forma exigida, somente em um âmbito externo restrito. Somente no âmbito da matemática, do cálculo e dos números a Humanidade al-

cançou, em geral, esse objetivo hoje, porque esse é um âmbito no qual o homem conteve suas paixões, seus impulsos e seus desejos, e não os deixou interferir. Por que todas as pessoas estão de acordo que três vezes três é igual a nove e não igual a dez? Porque elas decidiram paralisar suas paixões, seus impulsos e seus desejos. Nessa questão simples, na matemática, a Humanidade já silenciou hoje as paixões, os impulsos e os desejos. Se ela não os tivesse calado, algumas donas de casa gostariam de dar noventa centavos valendo um marco. Aí as paixões estariam interferindo. Isso é mesmo necessário para toda busca pela verdade, que calemos os impulsos e os desejos. As pessoas chegariam a um acordo em relação às mais elevadas verdades se elas estivessem aí como já estão em relação a essa verdade no âmbito da matemática. Mas essas verdades são algo que compreendemos no aspecto mais íntimo da alma e, pelo fato de assim a compreendermos, a possuímos. Mesmo que centenas ou até milhares de pessoas possam nos contradizer, nós a possuímos e sabemos que três vezes três é igual a nove, porque nós a compreendemos no nosso mais íntimo. Se as centenas e milhares de pessoas que têm outra opinião se tornassem independentes de si mesmas, então elas chegariam à mesma verdade. Portanto, qual é o caminho para o entendimento mútuo e a concordância humana? Nós nos entendemos no âmbito do cálculo e dos números porque conquistamos o que foi exigido aqui. Na medida em que a verdade é encontrada, predominam a paz, a unidade e a harmonia entre os homens.

Esse é o essencial, buscarmos compreender a verdade como algo que se dá somente no aspecto mais profundo de nossa interioridade, a partir do qual ela ilumina todas as pessoas e as une sempre novamente.

A verdade é a condutora das pessoas à concordância e ao entendimento mútuo. Com isso, ela é também a preparadora

da justiça e do amor, uma preparadora que devemos cuidar, enquanto devemos vencer a outra precursora, que conhece-mos ontem, se ela nos leva para além do egoísmo. Essa é a missão da verdade, podemos amá-la e acolhê-la sempre mais e devemos cultivá-la em nós mesmos. Quando nos dedica-mos à verdade em nosso “si mesmo”, ele próprio se torna mais forte, e então nos libertamos dele. Quanto mais a ira se desenvolve no “si mesmo”, tanto mais fraco ele se torna, e quanto mais desenvolvemos a verdade no “si mesmo”, mais o fortalecemos. A verdade é uma deusa severa que, por esse motivo, também exige que ela seja colocada no centro de um amor exclusivo em nosso “si mesmo”. No momento em que não nos libertamos de nós mesmos e contrapomos a ela outra coisa, algo que se coloca como superior à verdade, ela se vinga imediatamente. O poeta inglês Coleridge escreveu um ditado sobre como a pessoa tem de se colocar em relação à verdade que pode ser significativo: “Quem ama o cristianismo mais do que a verdade, verá logo que ama mais sua seita cristã do que o cristianismo e que se ama mais do que a sua seita”.

Nesse ditado encontram-se realmente muitas coisas implícitas, sobretudo que uma aspiração dirigida contra a verdade conduz exatamente ao egoísmo, a um interesse próprio que rebaixa a pessoa. A verdade é o único amor que liberta o eu. No momento em que damos preferência a outra coisa, caímos no interesse próprio. Isso é o que temos de esperar ao subestimar a verdade em relação a algo diferente. Essa é não só a seriedade rigorosa, mas também a grandeza e a importância da verdade para a educação da alma humana. A verdade não se dirige a ninguém, e somente quem se dedica a ela pode encontrá-la. Podemos ver isso no momento em que a pessoa ama, não por causa da verdade, mas por causa de si mesma, porque ela se prende às suas opiniões e atua como um ser antissocial e se aliena da comunidade humana. Vejamos aqueles que não

se esforçam em amar a verdade por causa da verdade, os que têm certa quantidade de opiniões sobre sua verdade, eles não amam nada além do que possuem na alma. Essas pessoas se-rão as mais intolerantes. Aquelas pessoas que amam a verda-de por causa de suas próprias ideias e opiniões não suportam que outra pessoa vá por um caminho bem diferente na busca pela verdade. Disso resultam os conflitos da vida. Elas jogam pedra no caminho de quem tem habilidades diferentes e que, por isso, chega a opiniões distintas.

A aspiração sincera à verdade conduz ao entendimento humano geral. Assim, o inverso – o amor à verdade por causa da própria personalidade – leva à destruição da liberdade, à intolerância em relação à outra personalidade. A verdade se dá no que denominamos alma da razão e da índole.

Somente um ser pensante pode buscar a verdade e adquiri-la por meio do próprio trabalho. Quando alguém obtém a verdade por meio de seu pensar, deve estar ciente de que o âmbito todo da verdade se desmorona em duas partes. Há duas formas para a verdade. Aquela obtida quando olhamos para algo qualquer que existe no mundo externo, para a natureza adjacente, e a pesquisamos parte por parte a fim de aprender suas verdades, leis e sentenças. Portanto, quando lançamos o olhar sobre o mundo, sobre a extensão das experiências, chegamos àquela verdade que podemos denominar “a verdade do pensamento reflexivo”. Vimos ontem que toda a natureza é permeada de sabedoria, que a sabedoria vive em todas as coisas. Na planta vive aquilo que mais tarde obtemos como ideia da planta. A sabedoria vive na planta, e nós nos apoderamos da sabedoria. Então a pessoa se defronta com o mundo e pode partir do princípio de que o mundo proveio da sabedoria e que, por meio de seu pensar, ela reencontra o que participa da produção, da criação do mundo. Essa é a verdade obtida por meio da reflexão.

Mas há outra verdade. Esta não pode ser obtida meramente pelo pensamento reflexivo, mas somente quando se ultrapassa o que pode ser dado na vida externa. Na vida comum, já vimos, quando uma pessoa quer fabricar uma ferramenta ou um instrumento, que ela deve conceber leis que não podem ser obtidas apenas por meio do pensamento reflexivo. Por exemplo, ela não pode fazer nenhum relógio por meio da mera reflexão sobre o mundo, pois o mundo não organizou suas leis em nenhum lugar para que um relógio já existisse na natureza externa. Esse é o segundo tipo de verdade que podemos obter ao pensarmos antecipadamente [vorausdenken] aquilo que não aparece na vivência e na observação externas. Portanto, há dois tipos de verdade, e esses são dois âmbitos da verdade rigorosamente diferentes um do outro. Temos de separar as verdades que surgem do pensamento reflexivo sobre a observação externa e as que surgem do pensamento produtivos.

De que modo as últimas são verídicas? Quem concebeu o relógio poderia comprovar para nós que ele pensou corretamente. Não depositaremos nele nenhuma confiança enquanto ele não puder mostrar que o relógio de fato apresenta no mundo aquilo que ele criou [vorgedacht]. O que criamos deve realizar-se e estabelecer-se na realidade. Devemos nos defrontar lá fora, na realidade, com o que criamos. Mas as

8 Os verbos *nachdenken* e *vordenken* possuem grande importância para compreensão dessa palestra de Steiner. *Nachdenken* é o pensar a posteriori, e *vordenken* é o pensar a priori. *Nachdenken* foi traduzido como pensar reflexivo, o ato de refletir, a reflexão humana. O verbo *vordenken*, por sua vez, não possui uma tradução direta para a língua portuguesa. Dependendo do contexto, cabe pensamento criativo ou produtivo, ou planejar, como no exemplo do relógio citado por Steiner. *Vordenken* é a atividade pensante antes da experiência. Como oposta à reflexão, essa atividade pensante é antecipada. Quando o verbo é adjetivado, como no caso de *vorgedachte Wahrheiten*, o sentido é próximo de verdades produtivas, ou verdades criativas, ou verdades geradas. Outra possibilidade de tradução é verdades apriorísticas, embora Steiner não recorra, nesse contexto, a termos filosóficos. Verdade apriorística é aquela certeza obtida independentemente da experiência.

verdades antroposóficas, ou da ciência do espírito, são dessa qualidade também; antes de tudo, não podemos observá-las nas vivências externas.

Nenhuma vivência externa da natureza pode nos confirmar o que já foi frequentemente enfatizado sobre o âmago da essência humana. É impossível, a partir da observação externa, obtermos a verdade de que o eu humano se manifesta sem-pre em novas encarnações. Quem quer chegar a essa verdade deve elevar-se acima da vivência externa, deve compreender em sua alma uma verdade que, primeiramente, não possui na experiência externa, mas que deve realizar-se na vida. Não podemos comprovar tal verdade do mesmo modo como o primeiro tipo, denominado verdade refletida. Só podemos comprová-la pelo fato de sua aplicação aparecer na vida. Mas para isso não há outra prova além de um contraespelhamento na vida. Se olharmos a vida com o conhecimento de que a alma sempre retorna e observarmos o que se passa entre nascimento e morte, saberemos que satisfação essa ideia pode conceder e que força ela pode dar à vida. E ainda, quando perguntamos, por exemplo: “Como podemos desenvolver a alma da criança, pressupondo que uma alma eterna está evoluindo nela?”, essa verdade e essa ideia se revelam férteis e brilham na realidade externa para quem acompanha a sua fecundidade. Todas as outras provas são incorretas. A verificação de tais verdades geradas na vida, única e exclusivamente, deve ser considerada como uma prova de sua validade. Verdades produtivas que não podem ser obtidas da observação também não podem ser comprovadas como as verdades refletidas. Elas só podem dar provas e se mostrar fecundas na realidade. Há uma enorme diferença na comprovação entre a verdade do primeiro e a do segundo tipo. A do segundo tipo é, afinal, compreendida no espírito e comprovada na sua influência sobre a vida pela observação externa.

Pois como atuarão educativamente esses dois âmbitos da verdade na alma humana? Aí há uma grande diferença se a pessoa se entrega meramente às verdades refletidas ou às verdades geradas. Vejamos mais uma vez o que se obtém com a verdade refletida. Dizemos com razão: “Quando nos aprofundamos na sabedoria da natureza e criamos em nós mesmos uma imagem espelhada e da verdade da natureza, então temos em nós o mesmo elemento do qual ela deriva, no qual ela atua. Temos no nosso conceito de verdade da natureza aquilo que na natureza atua como força criadora.” Mas essa é uma enorme diferença. Enquanto a sabedoria é produtiva, enquanto a plena realidade brota a partir dela, nossa verdade é apenas uma imagem espelhada, uma verdade refletida e passiva, algo que se tornou impotente por meio do nosso pensamento sobre a natureza. Então podemos criar uma imagem ampla e generosa da verdade do mundo: a força criativa e produtiva é retirada dessa imagem da verdade. Por isso, essa imagem da verdade, em relação ao desenvolvimento de nosso eu, atua, em primeiro lugar, desolando e esvaziando. A força criativa do eu é, por assim dizer, paralisaada e morta. O “si mesmo” não fica forte e não pode mais sequer confrontar o mundo ao buscar somente as verdades refletidas. Nada atua tanto no isolar-se, no esvaziar, na retração em seu eu, no conflito com o mundo, do que a mera reflexão sobre o mundo. A pessoa pode tornar-se uma egoísta fria quando ela quer apenas pesquisar o que está lá fora no mundo. Para que ela quer essa verdade, afinal? Ela quer usar essa verdade para os deuses?

Se ela quer pesquisar somente essa verdade refletida, então ela quer ter algo para si e, nesse caminho por meio da verdade, ela se torna uma fria egoísta e inimiga do humano ao longo de sua vida. Ela sai da vida e se torna uma eremita ou se separa de outra maneira da Humanidade, pois ela quer ter, como sua

verdade, aquilo que está no mundo. Vocês podem encontrar todo eremitismo unilateral e toda hostilidade ao humano se seguirem esse caminho. A alma secará cada vez mais em relação ao sentido de solidariedade e se tornará sempre mais pobre, ainda que a verdade devesse enriquecê-la. A pessoa deixa de ser humana no que diz respeito à solidariedade quando ela pesquisa apenas esse tipo de verdade. Ela se torna estranha ou uma pessoa unilateral, independentemente do fato de ela sair de si ou se fechar em si, ambos os casos enrijecem a alma. Por isso, vocês verão que, quanto mais a pessoa chega à mera reflexão, tanto mais a alma se torna estéril nos pensamentos refletidos. Consideremos mais uma vez a natureza lá fora: lá temos uma quantidade de plantas diante de nós. Elas são formadas a partir da sabedoria viva do mundo. Dentro delas há força produtiva, e essa sabedoria as fez brotarem a partir de si mesmas. Agora chega aquele que é um artista e se defronta, com sua alma, com o que a imagem da natureza lhe dá. Ele não apenas reflete, mas deixa aquela força criativa e produtiva atuar nele. Ele produz uma obra de arte, mas nisso não existe apenas uma reflexão, mas uma força produtiva. Porém, agora vem outra pessoa que tenta descobrir os pensamentos da imagem. Ela reflete sobre a imagem. Aí, de agora em diante, a realidade é filtrada, mas ao mesmo tempo é esvaziada. Tentem acompanhar o processo. Quando a alma, dessa maneira, extrai um pensamento da observação, então a conclusão já está aí, e a alma finaliza o processo. Ela teria apenas de formular ainda pensamentos sobre pensamentos. Com isso, chega-se ao absurdo, e o processo iniciado seca a si próprio. No âmbito do pensar criativo [vordenken] é diferente. Aqui a pessoa está em outra situação, na qual ela mesma é produtiva [produktiv]. Aqui ela realiza seus pensamentos na vida e ela mesma atua segundo o exemplo da natureza criadora. Em tal caso, quando a pessoa ultrapassa a mera observação, quando

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

ela não apenas reflete mas deixa algo se elevar na alma, ela é o que a mera observação não pode dar. Todas as verdades da ciência do espírito exigem que a alma seja produtiva. Aqui a alma deve ser criadora de pensamentos produtivos [vordenker]. Toda mera reflexão é ruim e leva ao engano em relação às verdades da ciência do espírito. As verdades geradas são diferentes. A pessoa pode pensar produtivamente [vorden-ken] a verdade apenas em um âmbito restrito. Ela pode ser, por assim dizer, incompetente diante da sabedoria criativa do mundo. Existe uma quantidade infinita de verdades refletidas, e um âmbito bem restrito nos possibilita as verdades produtivas. Portanto, no segundo tipo de verdade, o círculo se torna mais estreito, mas as forças produtivas se elevam, e a alma fica cada vez mais viva. Ela mesma se torna mais e mais divina ao reproduzir em si o que é a essência na atividade criativa e divina no mundo. Assim, ambas as verdades, a refletida e a produtiva, se contrapõem. Por isso, a verdade refletida é baseada na mera pesquisa do que é dado, do que é vivido. Ela levará cada vez mais à abstração e se tornará sempre mais seca, e não encontrará nenhum alento. Mas aquela verdade não obtida na vivência externa é criativa. A partir de sua força, ela destina ao ser humano um lugar no cosmos, no qual ele tem coparticipação no que surge no futuro.

O passado, no verdadeiro sentido da palavra, só pode ser refletido. O pensamento produtivo [das Vorgesdachte] é o início para um evoluir no futuro. Assim, o ser humano é um criador do futuro. Ele estende a força de seu eu, do momento presente ao futuro, quando torna sua propriedade não só as verdades derivadas do pensamento refletido, mas também as verdades do pensamento produtivo. Esse é o aspecto libertador das verdades geradas. Quem é, por assim dizer, coparticipativo no âmbito da aspiração à verdade experimentará logo como as meras reflexões o empobrecem. E achará compreensível

como o mero pensador reflexivo se torna sempre mais abstrato e árido, com seu espírito preenchido de abstrações sem vida ou ideias fantasmagóricas. Isso pode levar o espírito a ter dúvidas sobre se ele pode participar da configuração do cos-mos. Quão o ser humano pode se sentir expulso e condenado ao mero uso da verdade, quando ele é apenas um pensador reflexivo da verdade? Mas o que a verdade gerada é e como se manifesta a nós na vida, isso preenche a alma e a aquece, a preenche com nova força em cada nível da vida. O ser humano fica feliz quando pode apreender tais verdades produtivas no intuito de defrontar os fenômenos da vida e dizer a si mesmo: “agora eu não só compreendo o que acontece lá, mas eu posso esclarecê-lo, porque antes eu já tinha consciência disso”.

Com as verdades da ciência do espírito, agora podemos abordar também o ser humano. Quando conhecemos somente as verdades refletidas, os seres humanos permanecem incompreensíveis. Por outro lado, com as verdades da ciência do espírito, os seres humanos se tornam mais compreensíveis e encontraremos sempre mais interesse no mundo e no nosso desenvolvimento com o mundo. A esse respeito, sentiremos alegria e satisfação, pois teremos a confirmação das verdades produtivas na realidade. Esse é o aspecto de satisfação nas verdades da ciência do espírito: elas precisam ser compreendidas primeiramente antes de poderem se realizar na vida e antes de a pessoa ficar cada vez mais rica internamente. Enquanto trabalhamos com as verdades refletidas e nutrimos em nós um mundo de ideias abstrato, nos distanciamos do mundo. Quando nos aproximamos do mundo com as verdades geradas, nos tornamos mais ricos e satisfeitos. Desse modo, vivenciamos gradualmente um completo entretecer nos fenômenos com os quais nos tornamos unos. Podemos nos libertar sempre mais do nosso “si mesmo” enquanto, por outro lado, nos tornamos egoístas refinados por meio das

verdades refletidas. A fim de verificarmos as verdades produtivas, primeiramente devemos possuí-las, e para isso precisamos sair de nós mesmos e entrar na vida para buscar sua aplicação em cada âmbito da existência. São essas verdades que nos libertam de nós mesmos e nos imbuem com um alto nível do sentido da verdade.

Quem foi um real buscador da verdade sentiu tais coisas. Essa ideia de verdade tocou profundamente a alma de Goethe, quando ele escreveu o ditado iluminador, magnífico, grandioso e amplo “Somente o que é fecundo é verdadeiro!”.

Mas Goethe também estava ciente de que a pessoa deve se desenvolver com a verdade, a fim de tornar possível, de algum modo, o entendimento com as outras pessoas. Nada torna as pessoas mais alienadas e distanciadas uma das outras do que elas serem alheias à busca e ao sentido da verdade. Goethe também disse: “Uma teoria errada não se deixa refutar, pois ela se baseia na convicção de que o falso é verdadeiro!”. Obviamente, agora alguém pode levantar uma objeção e dizer que poderíamos refutar o falso ao apresentarmos razões lógicas. Mas não foi isso o que Goethe quis dizer. Ele está convicto de que uma ideia errada não pode ser refutada por conclusões lógicas. Ele quer dizer que a aplicação prática e fecunda da verdade na vida deve ser o único princípio da pessoa em sua aspiração à verdade. Por esse motivo, porque Goethe se desenvolveu com a verdade, profundamente em sua alma, ele pôde esboçar o belo drama da verdade que começou a escrever em sua “Pandora” em 1807. “Pandora” é um fragmento e, como tal, um produto da sua rica criação. É o fruto mais maduro e gracioso. Se o deixamos atuar em nós, devemos dizer: “ele permaneceu como fragmento, mas é tão grandioso e poderoso em cada linha, que é a maior e mais pura arte”. Vamos nos familiarizar com o poema e deixar o diálogo atuar em nós, e observar como as personagens falam de modo di-

ferente, uma que tem caráter passional, e outra que tem um caráter reservado.

“Pandora” nos mostra como Goethe foi capaz de ter um impulso para um grande início, mas depois esmoreceu. A tarefa era de fato enorme para ser levada até o fim, mas nos basta para termos uma noção de quão profundamente Goethe penetrou nos problemas da educação da alma. Diante de sua alma se apresentava tudo o que a alma deve superar a fim de elevar-se, tudo o que ontem aprendemos sobre a ira, sobre o Prometeu acorrentado, e também o que nós dissemos hoje sobre a outra educadora da alma humana, sobre o senso da verdade. Quão proximamente afins em seus efeitos sobre a alma humana são essas duas coisas nós podemos ver também nas expressões faciais que elas provocam nas pessoas. Tentem imaginar uma pessoa que fica irada e outra pessoa na qual a verdade atua e penetra como uma luz interna. Vemos como a pessoa irada franze sua testa. Por que ela faz isso? A testa se franze porque no interior atua uma força excedente, como um veneno, a qual deve segurar um egoísmo excedente que quer destruir o que está a seu lado, que existe ao lado do seu próprio “si mesmo”. No punho cerrado de quem está com raiva devemos ver o si mesmo irado, fechado em si, não querendo chegar no mundo externo. Comparemos com isso a expressão fisionômica de quem encontra a verdade. Quando alguém avista a luz da verdade também franze a testa, mas o “si mesmo” se amplia por meio desse franzir de testa. As rugas querem, aqui, em um amor devoto, apreender o mundo todo e sorvê-lo. Os olhos também podem iluminar quem quer espreitar os segredos do mundo. Eles buscam abranger e envolver, iluminando, o que existe fora de nós no mundo. A pessoa que se libertou de si mesma está permeada pela luz da verdade e não cerra os punhos, mas estende sua mão. Na mão estendida reside o absorver da essência do mundo. Assim, fi-

sionomicamente, se manifesta a grande diferença entre a verdade e a ira. Por um lado, a ira impele a pessoa para dentro de seu “si mesmo”, assim como a verdade, por outro lado, leva a uma abertura e a um desenvolvimento da pessoa no mundo externo. Quanto mais a pessoa evolui na sua relação com o mundo externo, tanto mais ela se eleva das verdades refletidas às geradas. Por isso, Goethe contrapôs em sua “Pandora” aquelas figuras que podem ser representantes do que atua na alma. Elas devem expressar simbolicamente as características particulares e as capacidades da alma.

Quando a “Pandora” se abre, já é possível ver no começo algo bem curioso. Já na indicação da primeira cena algo pode lhes chamar a atenção, algo que é significativo em alto nível. Vemos aqui, no lado de Prometeu, uma cena cheia de ferramentas produzidas pelo próprio homem. Por toda parte estiveram presentes forças humanas, mas tudo é, em certo sentido, bruto e desconfortável. Do outro lado está a cena de Epimeteu, o outro Titã. Em seu cenário tudo está perfeito, em certo sentido, pois vemos pouco do que o homem produziu como criador, mas tudo é uma composição do que a natureza já produziu. Tudo foi produzido com base no pensamento reflexivo. Aqui nós temos uma organização, uma formação, uma ordenação simétrica do que há lá na natureza. A cena em Prometeu é assimétrica e bruta, em Epimeteu as formas e manifestações da natureza são harmônicas e simétricas. O encerramento dessa cena forma um panorama em uma paisagem maravilhosa. Por que tudo está ordenado dessa forma? Precisamos apenas considerar as duas personagens: Prometeu, o pensador produtivo, e Epimeteu, o pensador reflexivo. Goethe confrontou essas duas forças atuantes na alma nos dois irmãos Titãs. Por um lado, temos aquilo que está, preferencialmente no ser humano, sob o destino do pensamento criativo, em Prometeu. Aqui o ser humano é limitado em for-

ças rudes, mas ele é produtivo. Ele ainda não consegue realizar as próprias criações tão perfeitamente quanto a natureza realiza as suas. Ele não pode moldar nada em harmonia, mas toda criação brota de suas próprias forças e ferramentas. E falta-lhe também o senso em olhar para o grande cenário da natureza.

Do outro lado vemos Epimeteu, o pensador reflexivo, e o que ele ordenou simetricamente com o que o passado lhe for-neceu. Mas porque ele é um pensador reflexivo, vemos nele também, no pano de fundo, uma bela paisagem que se esten-de e oferece ao ser humano um prazer peculiar.

Então Epimeteu nos revela sua natureza peculiar e nos diz que ele está lá para deixar o passado atuar sobre si e para refletir sobre o que já aconteceu e sobre o mundo visível. E ele nos mostra, em sua fala, o que provoca uma insatisfação na alma algumas vezes. Ele praticamente não percebe nenhuma diferença entre dia e noite. Dizemos simplesmente: “em Epimeteu nos é apresentado o pensamento reflexivo praticado em sua forma mais extrema”. Então nos chega Prometeu com a tocha na mão surgindo da escuridão da noite. Entre seus seguidores vemos ferreiros que começam a trabalhar no que o próprio ser humano produz, e Prometeu nos diz algo bem curioso, que não entenderemos mal se compreendermos Goethe corretamente. Os ferreiros exaltam a atividade que leva a algo produtivo e também o fato de que o homem deve destruir muitas coisas. De modo unilateral, eles louvam o fogo. O homem que é um pensador reflexivo não elogiará uma coisa em detrimento de outra e terá uma ideia geral do todo. Mas Prometeu diz logo: “Que a satisfação do homem ativo seja a parcialidade”.

Ele louva precisamente o fato de que, para sermos ativos, devemos ser limitados. Na natureza, o correto é provado pelo fato de que o incorreto se destrói. Mas Prometeu incute aos ferreiros que continuem com o que pode ser feito. Ele é

o ser efetivo que sai da noite com sua tocha a fim de mostrar como a sua verdade surge do pensamento criativo, da profundidade de sua alma. Para ele, as coisas não são como para Epimeteu, o qual, de modo sonhador, não pode encontrar diferença entre o dia e a noite e que percebe tudo no mundo como num sonho. Pois sua alma trabalhou e compreendeu em sua própria noite escura os pensamentos que surgiam. Mas estes não são nenhum sonho, a alma lhes deu o seu sangue. Desse modo, ela entra no mundo e se liberta de si mesma. Porém, ao mesmo tempo, ela corre o perigo de se perder. O próprio Prometeu, na verdade, não deve se perder, mas se algo unilateral se realiza no mundo, então isso se mostra em seus descendentes. O filho de Prometeu, Phileros, já está disposto a querer amar e gozar o que foi criado, enquanto o pai Prometeu ainda está dentro de toda sua força de criação. Em Phileros, a força do pensamento criativo está unilateralmente desenvolvida. Ele irrompe na vida sem saber em que ponto sua busca por prazer pode encontrar uma satisfação. O que Prometeu possui em si como força fecunda de criação não pode ser passado para esse filho. Por isso, Phileros deve parecer incompreensível também para Epimeteu, que quer dar-lhe instrução em sua vida impetuosa a partir de uma rica experiência.

De maneira grandiosa nos é mostrado mais adiante o que o mero pensamento reflexivo pode oferecer. Isso está vinculado ao mito de Zeus, quando ele prende Prometeu na rocha e impõe aos homens Pandora, a “que possui todos os dons”:

A mais bela e que possui todos os dons
se move graciosamente ao encontro de quem a
admira, do olhar dócil buscando descobrir se eu, igual
ao irmão severo, a mandei embora.

Mas demasiadamente forte meu coração foi excitado,
Senti a noiva amável com o senso extasiado,
Depois do dote misterioso me aproximei
Do jarro de barro bem torneado,
Que permaneceu selado.

Prometeu tinha alertado seu irmão Epimeteu para não aceitar esse presente dos deuses. Mas o irmão o aceitou. Esse presente é aberto porque Epimeteu é diferente de seu irmão, e todas as angústias humanas saem dali. Somente uma fica lá dentro, a esperança. O que é Pandora? O que devemos sentir nessa possuidora de todos os dons? Nela se esconde, verdadeiramente, um mistério da alma humana. Aquilo que permaneceu com o homem reflexivo no mundo é o produto morto, a imagem espelhada abstrata dos pensamentos mecânicos forjados por Hefesto. Essa sabedoria é impotente diante daquela sabedoria criadora universal que fez o mundo brotar de si.

O que essa imagem espelhada abstrata pode oferecer? Vi-mos como essa verdade pode ser estéril, como ela pode desolar a alma humana, e compreendemos que da caixa de Pandora saem todas as angústias do ser humano, tudo que pode atuar na alma humana causando desolação. Temos que ver em Pandora a verdade impotente para a criação, a verdade reflexiva. Ela representa para nós apenas a imagem dos pensamentos mecânicos, uma verdade reflexiva formadora do mecanismo de pensamentos no meio do elemento criativo e vivo do mundo. Somente uma qualidade permanece na caixa para o mero pensador reflexivo. Enquanto o pensador criativo conecta seu eu com o futuro, se liberta de si mesmo e passa a viver dentro do vindouro, fica para o pensador reflexivo, em relação ao futuro, a esperança de que as coisas aconteçam. Porque ele mesmo não participa como pensador criativo

9 Em algumas versões do mito, Pandora não recebe uma caixa, mas um jarro.

dentro do processo vindouro, resta-lhe apenas a esperança. Goethe concebe o mito bem profundamente ao fazer surgirem duas crianças em seu drama “Pandora”, do casal Epimeteu e Pandora. Uma criança é a esperança Elpore, e a outra criança é Epimeleia, a cuidadora e que protege o que existe. De fato, o homem tem duas crianças em sua alma, dois rebentos da verdade morta, abstrata, concebida mecanicamente. Ela é estéril e não atua no futuro porque é apenas uma verdade reflexiva e que só pode refletir o que já existe, mas não o que pode ser ativo criadoramente. Esse homem só pode ter esperanças de que acontecerá o que é verdade. Goethe representa esse fato de um modo realista, decididamente grandioso, em sua Elpo-re, em que ele mostra como ela dá uma única resposta, “sim, sim”, ao homem, quando este pergunta se isto ou aquilo acontecerá. Se um homem prometeico estivesse diante do mundo e falasse sobre o futuro, ele diria: “Eu não espero nada, mas quero atuar e realizar com minhas próprias forças o futuro”. Porém, se o homem é apenas um pensador reflexivo, ele dirige seus pensamentos ao que aconteceu e, diferentemente, passa a ter esperança. Pois em relação à pergunta se isto ou aquilo acontecerá, Elpore sempre diz “sim, sim!”. Nós a ouvimos responder constantemente. Com isso, a filha do ser reflexivo da alma está caracterizada de modo excepcional e delineada em sua esterilidade. A outra filha dessa força da alma é aquela que toma conta, que tem cuidado pelo que já existe. Tudo que é criado ela ordena em simetria, e não pode acrescentar nada ao que existe por meio da sabedoria criadora viva que brota de suas próprias forças. Essa sabedoria reflexiva, que permanece moribunda, produz Epimeleia, quando o que existe deve ser simplesmente protegido da destruição. Mas tudo o que não se desenvolve posteriormente deve ir ao encontro da destruição cada vez mais. Assim vemos como o cuidado se torna sempre maior e como, por meio do elemento mera-

mente reflexivo, entra no mundo não o que é frutífero, mas o que é destrutivo. Goethe caracteriza isso maravilhosamente quando ele faz Phileros se apaixonar por Epimeleia. Vemos Phileros, ardendo de ciúmes, perseguir Epimeleia, a qual encontra nos irmãos Titãs proteção contra ele.

Ao mesmo tempo, como resultado, vemos conflito e discórdia. Daí Epimeleia anuncia que ama quem a persegue. Cada verso a seguir mostra como Goethe olhou profundamente os segredos da alma, do pensar reflexivo e criativo. Vemos como Goethe contrastou, do modo mais maravilhoso, o pensamento criativo nos ferreiros e aquele que deve permanecer na natureza, nos pastores. Estes tomam o que já existe, o que a natureza oferece de si mesma. Mas os ferreiros transformam a natureza. Por esse motivo, Prometeu diz aos pastores: “Eles buscam paz, mas não encontrarão satisfação na alma”; “Caminhem pacificamente! Mas vocês não encontrarão a paz”.

Pois o infrutífero da natureza conduz a tudo aquilo que só quer conservar o já existente. Assim, Goethe confronta as verdades reflexivas e produtivas nas imagens de Prometeu e Epimeteu e todas as personagens ligadas a eles. Eles são representantes daquelas forças da alma que podem resultar de uma tendência unilateral demasiadamente forte a uma aspiração humana pela verdade de uma espécie ou outra. E depois que o mal foi causado pelo que atua unilateralmente na alma humana, depois que vimos como o mal é provocado se a pessoa é apenas uma pensadora reflexiva ou uma pensadora produtiva, vemos se evidenciar no final que só pode trazer a solução a colaboração conjunta de ambos os irmãos Titãs. O drama continua com o surgimento de um incêndio em uma propriedade de Epimeteu. Prometeu, que está disposto a demolir o que foi construído caso sua finalidade não seja mais válida, aconselha o irmão a correr urgentemente ao

local e fazer de tudo para deter a destruição. Porém em Epimeteu toda a consciência da destruição esvaneceu. Ele pensa na imagem de Pandora e está completamente mergulhado no pensamento reflexivo. O diálogo entre Prometeu e Epimeteu sobre a própria Pandora também é interessante. Epimeteu está delirando em relação à Pandora.

Prometeu:

A forma sublime também se aproxima de mim da antiga es-curidão.

Até mesmo Hefesto não a conquista uma segunda vez.

Epimeteu:

Tu também mencionas a ilusão fabulosa de tal origem? Ela descende da antiga e poderosa raça de deuses: Uranione, parentes de Hera e a irmã de Zeus.

Prometeu:

Pois Hefesto, ponderando bem, a adornou ricamente
Trançando uma rede dourada para sua cabeça com mão astuta,
Trabalhando os fios mais sutis, fazendo uma malha múltipla.

Vemos, ao mesmo tempo, como se reencontra em cada frase de Prometeu um produto meramente abstrato e mecânico. Então Eos, o amanhecer, aparece. Ela surge antes do sol, anuncia essa luz, mas já a possui em si. Ela não emerge simplesmente da escuridão profunda da noite, mas é a transição para algo que a noite superou. Prometeu aparece com a tocha porque ele surge da noite. Sua luz artificial deve servir de interpretação para como seu trabalho produtivo surge da noite. Epimeteu pode até admirar a luz solar e seus benefícios, mas ele percebe tudo apenas como um sonho. Ele é somente a alma reflexiva. O modo como a luz pode escapar à atenção da alma criativa de

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Prometeu fica evidente no que ele fala na luz do dia. Ele disse também que seus companheiros estão destinados não só a ver o sol e a luz, mas a iluminar. Agora aparece Eos, o amanhecer, a “aurora”. Ela exige que as pessoas façam o que é correto em toda parte e sejam ativas. Phileros deve se conectar com as forças que lhe possibilitem se salvar, depois que ele já buscou a morte. Ao lado dos ferreiros que fazem o trabalho limitado com o pensamento reflexivo e ao lado dos pastores que apreendem o que já existe, entram os pescadores que cuidam do elemento água. E agora vemos o conselho dado por Eos:

Rubor da juventude, florescência do dia,
Hoje mais bela do que nunca,
De profundezas não descobertas do oceano
Trago-lhe para cá.
Mais depressa desperta-me de meu sono hoje
Tu que habitas do mar a enseada
Por rochedos cerceada.
Sérios pescadores! Renovados do
abastecedouro! Mãos à obra.

Espalhai rapidamente vossas redes
Cercando a conhecida maré cheia:
Na certeza de uma bela pescaria
Clamo a vós com ânimo.
Nadai, nadadores! Mergulhai, vós mergulhadores!
Observai, oh, observadores, sobre o rochedo!
Rapidamente tanto no mar quanto na costa
Que abunde atividade!

Agora nos é mostrado, de um modo maravilhoso, como o filho de Prometeu se salva das ondas e como ele une sua própria força à força das ondas. Dessa maneira, na salvação de Phile-

ros, a força criativa que existe nele se conecta com o que brota como força produtiva na natureza. O elemento ativo e criativo de sua natureza entra em uma conexão plenamente efetiva com o elemento brotante e criativo da natureza. Desse modo, o elemento de Prometeu se reconcilia com o elemento de Epimeteu.

Assim, Goethe apresenta uma solução rica em esperança e mostra como o que é obtido da natureza pelo pensamento reflexivo recebe seu poder produtivo por meio do elemento com origem no pensamento criativo. Este último recebe sua autêntica força por meio de um acolhimento fiel da verdade do que os “deuses concedem lá em cima”:

Repare:

O que se deve desejar, vós sentis aqui embaixo;

O que deve ser dado, isso eles sabem lá em cima.

Vós Titãs iniciais grandiosamente,

Mas guiar ao eterno bem e ao eterno belo

É obra dos deuses que vos concede.

Prometeu e Epimeteu devem se unir na alma humana, en-tão isso resulta no que deve ser uma cura para ambos, uma cura para a Humanidade. No drama todo deveria se revelar como, por meio de uma apreensão integral da verdade, não só o indivíduo é gratificado, mas toda a raça humana. Goethe quis apresentar às pessoas exatamente o que é a essência da verdade, a fim de revelar não o que ela é para o indivíduo, mas como ela une e deve gratificar toda a raça humana e como o amor e a paz chegam até as pessoas por meio da verdade. Então a esperança também se transforma em nossa alma, que primeiramente pode apenas dizer sim a tudo, mas não pode realizar. Por isso, o poema deveria terminar com a Elpore transformada, a Elpore Thraseia, aparecendo e dizendo que ela não é mais vidente, mas que deve ser incorporada na alma

humana, a fim de que o homem tenha não só esperança para o futuro, mas força para colaborar e realizar o que ele mesmo pode criar em si por meio de sua força produtiva! Acreditem no que a verdade faz na alma, essa é a grande e plena verdade, a que reconcilia Prometeu e Epimeteu.

Naturalmente, pouca coisa poderia ser dada nessas indicações delineadas do que pode ser extraído do poema, de um modo geral. Quem abordar o poema apoiado no modo de pensar da ciência do espírito, encontrará aquela sabedoria profunda que inspirou o fragmento na alma de Goethe. Uma força saciadora e redentora pode lhe afluír e atuar vivificadamente.

O que se segue pode ensinar muita coisa do mesmo modo, e não deve permanecer sem ser mencionado. Em sua “Pandora”, Goethe usa uma bela e curiosa expressão, ao dizer que devem atuar conjuntamente a sabedoria divina que flui para o mundo e o que conseguimos graças à nossa força prometeica e ao nosso pensamento produtivo. Aquilo que vem até nós no mundo e diz a nós mesmos o que a sabedoria é, ele denomina a palavra. Porém, aquilo que vive na alma de Epimeteu e deve se conectar com sua palavra e seu pensamento reflexivo, isso é o ato de Prometeu. Assim, vemos que, a partir da conexão do logos ou da palavra com o ato, brota aquele ideal que Goethe em sua “Pandora” quis nos apresentar como resultado de suas ricas experiências de vida. Próximo ao fim do poema, Prometeu profere um ditado excepcional: “A verdadeira celebração do homem genuíno é o ato!” Essa é aquela verdade que permanece escondida ao elemento reflexivo da alma.

Se deixarmos a poesia toda atuar sobre nós, poderemos ter uma ideia do grande e heroico anseio por evolução daquelas pessoas, assim como de Goethe, e da grande modéstia que não acredita que deva permanecer estagnada em um nível, que não

crê – se já conquistou algo – que não deva transcender isso. Goethe foi um aprendiz da vida ao longo de toda a sua existência e, por isso, sempre admitiu para si que, ao tornarmos uma experiência mais rica, devemos superar o que consideramos antes como correto. Quando jovem, no início dos primeiros trabalhos em seu Fausto, Goethe também achou oportuno realizar algumas traduções de partes da Bíblia, em que as palavras “no começo era o verbo!” deveriam dizer outra coisa. Sua tradução era: “No começo era o ato!”. Foi o jovem Goethe que naquele mesmo tempo escreveu também um fragmento sobre Prometeu. Aí vemos apenas o homem ativo, prometeico, o jovem Goethe que acreditava poder avançar na evolução da sua força sem estar fecundado pela sabedoria. O Goethe amadurecido reconheceu, com todas as suas experiências de vida, que seria incorreto subestimar a palavra e que a palavra deve se conectar com o ato. Na verdade, Goethe também reformulou Fausto na época em que escreveu sua “Pandora”. Assim, devemos entender Goethe no decurso do amadurecimento de seu devir [Werden], mas só podemos fazer isso ao compreendermos o que é a verdade em todas as suas formas.

Será sempre um bem para a pessoa se esforçar para ver como a verdade só pode ser apreendida aos poucos. Por isso, é bom também, quando a pessoa é uma buscadora integral, séria e autêntica da verdade, assumir, depois de encontrar esta ou aquela verdade, que agora ela está destinada a introduzir na vida a verdade encontrada. Mas não existem razões para insistir nessa verdade uma vez encontrada. Não há motivo para permanecer em uma coisa já conhecida. O que vimos ontem e hoje nos levou ao conhecimento de que a pessoa, apesar de dever se assentar sobre o chão da verdade conquistada e de intervir a favor dela, tem de se retrair de vez em quando em seu “si mes-mo”, assim como Goethe o fez. Quando a pessoa se retrai desse modo em seu “si mesmo”, ela passa a ter, em compensação, por

meio de todas as forças que lhe crescem da consciência sobre a verdade conquistada, o que lhe dá a medida certa e lhe reconduz ao ponto de vista que no fundo ela deve assumir. Da consciência intensificada da verdade deveríamos sempre nos retrair em nós mesmos novamente e dizer com Goethe: “Muito do que descobrimos antigamente como verdade é hoje apenas sonho e memória onírica, e o que hoje pensamos é algo que não consegue se manter, de modo algum, se o provamos mais profundamente”. As palavras que Goethe sempre disse a si mesmo e que expressou em relação à sua própria busca séria pela verdade deveriam ser ditas por cada pessoa em suas horas solitárias:

Eu sou um sujeito
Completamente pobre
Meus sonhos não são verdadeiros
E meus pensamentos frustram.

Se pudermos sentir isso, entenderemos a relação com nosso elevado ideal, a verdade.

Anexo 8 – Metamorfoses da vida anímica

GA 59, Berlim, 28 out. 1909 – A missão da reverência
(texto integral; tradução de Daniel Burkhard)

Todos vocês devem conhecer as palavras com as quais Goethe encerrou a obra que ele escreveu ao longo de sua vida, Fausto:

Tudo que é efêmero
É apenas símbolo;
O precário
Aqui se torna alcançado;
O indescritível

Aqui é realizado;
O eterno feminino
Nos atraí

Nos dias atuais não deveria ser necessário explicar que o eterno feminino de Goethe nada tem a ver com homem e mulher. Goethe usou uma tradição milenar de expressão conhecida em todas as tradições místicas do mundo.

E Goethe denomina a soma dessas palavras de Chorus Mysticus.

Todas as visões místicas do mundo identificam uma atração da alma humana para algo desconhecido com o qual ela ainda não conseguiu unir-se e a que ela deve aspirar. Esse algo desconhecido, mas intuído pela alma, pelo qual ela se sente atraída, Goethe denomina, de acordo com os místicos de todos os tempos, o eterno feminino. A segunda parte do drama Fausto é o testemunho desse fato.

Agora poderíamos confrontar o Chorus Mysticus, descrito com essas sentenças lapidares, com a Unio Mystica, mencionada pelos místicos, que desenvolveu um pensamento claro e significa união, a qual pode ser conseguida com o eterno feminino.

Quando a própria alma consegue alcançar a altura necessária e sentir a sua ligação com isso (o eterno feminino), alcançamos a Unio Mystica.

Essa Unio Mystica é o topo do que vamos tratar nesta palestra.

Nas últimas palestras, principalmente naquela que tratava da missão da ira e naquela que tratava da missão da verdade, pudemos verificar que a alma humana encontra-se em constante desenvolvimento. Tratamos principalmente das características que a alma deve superar, como a ira, que pode revelar-se como educadora da alma, e mostramos como a verdade pode revelar-se a educadora da alma humana.

A alma humana encontra-se em processo de desenvolvimento, cujo fim e objetivo nem sempre conseguimos enxergar. Podemos olhar para a parte que já desenvolvemos e com satisfação dizer: “evoluímos de algo diferente para o ponto atual”. Podemos dizer isso de um ser como é a alma humana, que se encontra no meio dessa evolução e que representa a parte atuante do processo. A alma deve sentir que continuará evoluindo. Como alma autoconsciente ela diz: “Como posso pensar não apenas em como eu evoluí, mas também em como vou evoluir no futuro?”. Já conversamos várias vezes que, para o observador espiritual, a alma em sua vida interior divide-se em três membros.

Não posso repetir tudo agora, mas é importante termos isso em mente, a fim de que esta palestra também possa ser entendida de modo independente de outras palestras. Diferenciamos na alma humana três membros: a alma da sensação, a alma da razão e da índole e a alma da consciência. A alma da sensação pode existir na vida sem estar fortemente penetrada pelo pensar. A alma da sensação é o membro que capta as percepções do mundo externo. É o membro da alma que transfere as impressões sensoriais para o interior da alma. É a alma da sensação que faz emergir interiormente as sensações de prazer, desprazer, alegria e sofrimento, provocadas pelas percepções do mundo externo. É na alma da sensação que emergem os instintos, impulsos, cobiças e afetos da natureza humana. O homem evolui a partir da sua alma da sensação, a qual ele gradativamente penetra com seu pensar e seu sentir, guiado pelo pensamento, e chega ao segundo membro denominado alma da razão e da índole, que se deixa penetrar cada vez mais com a clareza do pensamento. Nessa alma da razão e da índole emerge gradativamente a consciência do eu, aquele ponto central na nossa alma que pode nos conduzir para o nosso Self, o qual torna possível a purificação da nossa

alma a partir de dentro, de maneira que nos tornamos senhores sobre nossos impulsos volitivos e sobre os sentimentos e pensamentos. Como já mencionamos anteriormente, nosso eu tem dois lados. Um lado do desenvolvimento é aquele que o homem deve alcançar: tornar o eu cada vez mais forte como ponto central de seu ser, de modo que aquilo que ele pode vir a ser para seu ambiente, que ele pode vir a ser para a vida, possa irradiar cada vez mais intensamente a partir de seu eu.

O preenchimento da alma com um conteúdo interior, que o torne cada vez mais valioso para seu meio ambiente e o torne cada vez mais independente, é um lado do desenvolvimento do eu.

O outro lado do desenvolvimento do eu é o egoísmo. Um eu fraco perde-se na vida externa. Um eu fraco, que quer tudo para si, endurece e se torna egoísta.

Com essas palavras descrevemos resumidamente o que faz parte do conteúdo da alma da razão e da índole.

Pudemos ver como os impulsos selvagens da alma da sensação podem tornar-se educadores da alma ao serem superados e escolhemos como exemplo a ira.

Pudemos ver também como a alma da razão e da índole se autoeduca por meio da verdade, quando essa verdade é algo que possuímos como certeza interior, que nos serve de ponto de referência para podermos nos confrontar com as verdades externas e que torna nosso eu cada vez mais seguro e forte e conseqüentemente mais altruísta.

Pudemos ver que existem meios de educação para a alma da sensação e para a alma da razão e da índole.

Surge então a pergunta: “Será que existe um meio de autoeducação também para o membro mais elevado da nossa alma, que é a alma da consciência?”. Também podemos formular a pergunta da seguinte maneira: “O que é desenvolvido na alma da consciência de maneira espontânea e sem esforço consciente e que teria a sua correspondência nos impulsos e

nas cobiças da alma da sensação? O que se desenvolve nela sem esforço consciente?”.

Existe algo que se transfere da alma da razão e da índole para dentro da alma da consciência. É o pensar. É o poder da inteligência do pensar. A alma da consciência somente pode evoluir na medida em que o homem se torna um pensador. A alma da autoconsciência precisa saber do mundo e de si próprio. Ela apenas tem condições de evoluir por meio do instrumento mais elevado do saber, que é o pensamento. Com relação ao mundo externo, é a percepção sensorial que nos transmite o conhecimento. A percepção sensorial produz o estímulo para adquirirmos conhecimento sobre o mundo externo. Para isso devemos nos entregar a ele e interagir com ele. É o próprio mundo sensorial externo que nos estimula e nos fornece as respostas para a nossa ânsia por conhecimento por meio da observação.

De maneira diferente, ocorre a conquista do conhecimento do mundo não sensorial, do suprassensível. Em primeira instância, o mundo suprassensível não existe para o homem. Quando ele quer assimilar o conhecimento em sua alma da consciência, considerando que o estímulo externo não existe, ele depende de um estímulo interior. Esse impulso interior deve penetrar e estimular o pensar. Esse impulso interior somente pode ser causado por forças já existentes na alma. Essas forças interiores são o sentir e o querer. Se o pensar não se deixa impulsionar pelos dois, ele nunca poderá ser conduzido ao mundo espiritual. Com isso não queremos afirmar que o suprassensível seja apenas um sentimento, mas queremos dizer que os guias para o mundo espiritual são o sentir e o querer. O que nos conduz não pode ser o que procuramos. O homem tem de procurar o mundo suprassensível porque este lhe é inicialmente desconhecido. Desde o início essa busca deve ter um guia no sentir e no querer. Quais as qualidades necessárias para o sentir e o querer poderem ser esses guias?

Alguém pode duvidar que o sentir deva ser o guia para o conhecimento suprassensível. Mas uma simples consideração pode nos mostrar que obrigatoriamente o sentir deve ser o guia para o conhecimento. Quem leva o conhecimento a sério deve concordar com a afirmação de que o homem, com relação ao conhecimento, deve usar a lógica. Devemos comprovar um novo conhecimento por meio da lógica, que usamos como instrumento. Mas se a lógica é o instrumento, como podemos provar a lógica? Podemos afirmar que a lógica se comprova por si só, mas deve existir uma possibilidade, antes de tentarmos provar lógica com lógica, de abraçar a lógica com um sentimento. Pensamento lógico não pode ser provado com pensamento lógico, mas apenas com sentimento, e, no fundo, toda a lógica é provada por um senso da verdade que jaz no fundo da alma humana. A lógica tem como fundamento o senso da verdade. O senso da verdade fornece a prova para a verdade de um pensamento. Nesse exemplo podemos ver que a própria lógica tem como fundamento o sentimento. O sentimento deve fornecer a base para a verdade do pensamento.

Quais são as características que o sentimento deve possuir a fim de não dar apenas o impulso ao pensar em geral, mas também ao pensar sobre mundos, que o homem geralmente desconhece?

A característica que o sentimento deve adquirir, a fim de conduzir a algo desconhecido, deve ser uma força que, ao partir do interior, anseia pelo desconhecido. Quando a alma humana anseia por algo diferente, quando ela quer abraçar algo com seu sentimento, podemos falar de amor. Podemos sentir amor por algo conhecido e certamente devemos sentir amor por muitas coisas conhecidas, mas, considerando que amor é um sentimento e que o sentimento deve formar a base para o pensamento em um sentido mais amplo, quando por meio do pensar algo suprassensível deve ser encontrado, esse suprassensível deve ser abraçado pelo sentimento, antes que seja possível pensar a respeito. Isso quer dizer que deve ser possível ao homem – a ob-

servação comprova ser possível – desenvolver um sentimento de amor pelo desconhecido antes de poder pensar o suprassensível.

Sentir amor pelo suprassensível, antes de termos condições de penetrá-lo com a luz do pensamento, é possível e necessário.

Mas também a vontade consegue fluir para o desconhecido suprassensível, antes de o pensar conseguir aproximar-se dele. Aquela característica da vontade, por meio da qual o homem quer executar as intenções e os objetivos do desconhecido em sua própria vontade, antes de poder iluminá-lo com o pensamento, é a entrega para o suprassensível. Assim, o querer pode desenvolver a entrega para o desconhecido e o sentimento pode desenvolver o amor pelo desconhecido, e quando os dois se juntam temos como resultado a reverência. E quando a reverência é a junção, a frutificação mútua entre o amor pelo desconhecido e a entrega para o desconhecido, criamos como reverência o impulso que nos conduz para dentro do desconhecido, de tal maneira que o pensar tem condições de apoderar-se do desconhecido. Dessa maneira, a reverência se torna a educadora da alma da consciência. Quando a alma da consciência aspira ao desconhecido, podemos falar também de uma maneira geral de reverência. Quando o homem se defronta com algo desconhecido, que ele ainda não consegue compreender intelectualmente, apesar de o desconhecido ser uma realidade, podemos dizer que ele se aproxima do desconhecido com amor e entrega. Jamais a alma da consciência alcançará um conhecimento, mesmo que seja de um objeto físico, se ela não se aproximar desse objeto com amor e entrega. A nossa alma passa pelas coisas sem percebê-las ao não se aproximar delas com amor e entrega, isto é, com reverência. Ela é o guia para o conhecimento, o guia do saber sobre o desconhecido. Amor e entrega são necessários para o saber na vida cotidiana, e muito mais ainda quando se trata do mundo suprassensível. Em todo

lugar em que se trata da educação da alma, essa alma deve ser educadora e educando (aluno) daquilo que forma seu centro: o eu, por meio do qual o homem tem a sua autoconsciência. Cientes de que o eu se estrutura cada vez mais, tornando-se cada vez mais forte, por meio da superação de certas características da alma, como a ira, e também por meio do cultivo de certas características, como o cultivo do senso da verdade, devemos dizer que com essas qualidades a autoeducação do eu não termina. Agora tem início a educação pela reverência. A ira deve ser superada, o senso da verdade deve transpassar o eu, a reverência deve fluir a partir do eu para o objeto que deve ser reconhecido. Assim como o eu se eleva acima da alma da sensação e da alma da razão e da índole, conquistadas por meio da superação da ira e do cultivo do senso da verdade, ele se deixa educar para a alma da consciência por meio da reverência. Conforme cresce a reverência, ao tornar-se cada vez mais forte, nos aproximamos cada vez mais daquilo que Goethe expressou com as palavras:

Tudo que é efêmero
É apenas símbolo;
O precário
Aqui se torna alcançado;
O indescritível
Aqui é realizado;
O eterno feminino
Nos atrai

Cada vez mais a alma quer unir-se com o eterno, ela se sente cada vez mais atraída pela força da reverência.

Porém o eu tem duas faces. Ele sente a necessidade de se fortificar cada vez mais, de se tornar um Self com conteúdo cada vez maior. O eu tem a tarefa de se tornar um Self que não se perca no egoísmo e no endurecimento.

Por outro lado, quando se trata de querer elevar-se cada vez mais para o desconhecido e o suprassensível, quando a reve-rência se torna educadora da alma, existe o perigo de esse eu, esse Self, se perder.

O eu pode perder-se quando a vontade se coloca no mundo em constante atitude de reverência. A entrega pode levar o eu a se perder no mundo externo ou no outro, para o qual está se entregando. Assim, o eu não conseguiria mais encontrar-se no outro.

A entrega, por meio da qual o eu se perde, pode ser comparada a um desmaio anímico, que é diferente de um desmaio físico, no qual o eu afunda em uma escuridão indefinida. No desmaio anímico, o eu se perde animicamente, mesmo que fisicamente ele esteja funcionando e com as percepções do mundo externo. O eu pode se perder animicamente quando não tem mais a força de vontade para manter-se independente da vontade alheia. Essa seria a situação extrema, denominada de matança da vontade própria. Quando a vontade do próprio Self é sacrificada, o homem não quer mais nada. Ele renunciou à vontade própria e se entregou à vontade do outro, perdendo a si mesmo.

Quando esse estado de alma se torna repetitivo, a alma adquire um estado de desmaio permanente.

Somente o sentimento de entrega, a entrega na qual se mergulha levando o eu junto, somente essa entrega pode ser proveitosa para a alma humana.

Mas como é possível a entrega levar o eu consigo?

O eu, o Self do homem, nunca deve se deixar levar para qualquer lugar sem levar consigo o pensamento claro, sua autoconsciência.

Na alma da consciência, o pensar é desenvolvido naturalmente. Somente o pensar pode evitar que o eu se perca ao sair para o mundo entregando-se.

Quando a vontade pode ser o guia para a alma entregar-

se a algo externo, o pensar sempre deve acompanhá-la, para que, no momento em que a alma se retirar do externo, ela seja iluminada pela luz do pensar. O pensar por si não consegue entregar-se, isso somente é possível à vontade, mas o pensar deve acompanhar a luz do pensamento penetrar aquilo a que a alma está entregue. Em outras palavras: deve existir a vontade para o pensar iluminar aquilo a que a alma está entregue. No momento em que a vontade para a entrega perde a vontade para o pensar, a alma corre perigo de se perder. Uma vontade que renuncia de antemão ao pensar sobre o objeto de sua entrega pode, em caso extremo, levar ao desmaio permanente da alma.

Será que o amor, o outro elemento da reverência, tem um destino parecido? Para dentro do amor deve fluir algo que irradia do Self humano ao objeto desconhecido, a fim de que em nenhum momento a ausência do eu aconteça.

O eu deve querer penetrar em tudo que se torne objeto de sua reverência e deve manter-se independente de tudo que ele queira abranger com seu amor pelo desconhecido, pelo su-prassensível e pelos objetos externos.

O que acontece com o amor quando o eu não consegue manter-se independente, quando ele não quer iluminar o desconhecido com a luz do pensamento e com o julgamento da razão? Um amor assim torna-se exaltação. Considerando que o eu vive na alma da razão e da índole, ele pode partir de lá em direção ao desconhecido exterior. Nesse caso, o eu não consegue apagar-se totalmente. A vontade pode apagar-se, mas quando o eu, quando a alma, por meio do sentimento, quer abraçar o objeto externo, ele não consegue apagar-se; o eu sempre fica presente no sentimento. Mas quando ele não é suportado pelo querer e pelo pensar, ele se lança para fora sem esteio. Esse lançar-se do eu para fora sem autoconsciência o leva a um amor pelo desco-

nhecido, que não tem a vontade para um pensar claro, levando a alma a uma exaltação cada vez mais intensa.

Nessa exaltação existe algo que pode ser denominado de sonambulismo anímico, assim como encontramos o desmaio anímico quando a entrega da vontade se perde.

Um exaltado é aquele que não leva consigo um eu forte para o desconhecido, aquele que leva consigo apenas as forças secundárias do eu para penetrar em um objeto externo.

Ele não deixa toda a força do eu fluir com base em sua consciência a fim de tentar captar o desconhecido, mas o captará como em sonho. Quando essa exaltação se intensifica, ela se torna um estado sonolento permanente, ou sonambulismo da alma. Quando a alma não consegue estabelecer uma relação adequada com o mundo e as outras pessoas, quando ela se lança impetuosamente na vida, evitando a luz do pensamento, torna-se uma sonâmbula anímica, perambulando pela vida.

Isso acontece quando uma exaltação, preenchida em seu amor pelo desconhecido, não é preenchida pelo eu, evitando a clareza do pensamento, a clara luz do pensamento forte, em uma autoconsciência forte.

Quanto mais fraca é a autoconsciência, maior é a possibilidade da exaltação. Quando a alma cai em uma letargia do pensar, quando ela não tem vontade, ao encontrar o desconhecido, de deixar iluminar-se pela luz do pensamento, ela deixa levar-se para a superstição em todas as suas formas.

A alma exaltada, que perambula pelo mundo, carregando consigo aquele sonho amoroso, preguiçosa no pensamento, que não possui a plena autoconsciência, é propensa a acreditar cegamente em tudo que lhe é oferecido, permitindo que outros lhe ditem verdades e conhecimentos. Essa atitude não exige uma atividade interior criativa do pensamento.

Para reconhecermos um objeto externo que nos é oferecido pelos sentidos, precisamos de um pensar criativo. Para reconhecermos o suprassensível, independentemente da forma como nos é oferecido, ele nunca deverá ser almejado com exclusão do pensamento. No momento em que o buscamos apenas por meio da observação, somos expostos a todo tipo de ilusão e engano. Todo tipo de ilusão e superstição e tudo aquilo que de alguma forma nos conduz ao suprassensível de maneira ilusória ou mentirosa acontecem somente devido à ausência de um pensar criativo que ilumine a autoconsciência. Ninguém que tenha a vontade para o pensar autônomo pode ser enganado por informações supostamente oriundas do mundo espiritual. Esse é o único meio existente, não existe outro.

Todo pesquisador espiritual pode confirmar: quanto mais vontade para o pensar criativo existe, maior a possibilidade de reconhecer o mundo espiritual em sua verdade, sua clareza e sua realidade. Vemos que necessitamos de algo para a autoeducação do eu, algo que conduza cada vez mais para dentro da alma da consciência e seja o guia na educação da alma da consciência diante de tudo que seja desconhecido no mundo físico e no mundo suprassensível: Reverência com-posta de amor e entrega. Quando amor e entrega forem permeados pela autoconsciência adequada, eles nos conduzirão a degraus cada vez mais elevados do nosso autoconhecimento.

A reverência adequada, seja pela oração ou por outra forma, não pode cometer erros em relação àquilo de que nos aproximamos com reverência, ou seja, com amor e entrega.

Uma boa educação experimentalará a força que emana do impulso da reverência para a alma. Para a criança, uma grande parte do mundo é desconhecida, e a melhor forma de ensiná-la a reconhecer e julgar o que lhe é desconhecido é despertar nela a reverência pelo desconhecido. Nunca nos enganaremos: uma reverência bem conduzida leva a uma experiência em todas as áreas da vida.

É muito importante para a alma humana que ela, na vida adulta, possa olhar para trás, para a infância, e lembrar-se de muitos momentos nos quais conseguiu elevar a sua veneração até a reverência.

A alma que na infância teve a oportunidade de olhar muitas vezes para personalidades veneradas, de olhar com reverência íntima para coisas que, com a consciência ainda limitada, não compreendia, traz um impulso importante para o posterior desenvolvimento superior na vida.

Olhamos com gratidão para trás, ao nos lembrar de como na família comentava-se sobre pessoas com qualidades, das quais todos falavam com veneração. Uma timidez sagrada, que pode levar a uma experiência muito íntima, pode manifestar-se na alma.

Com sentimentos que somente podem ser atingidos por meio da reverência, lembramo-nos como a mão tremia ao apertar a maçaneta da porta que levava ao recinto no qual se encontrava a pessoa reverenciada, da qual ouvimos falar em família, e que encontramos pela primeira vez. Encontrar, trocar algumas palavras em um encontro precedido pela reverência, é um dos melhores impulsos. Essa reverência pode nos conduzir na busca por respostas para as questões mais elevadas da existência. A reverência pode ser um guia quando tentamos solucionar as tarefas mais elevadas na busca daquilo com o que desejamos união.

A reverência é uma força que puxa para cima e, ao puxar para cima, fortifica e consolida a organização anímica do homem.

Como isso é possível?

Vamos tentar visualizar a expressão corporal do homem na reverência. O que o homem faz externamente ao expressar reverência?

Ele dobra o joelho, junta as mãos e inclina a cabeça na di-

reção do objeto ou da pessoa a que se destina a reverência. Essas são as partes do corpo por meio das quais o eu, e principalmente os membros anímicos mais elevados, se expressam de maneira mais explícita.

O homem fica ereto e firme sobre a terra graças às suas pernas. O homem torna-se um abençoador na vida ao irradiar seu ser por meio das mãos, e ele torna-se um observador do céu e da terra por meio do movimento de sua cabeça. A observação do homem nos ensina que ele pode ter mais firmeza e vigor sobre os próprios pés após ter dobrado os joelhos com reverência diante de algo superior.

Ao dobrar os joelhos recebemos uma força que irradia para o corpo todo. Aqueles que esticam os joelhos, sem ter aprendido a dobrá-los com reverência, esticam apenas o que sempre tiveram: a própria insignificância, à qual não acrescentam nada.

As pernas, cujos joelhos se dobraram, recebem nova força ao esticar-se. Agora não é a própria insignificância que se estica, estica-se aquilo que foi adquirido como novo.

As mãos que querem abençoar e consolar, sem ter-se dobrado em reverência, não conseguem transmitir nada além de sua própria insignificância.

Porém as mãos que aprenderam a dobrar-se adquirem, ao dobrar-se com reverência, uma força que, ao abençoar e consolar, transpassa as mãos.

Elas tornam-se mãos poderosamente transpassadas pelo eu. O caminho da força adquirida pelas mãos dobradas passa antes pelo coração e inflama o amor. E a reverência das mãos dobradas, ao passar pelo coração e pelas mãos, torna-se uma benção.

A cabeça que olha para o mundo inteiro, direcionando sua visão e seus ouvidos, não pode fazer mais do que contrapor seu vazio interior.

Porém a cabeça que se inclinou em reverência para os obje-

tos, hauriu da reverência uma força que a transpassa de modo que ela não contrapõe ao mundo seu vazio interior, mas os sentimentos que ela adquiriu com a reverência.

Quem olha e estuda os gestos humanos com a atitude correta, sabendo o que se passa no ser humano, poderá deduzir, com base na fisionomia externa, como a reverência envolve o eu e lhe confere maior força autônoma e como essa força autônoma tem o poder de penetrar nas coisas desconhecidas. Se queremos penetrar nas coisas desconhecidas, devemos en-tregar-lhes as nossas habilidades, e isso será feito quando nos aproximarmos delas com amor e entrega. Podemos verificar então que, por meio da reverência, o nosso eu não se torna mais fraco, mas, ao contrário, se torna mais forte. Por meio da autoeducação para a reverência, elevamos os sentimentos e os impulsos escuros, os sentimentos de simpatia e antipatia pelas coisas.

Os sentimentos de simpatia e antipatia que entram na nossa alma de maneira subconsciente ou inconsciente, sem termos um julgamento a respeito e sem serem iluminados pela luz, são elevados para a consciência por meio da autoeducação do eu para a reverência. Dessa maneira, tudo que se relaciona com simpatia e antipatia, que atua como um poder escuro, que pode errar, é preenchido pela luz da alma. O que era es-cura simpatia e antipatia é elevado ao julgamento pelo eu e se torna senso estético ou senso moral.

A alma que se educou para a reverência transforma as suas sensações escuras de simpatia ou antipatia em sentimen-tos para o belo ou para o bem. A alma que educou a sua vontade para a entrega na reverência, após garantir sua autonomia e sua autoconsciência, purificará seus impulsos e instintos escuros, os quais normalmente permeiam os impulsos da vontade, no intuito de formar gradativamente

aquilo que denominamos de ideais morais. Reverência significa autoeducação da alma, que eleva os impulsos e instintos da vida para os ideais morais da vida. Reverência é algo que semeamos como um germe para dentro da alma, e ele brotará.

Quem observa a vida sem preconceitos pode observar isso também em outro exemplo. Podemos observar como o homem em sua biografia uma linha ascendente e uma linha descendente. Na infância e na juventude existe a linha ascendente, em seguida existe uma parada na ascensão para, em seguida, na idade mais avançada, ter início a linha descendente. Podemos dizer que a linha descendente possui o sentido inverso daquilo que na infância e na juventude foi desenvolvido.

De maneira singular, as características que foram desenvolvidas na infância e na juventude mostram-se novamente na idade avançada.

Quem observa a vida pode perceber que as crianças, que assimilaram muito da reverência bem conduzida, vivenciam na idade em que essa semente brota. Uma reverência assim aparece na idade avançada, no sentido inverso, como uma força.

Uma juventude sem entrega na vontade e sem sentimento de amor bem conduzidos levará a uma velhice fraca.

A reverência é necessária para a alma poder evoluir. A reverência deve possuir características que consigam capturar a alma em desenvolvimento.

Quais características deve ter aquilo a que olhamos com re-verência?

Olhando com amor para outro ser, podemos enxergar no amor do outro ser para conosco algo que talvez será desenvolvido. Podemos falar nesse sentido invertido também da entrega? O exemplo a seguir mostrará que isso não é possível: quando o homem se entrega a Deus em amor, ele pode saber

que Deus também se inclina sobre ele com amor. O homem desenvolve reverência para aquilo a que ele chama de Deus no universo. A contrapartida da reverência não pode ser denominada de reverência. Não podemos falar de uma reverência de Deus para com o homem. O que, nesse caso, é a contrapartida da reverência? O que irradia ao encontro da nossa reverência por Deus? Irradia aquilo que o homem não consegue abarcar com a sua vontade e o seu poder: Em se tratando do divino, a onipotência.

Aquilo que elaboramos na juventude como reverência irradia na velhice como poder e, em se tratando do divino, como onipotência.

Olhando para o céu estrelado em sua majestade infinita, que não conseguimos abarcar com a consciência, ou dirigindo nosso olhar para o Deus invisível, o qual impregna todo o universo, temos a vivência da onipotência.

Olhamos com a nossa reverência para a onipotência e percebemos que não podemos nos unir com o que está acima de nós sem irmos ao encontro dele com reverência. Aproximamo-nos da onipotência ao mergulhar na reverência. Podemos falar de onipotência, mas não podemos falar de “oniamor”. O poder pode ser elevado e ampliado. Quando alguém tem poder sobre dois ou três seres, ele é duas ou três vezes mais poderoso. O poder cresce na medida em que cresce o número de seres sobre os quais ele se expande.

Isso não acontece com o amor. Quando uma criança é amada por sua mãe, não quer dizer que essa mãe não possa amar o segundo filho e o terceiro filho com a mesma intensidade. O amor não precisa dobrar ou triplicar.

É totalmente equivocado alguém dizer que precisa dividir seu amor entre dois ou três seres. O amor não se deixa medir em números.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

O amor é um componente da reverência, e a entrega é o outro componente da reverência. Assim como não podemos medir o amor com números, não podemos medir o grau de entrega. Podemos ser entregues a um ser e podemos ser entregues a outro ser também, se é que conseguimos ter esse sentimento. A entrega pode intensificar-se, mas não precisa dividir-se ou multiplicar-se ao encontrar vários seres. Considerando que amor e entrega não precisam dividir-se, não existe o perigo de o eu, que deve formar uma unidade, ser fragmentado ao se entregar com amor a um desconhecido e com entrega a um desconhecido. Sendo assim, amor e entrega são os guias adequados para o encontro com o desconhecido e são os educadores para elevar a alma da razão e da índole para a alma da consciência.

Assim como o domínio da ira educa a alma da sensação e o senso da verdade, ou a busca pela verdade, educa a alma da razão e da índole, assim a reverência educa a alma da consciência. Por meio da educação da alma da consciência pela re-verência, ela conquistará cada vez mais conhecimento e cada vez mais consciência. Mas essa reverência deve ser conduzida por uma autoconsciência que não tenha medo da luz do pensamento.

Quando deixamos nosso amor fluir, ele atua pelo próprio valor a fim de nos trazer ao presente. A mesma coisa acontece com a entrega. Podemos nos perder, mas não precisamos nos perder. Isso é importante, principalmente quando se trata de educação. Não devemos educar para uma reverência cega. A educação para a reverência deve ser acompanhada pelo culti-vo de uma sadia autoconfiança.

Enquanto a mística de todos os tempos, assim como Goethe, denomina o desconhecido, pelo qual a alma se sente atraída, de eterno feminino, podemos chamar o que deve permear a

reverência, sem causar mal-entendidos, de eterno masculino. Da mesma maneira que na mística e também em Goethe o eterno feminino pode ser encontrado em homens e em mulheres, o eterno masculino, aquela autoconfiança na reverência, também pode ser encontrado em homens e em mulheres. Por encontrar o Chorus Mysticus de Goethe, no sentido da velha mística, e por termos conhecido a missão da reverência, que nos leva ao encontro com o desconhecido, podemos acrescentar o que deve permear a reverência: o eterno masculino.

Após termos conhecido a missão da reverência, podemos entender de maneira correta aquela vivência da alma humana para a qual conflui toda a reverência, na qual toda a reverência se manifesta, a união com o desconhecido que procuramos alcançar: a Unio Mystica. Toda Unio Mystica leva ao infortúnio da alma quando o eu se perde ao querer unir-se com algo desconhecido. Entregar-se para o desconhecido exige que tenhamos algo para entregar. Quando um eu fraco, sem autoconfiança, se entrega ao desconhecido, àquilo que está acima de nós, essa união não possui nenhum valor. A Unio Mystica somente tem valor quando o eu forte se eleva para as regiões das quais nos fala o Chorus Mysticus.

Quando Goethe nos fala das regiões para as quais a reverência mais elevada pode conduzir, a fim de ganhar os conhecimentos mais elevados, seu Chorus Mysticus nos diz com as mais belas palavras:

Tudo que é efêmero
É apenas símbolo;
O precário
Aqui se torna alcançado;
O indescritível
Aqui é realizado;
O eterno feminino

Nos atraí
Então a Unio Mystica bem entendida pode responder sim,
Tudo que é efêmero
É apenas símbolo;
O precário
Aqui se torna alcançado;
O indescritível
Aqui é realizado; O
eterno masculino
Nos atraí

Anexo 9 – A ponte entre a espiritualidade do mundo e o âmbito físico do ser humano

GA 202, 9ª Conferência, Dornach, 17 dez. 1920 (texto integral – tradução de Christa Glas)

Hoje quero inserir uma consideração que talvez lhes possa parecer meio distante, mas que deve ser vista como uma consideração significativa inserida no curso das exposições que estamos fazendo agora. No decorrer do tempo reunimos os mais diversos elementos necessários ao conhecimento do ser humano. Agora estamos empenhados em, de um lado, introduzir o ser humano, passo a passo, na vida cósmica, e, de outro, na vida social. Para isso é necessário que chamemos a atenção para algumas coisas que podem contribuir para a compreensão da entidade humana. Quando consideramos o ser humano no sentido da ciência natural, no fundo observamos apenas uma parte dessa entidade. Isso já se mostra no fato de que não se leva em consideração que o ser humano, além de seu corpo físico, ainda possui membros mais elevados de sua entidade. Mas hoje, em um primeiro momento, vamos deixar isso de lado. Vamos considerar o que, de um lado, é mais ou menos reco-

nhecido pelo empenho científico, mas que, de outro, também já se inseriu na consciência popular. Em verdade, observa-se o ser humano de tal maneira que apenas se considera como organismo aquilo de que se pode fazer alguma representação mental como sendo sólido ou sólido-líquido. É certo considerar o líquido e o aéreo como entrando e saindo do ser humano. Mas não se considera que eles mesmos possam ser uma parte do organismo humano. O calor que o ser humano tem em si, com uma temperatura mais elevada do que seu entorno, é considerado como um estado do organismo humano, mas não como um membro desse organismo. Logo vamos ver com mais exatidão o que eu quis dizer com isso.

Quando se olha – já chamei sua atenção para isso – para o movimento ondeante do liquor cérebro-espinhal, vê-se como, pela expiração e pela inspiração, ocorre um movimento oscilante regular, um movimento do liquor cérebro-espinhal de baixo para cima e de cima para baixo, como o liquor cérebro-espinhal é impelido para cima na inspiração e, de certa forma, bate no cérebro, e como desce novamente na expiração. Isso que acontece nas inclusões do puramente líquido do organismo humano não é considerado como pertencente ao próprio organismo. Imagina-se, mais ou menos, que o ser humano é construído, como organismo físico, daquilo que se encontra nele como substâncias mais ou menos sólidas ou, no máximo, como partes sólido-líquidas.

Imagina-se que o ser humano é constituído das substâncias que são encontradas em estado mais ou menos sólido, as substâncias ósseas e assim por diante. Portanto, imagina-se o ser humano como uma estrutura montada. A outra parte – o que é líquido no ser humano, como exemplifiquei com o liquor cérebro-espinhal, e o que é aeriforme – é considerada na anatomia e na fisiologia como não pertencente ao orga-

nismo humano. Diz-se: “Ora, o ser humano inspira o ar que percorre certos caminhos nele e também tem certas tarefas. Ele é novamente expirado. Fala-se do estado calórico do ser humano, mas, no fundo, só se considera o sólido como elemento organizador, e não se vê que, além da estrutura sólida, deve-se ver o ser humano todo como um líquido – digamos, inicialmente, como uma coluna líquida –, deve-se ver que o ser humano todo é impregnado de ar e que ele tem, de cima para baixo, um certo estado calórico. Mas de uma observação mais exata resulta que, da mesma forma como se vê o sólido ou o sólido-líquido apenas como uma parte, um membro do organismo humano, também o que o ser humano tem em si, diretamente como líquido, não deve ser considerado como uma massa fluída sem importância, mas como um organismo, e que esse organismo, ainda que flutuante, deve ser pensado como um organismo, e que esse organismo, o líquido, tem o mesmo valor do organismo sólido.

Portanto, ao lado do ser humano de certo modo sólido, temos de considerar o homem líquido, e além disso devemos levar em consideração o homem-ar. Pois o que temos em nós como ar, no que diz respeito à sua articulação, em relação às partes, é do mesmo modo um organismo, como o organismo sólido é um organismo, só que é um organismo aeriforme, aeriforme em movimento. E, finalmente, o que existe em nós como calor não é um espaço de calor uniforme que se expande no ser humano, mas também se organiza em sutilezas como o organismo sólido, o organismo líquido e o organismo gasoso ou aeriforme.

Porém logo se percebe que, no momento em que se fala do organismo líquido que, de certa forma, está no mesmo espaço, que preenche o mesmo espaço preenchido pelo organismo sólido, não é possível falar desse organismo líquido

sem que, tendo em vista a atual estrutura do ser humano terrestre, se fale do corpo etérico que permeia e fortalece esse organismo líquido. O organismo físico, em um primeiro momento, existe por si, é o corpo físico. Na medida em que o consideramos, em sua totalidade, nós o consideramos, em primeiro lugar, como organismo sólido. Tem a ver com o corpo físico propriamente dito.

Em segundo lugar, observamos o organismo líquido que, evidentemente, não pode ser examinado da mesma maneira que o organismo sólido, não pode ser examinado usando-se o escalpelo, mas deve ser compreendido como um organismo móvel em si, um organismo líquido. Não podemos considerá-lo sem imaginá-lo permeado pelo corpo etérico.

Em terceiro lugar, temos o organismo aeriforme. Não podemos examiná-lo sem considerá-lo permeado pelo corpo astral.

E em quarto lugar temos o organismo calórico, totalmente diferenciado em si. Não podemos observá-lo sem imaginá-lo permeado pela força do eu. É assim que o ser humano é constituído atualmente. Portanto, temos:

Organismo físico	Corpo físico
O ser humano visto de outra maneira:	

- | | |
|------------------------|---------------|
| 1. Organismo sólido | Corpo físico |
| 2. Organismo líquido | Corpo etérico |
| 3. Organismo aeriforme | Corpo astral |
| 4. Organismo calórico | Eu |

Uma consequência disso fica clara para nós: examinemos, por exemplo, o sangue. Na medida em que seu componente principal é essencialmente líquido, na medida em que esse sangue pertence ao organismo líquido, ele é permeado pelo corpo etérico. Além disso, porém, temos no sangue o que só chamamos de estado calórico. Este, porém, é um organismo que de modo algum coincide com o organismo líquido do sangue. E se fôssemos examiná-lo – e para tal, se esse for o objetivo, podem perfeitamente existir métodos de pesquisa físicos –, resultaria que, ao simplesmente registrarmos os estados calóricos nas diferentes partes do organismo humano, não haveria coincidência com o organismo líquido ou qualquer outro organismo.

Ora, a partir do momento em que se observar o ser humano desse modo, se verá que não é possível ater-se apenas ao organismo humano. Este tem certa configuração fechada, fechada para fora pela pele. Mas isso também é apenas aparente, porque o ser humano observa o que se lhe apresenta como sólido como se fosse algo fechado em si. Mas o sólido também é diferenciado em si e, acima de tudo, tem conexões diferenciadas com o resto da corporalidade sólida. Como o mais óbvio ao qual se deve atentar, temos que as diferentes substâncias sólidas têm, por exemplo, pesos diferenciados, e já desse fato podemos deduzir como o que há no organismo humano, pelo fato de ter pesos diferenciados, ter pesos específicos, de certo modo exerce pesos diferentes sobre o ser humano. Por esse motivo, em relação ao seu organismo físico, o ser humano está relacionado com toda a Terra. Mas, de qualquer maneira, pelo menos na aparência externa, o organismo físico é espacialmente limitado.

O caso já é bem diferente no organismo que mencionamos em segundo lugar, que é permeado pelas forças do corpo etérico, o organismo líquido. Esse organismo líquido tem a característica de já não poder ser separado tão rigorosamente do meio ambiente. O que é líquido, em qualquer espaço, delimita-se com o líquido restante. E mesmo que, em um primeiro momento, o líquido, como tal, só exista no mundo exterior de forma diluída, não há um limite tão rígido entre o líquido no interior do ser humano e o líquido que existe fora do ser humano, como é o caso no organismo sólido. Assim somos levados, de certa forma, a ver de modo difuso os limites entre o líquido no interior do ser humano e o líquido exterior.

Isso se torna mais nítido quando olhamos para o organismo aeriforme, que é permeado pelas forças do corpo astral. O que, em determinado momento, temos em nós como ar pouco antes estava fora de nós e logo depois estará novamente fora de nós. Estamos em um constante interiorizar e exteriorizar do que é aeriforme em nós. De certo modo, só podemos considerar o ar que cerca a Terra e dizer: “Ele penetra no nosso organismo e depois se retira novamente; mas ao penetrar em nosso organismo, ele passa a ser nosso organismo”. Nisso que vem a ser nosso organismo aeriforme, temos um organismo que se forma continuamente a partir da atmosfera e retorna novamente a ela. De fato, a cada inspiração, assimilamos algo em nós, ou, ao menos, a assimilação é modificada a cada processo de inspiração. E, do mesmo modo, há uma dissolução, pelo menos parcial, em cada processo de expiração. Podemos dizer: “De certo modo, nosso organismo aeriforme é transformado a cada respiração; não é que nasça de novo, mas é transformado tanto na inspiração como na expiração”. Nesta última ele, evidentemente, também não morre, ele apenas se modifica, porém ocorre uma contínua ação recíproca entre o que temos em nós como

organismo aeriforme e o ar exterior. O que geralmente se leva em consideração no modo usual de ver o organismo humano só é possível desse modo, porque não se leva em consideração o fato de que o organismo aeriforme difere apenas em um pe-queno grau do organismo sólido.

No nosso organismo calórico isso se mostra em um grau mais elevado. O fato de não se levar em consideração o organismo líquido, nem o organismo aeriforme, nem o organismo calórico, mas apenas o organismo sólido, reside no modo de ser materialista, mecânico. Mas não se adquire um conhecimento real do ser humano sem levar em consideração o ser humano constituído de um organismo calórico, um organismo aeriforme, um organismo líquido e um organismo sólido.

No organismo calórico vive principalmente o eu. Poderíamos dizer que o próprio eu é o organismo espiritual que, fortalecendo a partir de si o que temos em nós como calor, domina, configura. Configura não apenas exteriormente na delimitação, mas configura estruturando interiormente.

Não compreenderemos o anímico sem considerar esse efeito direto do eu sobre o calor. No ser humano o eu é, em primeiro lugar, o que coloca em atividade a vontade, o que lhe proporciona os impulsos volitivos. Como é que o eu proporciona impulsos volitivos? Já falamos, de outro ponto de vista, como os impulsos volitivos estão ligados ao elemento telúrico, diferentemente dos impulsos dos pensamentos, dos impulsos da representação mental, que estão ligados ao extratelúrico. Porém sendo o eu aquele que mantém unidos os impulsos da vontade, qual é, então, o caminho para levar os impulsos volitivos para dentro do organismo, para a entidade humana toda? Isso se dá, em primeiro lugar, porque a vontade atua no organismo calórico do ser humano. Quando o eu tem um

impulso volitivo, este age, inicialmente, no organismo calórico. Naturalmente, sob as circunstâncias telúricas, não é possível que o que vou descrever agora exista em uma realidade concreta. Assim mesmo podemos considerá-lo como algo que existe essencialmente no ser humano. Pode-se enfocá-lo não levando em conta que o organismo sólido se encontra no espaço delimitado pela pele humana. Vamos deixar de levar em consideração esse organismo, assim como o organismo líquido e o organismo aeriforme.

Sobra, então, o espaço preenchido de calor que, evidentemente, se comunica com o calor exterior. Mas o que age dentro do calor, o que faz com que o calor se desloque em forma de correntes, que se movimenta interiormente, é um organismo, é o eu.

Quando olhamos o corpo astral humano, vemos que ele tem em si todas as forças do sentimento, do sentir. As forças do sentir vivem no corpo astral de tal maneira que o corpo astral, por sua vez, leva as forças do sentir a um efeito físico naqui-lo que está fundamentado no ser humano como o organismo aéreo.

Portanto, poderíamos dizer: “Assim como é, afinal, o ser humano como ser terrestre, seu eu, por meio de seu organismo calórico, efetua o que se expressa quando o ser humano entra no mundo como ser volitivo. O que o corpo astral vivencia como sentimentos e que depois atua sobre o organismo terrestre é o organismo aéreo. E quando continuamos, e chegamos ao organismo etérico, ao corpo etérico – é certo que, de início, de modo mais imagético do que consciente, porque para a consciência ainda deve ser levado em consideração o corpo físico, o qual enfraquece as imagens, que são as representações mentais físicas, imagéticas –, ele contém em si a

representação mental propriamente dita, na medida em que a representação mental é imagética. Isso atua sobre o organismo líquido.

Os senhores veem que chegamos mais próximo do anímico quando observamos, em especial, esses organismos do ser humano. A concepção materialista que permanece apenas na estrutura, que estabelece naturalmente que a água não pode ser organizada – mas ela é organizada no organismo –, tem de chegar a essa conclusão pela total incompreensão do anímico; porque o anímico está diretamente presente nesse outro organismo. E o organismo sólido é, no fundo, apenas algo que, em verdade, forma o suporte para os outros organismos. Temos o organismo sólido como uma estrutura de sustentação constituída de ossos, músculos e assim por diante. Nessa estrutura de sustentação, está inserido o organismo líquido, que é diferenciado em si e que, sem dúvida, é configurado em si, e nesse organismo líquido vibra o corpo etérico, nesse organismo líquido é que os pensamentos são gerados. Como é que eles se geram? Eles se geram porque nesse organismo líquido se mostra uma determinada metamorfose, é o que conhecemos no mundo exterior como som.

Em verdade, o som é algo que, pode-se dizê-lo deste modo, engana imensamente o modo de observar humano. Como se-res humanos terrenos percebemos, em primeiro lugar, o som, de modo que o ar é o portador do som. Ora, mas o ar é apenas o mediador para esse som que tece o ar. E a pessoa que apenas vê a essência do som nas vibrações do ar é como uma pessoa que também diz: “O ser humano tem apenas seu organismo físico, neste não vive nada de anímico”. É como se considerássemos apenas o organismo físico do ser humano e não víssemos nada de anímico dentro dele. É como se considerássemos as vibra-

ções do ar como o essencial do som, quando, em verdade, são apenas a sua expressão exterior. O que vive nelas como som é essencialmente um elemento etérico. E nosso som aéreo tem sua origem apenas no fato de que temos o ar permeado pelo etérico do som, que é a mesma coisa como o éter químico. E, na medida em que esse éter permeia o ar, ele transmite ao ar o que vive nele, e para a nossa percepção surge o que chamamos de som. O éter do som, que é ao mesmo tempo o éter químico, vive essencialmente no nosso organismo líquido – em outra ocasião falaremos com mais exatidão de todas essas coisas.¹⁰ De modo que podemos discernir o seguinte: temos o corpo etérico vivendo no nosso organismo líquido; mas, além disso, flui para dentro dele, vindo de todos os lados, o que fundamenta o som como éter do som. Peço-lhes, portanto, que distingam isso muito bem. Temos em nós o corpo etérico que trabalha e atua produzindo pensamentos em nosso organismo líquido. Mas em nosso organismo líquido entra e sai constantemente o que podemos chamar de éter químico. Portanto, quando observamos nosso organismo, temos um organismo etérico completo por éter químico, éter calórico, éter da luz, éter da vida e, além disso, temos, de forma muito especial, o éter químico que entra e sai do corpo líquido.

O corpo astral que se expressa no sentir vive por meio do organismo aéreo. Outro tipo de éter, que permeia especialmente o ar, tem, por sua vez, uma afinidade especial com o organismo aéreo, é o éter da luz. Em cosmovisões mais antigas indicava-se o parentesco entre o ar físico em expansão e o éter da luz, que o permeia. O éter da luz, que de certa forma é carregado justamente pelo ar, que é mais aparentado ao ar que o som, também entra principalmente em nosso organismo aéreo e fundamenta o que entra em nosso organismo aéreo e sai dele.

¹⁰ O tema também foi abordado em: GA 283, 18 e 20 dez. 1920; e em GA 211, 1 abr. 1922.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Portanto temos nosso corpo astral que vivencia em si o sen-tir, que se mostra especialmente atuante no organismo aéreo e lá se choca de modo constante, principalmente com o éter da luz. E temos o eu humano. O eu humano que atua por meio da vontade no éter calórico e está ligado ao calor exterior, ao éter calórico exterior, que entra e sai.

Temos, portanto, as seguintes relações:

Eu	vontade	organ. calórico	éter calórico
Corpo astral	sentir	organ. aéreo	éter da luz
Corpo etérico	representação	organ. líquido	éter químico

Agora considerem o seguinte: o corpo etérico permanece em nós também quando dormimos, do adormecer até o acor-dar, do adormecer até o acordar, no interior – a constante interação do éter químico com o corpo etérico por meio do organismo líquido.

No corpo astral, com o sentir, a coisa já é bem diferente. Do adormecer até o acordar o corpo astral está fora do orga-nismo humano; o corpo astral, com o sentir, não tem efeito sobre o organismo aéreo, mas o organismo aéreo, do qual já falamos, que está ligado a todo o meio ambiente, é sustenta-do pelo lado de fora. E o próprio ser humano, na medida em que nele existe o corpo astral com o sentir, sai do corpo fisi-co, portanto, está fora do corpo humano e, por isso, entra no mundo com o qual ele se relaciona por meio do éter da luz. Do adormecer ao acordar, o ser humano vive dentro, diretamente dentro daquilo que, em relação ao corpo astral, lhe é transmi-tido pelo organismo aéreo durante a vigília. De modo análogo, isso acontece com o Eu e o organismo calórico.

Os senhores podem ver, depois do que foi dito, que só se adquire uma compreensão das relações do ser humano com o

meio ambiente quando realmente se entende essa articulação do ser humano que, em verdade, não é levada em consideração pelo mundo comum, mecânico, de observar. Tudo se permeia no ser humano, e pelo fato de o Eu estar no organismo calórico, e de o eu também permear o organismo aéreo, líquido e sólido, ele também os permeia justamente com o organismo calórico, que então vive em tudo.

Portanto, o organismo calórico vive no organismo aéreo, e o organismo calórico permeado pela força do eu também vive no organismo líquido.

É nesse caminho que devemos procurar a forma de atuação do eu na circulação sanguínea. O modo de atuar do eu na circulação sanguínea se dá de tal modo que ele faz o desvio pelo organismo calórico. Nesse caso o eu atua como a entidade que, de certo modo, manda a vontade para baixo a partir do calor, pelo ar, para dentro do líquido. No organismo tudo interage dessa maneira. Mas não iremos adquirir uma compreensão tendo apenas as representações mentais abstratas, generalizadas, da atuação recíproca. Só iremos obter uma compreensão se conseguirmos imaginar concretamente como o ser humano é estruturado, como tudo que está a seu redor participa de seu organismo.

Também só chegaremos a compreender o estado de sono se enfocarmos as coisas com mais exatidão. Considerem que no estado de sono só o corpo físico e o corpo etérico estão realmente presentes, como no estado de vigília; o eu e o corpo astral estão fora. De modo que, quando o ser humano está dormindo, só estão presentes o corpo físico e o corpo etérico. E só pode atuar nele – também sobre o corpo astral e o corpo calórico – o que é inerente ao corpo físico e ao corpo etérico. No organismo desperto podemos

ver, do que já foi dito, a ligação entre o eu, o corpo astral e o organismo todo. No sono, quando o eu e o corpo astral estão fora, temos, apesar disso, os quatro elementos do organismo humano: a sólida estrutura sustentadora, o organismo líquido, mas também o organismo aéreo, por intermédio do qual atua o corpo astral, e o organismo calórico, por meio do qual atua o eu. Eles estão dentro de nós e atuam organizadamente, assim como no estado de vigília existe a atuação organizadora do eu e do corpo astral. Em nosso estado de sono temos em nós, no lugar do eu que está fora, o espírito que permeia o cosmo, o qual, quando despertos, desalojamos por meio de nosso eu, que é uma parte dele. Portanto, temos nosso corpo calórico permeado pelo espírito cósmico e temos nosso organismo aéreo permeado pelo que podemos chamar de alma cósmica, astralidade cósmica, que expulsamos quando estamos despertos. De modo que, agora, também podemos observar os estados de virgília e de sono a partir desse ponto de vista. Durante o sono, nosso organismo calórico é atravessado pela espiritualidade cósmica que, ao despertarmos, expulsamos por meio do eu, que é uma parte dela, pois do acordar ao adormecer ele cuida do que é executado pela espiritualidade cósmica no organismo calórico. A mesma coisa acontece com a astralidade cósmica que expulsamos quando acordamos, dando-lhe novamente a possibilidade de atuar em nosso organismo quando adormecemos. Portanto, podemos dizer o seguinte: quando abandonamos nosso corpo, ao adormecer, deixamos o espírito cósmico entrar em nosso organismo calórico e deixamos a alma cósmica, a astralidade cósmica, entrar em nosso organismo aéreo.

Realmente é possível chegar a uma compreensão da relação do ser humano não apenas com o mundo físico ao seu redor,

mas sendo imparcial na observação do ser humano, também se consegue entender como ele tem uma relação com a espiritualidade cósmica e com a alma cósmica, a astralidade cósmica. Ao acordar, de certo modo o eu e o corpo astral entram no organismo humano; eles expulsam a espiritualidade cósmica e a alma cósmica, a astralidade cósmica.

Esse é o fato visto por um lado. Podemos observá-lo pelo lado cognitivo, e os senhores verão como as duas considerações irão se juntar. Via de regra, parte-se do pressuposto de que apenas chamamos de conhecimento aquilo que, do acordar ao amanhecer, vivenciamos cognitivamente, por meio da percepção, pela elaboração conceitual da percepção. Em verdade, é apenas por esse caminho que conhecemos o entorno físico do ser humano. Certamente, ao procedermos de modo científico-espiritual e não nos deixarmos levar por coisas fantásticas, não vamos, de imediato, ver algo de essencial nas imagens oníricas, não vamos buscar um conhecimento nos sonhos assim como o buscamos na representação mental desperta e na percepção. Mas, de certa forma inferior, o sonho é um conhecimento. Trata-se de uma forma especial de autoconhecimento físico. A grosso modo, já é possível ver como o ser humano sonha, de certa maneira, as condições interiores quando, digamos, acorda depois de ter sonhado com um forno quente cujo calor teve de ser suportado e, ao acordar, sente um calor interior ou algo análogo. Em geral os sonhos têm uma configuração bem determinada. Sonha-se com cobras quando alguma coisa não está em ordem com os intestinos. Sonha-se com quaisquer grutas em que é preciso se esconder quando se está com dor de cabeça, e assim por diante. Mas o sonho indica, de maneira nebulosa, algo para a vida orgânica interior do ser humano, e podemos falar de um conhecimento inferior da vida onírica. Isso pode intensificar-se quando, em pessoas

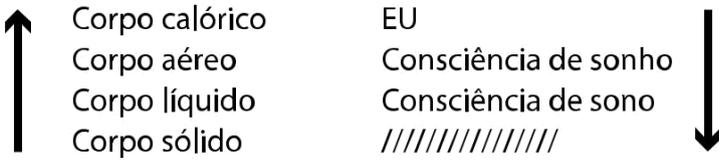
especialmente sensíveis, ocorrem nos sonhos espelhamentos muito exatos do organismo. Via de regra acreditamos que no sono profundo, no sono sem sonhos, não reconhecemos nada. Consideramos o sono sem sonhos insignificante para o conhecimento. Mas não é assim. Ele tem sua função cognitiva, só que é individual, pessoal, para o ser humano. Se não pudéssemos dormir, se nossa vida não fosse constantemente interrompida pelo sono, não conseguiríamos chegar a uma representação mental nítida do eu, a uma vida interior nítida. Vivenciariamos continuamente o exterior, e nele nos perderíamos totalmente. As pessoas só não dão a devida importância para isso porque não se habituaram a focar as coisas que vivenciam anímica e organicamente de modo realmente isento. Olhamos para trás; seguimos as imagens de nossas vivências até o ponto ao qual chegam as nossas lembranças. Mas toda essa corrente de manifestações é interrompida constantemente, a cada noi-te, pelo sono. Ele é desconsiderado quando nos lembramos do passado. Não nos damos conta de que, no fluxo de suas lembranças, o ser humano é constantemente interrompido pelo sono. O fato de ele ser interrompido faz com que, se bem que inconscientemente, além de avistarmos um campo preenchido, também avistamos um nada. Se tivermos aqui um campo branco, e no meio um campo preto, enxergamos o branco e no centro o preto (desenho em lousa preta), que em relação ao branco é o nada. No momento não nos importa que isso não esteja muito correto. Enxergamos a área preta, vemos que algo não foi preenchido pela cobertura branca, mas isso também é uma impressão positiva, mesmo que não seja uma impressão que coincida com as impressões do campo branco. O campo preto também é uma impressão positiva. De modo que, quando fazemos uma retrospectiva e nela não entra nada da-quele espaço de tempo em que dormimos, isso também é uma vivência positiva. Trata-se de uma vivência positiva quando

olhamos retrospectivamente e nessa retrospectiva sempre entra um “nada” que representa aquele espaço de tempo que passamos dormindo. Aquilo que experimentamos ao dormir também se encontra na retrospectiva, só que, em um primeiro momento, não está na consciência, pois esta só se orienta pelas imagens da vida vígil que permanecem. Mas essa consciência se fixa interiormente, porque no campo de visão interior, que olha para trás, também há espaços vazios; nossa consciência resulta desse fato, na medida em que ela é, justamente, interior. Nós nos perderíamos totalmente no mundo exterior se permanecêssemos constantemente despertos, se a vigília não fosse constantemente interrompida pelo sono. Temos uma consciência interior de nós mesmos por meio do sono isento de sonhos. Mas enquanto nosso sono repleto de sonhos nos espelha certas particularidades em forma de imagens caóticas, o sono sem sonhos nos dá a consciência de nossa integralidade humana como organismo, portanto também nos dá um conhecimento. Podemos dizer o seguinte: por meio da consciência desperta percebemos o mundo exterior. Por meio dos sonhos percebemos, evidentemente de forma crepuscular e difusa, particularidades dos nossos estados orgânicos interiores. Por meio de nosso sono sem sonhos temos conhecimento, evidentemente de modo indistinto e escuro, de todo nosso organismo, mas, por meio do sono, sabemos da integralidade de nosso organismo. Portanto, já temos três etapas cognitivas: o sono, o sono permeado de sonhos e a vigília.

Depois chegamos aos três estados superiores, os da imaginação, da inspiração e da intuição. Esses são, por sua vez, os estados superiores que estão acima da consciência desperta, que, por isso, também vão se tornando mais claros, que, como estados de consciência, também nos transmitem conhecimentos cada vez mais claros enquanto nós, ao descermos abaixo

da consciência comum, chegamos aos conhecimentos caóticos, mas que, sem dúvida, são necessários para a vivência comum.

Vejam, é dessa forma que as coisas se apresentam no campo da consciência. Não podemos dizer que apenas temos em nós a consciência vígil comum, como também não podemos dizer que apenas temos o organismo sólido comum. De fato, temos de dizer que temos o organismo sólido como algo que está nitidamente delimitado no espaço, de modo que, ao pensarmos de modo materialista, o compreendemos como o organismo humano. Temos de pensar que a consciência comum se apresenta de forma clara, que temos suas representações mentais com contornos definidos. Mas não podemos pensar que possuímos apenas o corpo sólido, nem que apenas temos a consciência diurna, mas, sim, que temos o corpo sólido impregnado pelo corpo líquido, o qual tem em si uma organização indistinta flutuante, e temos, por sua vez, a consciência diurna clara, nítida, impregnada pela consciência onírica, a qual não tem as imagens com contornos nítidos, e sim com contornos difusos, em que, de certo modo, a vida da consciência se torna líquida. E além do organismo líquido temos o organismo aéreo – o qual, quando estamos dormindo, é até mesmo suprido por outra coisa, e não por nós –, que, em verdade, só será passageiramente ligado ao nosso anímico no estado de vigília; mas temos isso em nós como um organismo especial. Temos mais uma terceira consciência, uma consciência obscurecida, a consciência de sono sem sonhos, na qual as representações mentais não só desvanecem, mas elas se apagam em escuridão interior, na qual, portanto, a consciência, de certa forma, deixa de ser vivenciada interiormente por nós como estado consciente, do mesmo modo como, em determinadas circunstâncias, quando dormimos, deixamos de vivenciar o corpo aeriforme.



Os senhores veem que tanto faz observarmos o ser humano interior ou exteriormente para chegarmos a considerações cada vez mais amplas sobre a entidade humana. Partindo do corpo sólido e seguindo para o corpo líquido, para o corpo aéreo, para o corpo calórico, acabamos entrando no anímico.

Partindo da consciência diurna clara, seguindo para a consciência onírica, acabamos entrando no corpo. E entraremos mais profundamente no corpo físico sabendo-nos dentro dele por meio da consciência de sono. Observando a consciência do ser humano em relação aos membros da sua consciência chegaremos à corporalidade. Quando observamos a própria corporalidade, de seu estado sólido até o estado calórico, acabamos saindo da corporalidade. Isso os leva à necessidade de, em primeiro lugar, não apenas aceitarem o que se apresenta inicialmente à observação exterior parcial. Nesta temos, de um lado, o corpo sólido ao qual nos prendemos pela forma de ver materialista, mecânica; e de outro temos o anímico que, em verdade, dá a impressão à consciência moderna de que ele é pleno de conteúdo apenas na vida diurna clara. Não se vai abaixo dessa consciência (eu), pois, descendo, chega-se ao corpo. Não se vai abaixo do corpo espiritual (corpo calórico), pois, descendo, chega-se ao corpo sólido. Porém observamos os dois, que não pertencem um ao outro: o corpo sólido, sem os corpos líquido, aéreo e calórico, a consciência diurna clara sem aquilo que, de fato, reflete a corporalidade interior, sem a consciência onírica e a consciência do sono.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

E agora, partindo da psicologia teórica, pergunta-se: como é que esse anímico-espíritual vive no físico? Ora, vejam, os senhores fazem isso. Considerem o seguinte: temos o corpo sólido, o corpo líquido, o corpo aéreo e o corpo calórico. Por meio do corpo calórico, o eu desenvolve a clara consciência diurna normal. Mas quando descemos, entramos na consciência onírica. Descendo ainda mais, chegamos à consciência de sono sem sonho. Daqui para baixo (tracejado no esquema a seguir) existe, como os senhores sabem, pela “ciência oculta”, mais um estado de consciência, que não vem ao caso agora. Ao nos perguntarmos qual é a ligação do que está escrito aqui à direita com o que é escrito à esquerda, vemos que os dois se encaixam, pois aqui se entra (seta esquerda) de baixo para cima na alma e, aqui, para dentro do corpóreo (seta direita); o da direita e o da esquerda se ajustam. Mas atualmente, no modo de ver exterior, praticamente só se olha para o corpo sólido e, por sua vez, só para esse estado de consciência (eu). Vemos então que o eu está pendurado no ar, e o corpo sólido está no chão, aí não se encontra uma relação. Leiam as teorias psicológicas atuais e verão que hoje se estabelecem as hipóteses mais absurdas sobre como a alma age sobre o corpo. Mas isso advém do fato de que só se observa uma parte do corpo, e depois se observa algo que está totalmente fora, observa-se uma parte da alma.



Que a ciência do espírito tenha de penetrar na totalidade, que ela, de fato, deva criar a ponte entre o corpóreo, de um lado, e o anímico, de outro, que ela realmente busque aqueles

estados nos quais o anímico se torna corpóreo e o corpóreo se torna anímico, isso irrita nossos contemporâneos que querem de toda maneira permanecer parados naquilo que o tacanho modo de observar exterior oferece. Amanhã continuaremos a falar dessas coisas.

Anexo 10 – A ponte entre a espiritualidade do mundo e o âmbito físico do ser humano

GA 202, 10^a Conferência, Dornach, 18 dez. 1920 (texto inte-gral – tradução de Crista Glas)

Ontem procurei trazer alguns aspectos sobre a constituição geral do ser humano, de modo que foi possível, no final, chamar a atenção para o fato de como, por uma apropriada observação global da natureza humana, pode ser construída uma ponte entre o que existe como organismo exterior do ser humano e o que desenvolvemos em nosso interior por meio da autoconsciência. Em geral não se cria essa ponte, ou en-tão ela é criada apenas de modo deficiente, especialmente deficiente na atual ciência exterior. E vimos que para a cons-trução dessa ponte deve estar claro como se deve observar o organismo humano. Vimos que tudo o que, atualmente, é de fato levado em consideração, pelo menos tudo que é observa-do com seriedade pela ciência exterior como tendo uma es-trutura, o sólido ou o sólido-líquido, só pode ser considerado como um organismo único; mas vimos que também temos de reconhecer um organismo líquido, um organismo aéreo e um organismo calórico. Desse modo obteremos a possibilidade de compreender como, neste organismo mais sutil, há a inter-venção daquelas partes da entidade humana que levamos em consideração habitualmente. Naturalmente tudo, até chegar ao calor, é corpo físico. Mas no corpo líquido, em tudo que é

organizado no organismo como líquido, há a interferência do corpo etérico; em tudo que é organizado como ar, há interferência do corpo astral, e em tudo que é organizado como calor é principalmente o Eu que interfere. Desse modo nos é possível, de certa forma, permanecer parados no corpo físico, mas dentro desse físico podemos subir até chegar ao espiritual.

De outro lado, observamos a consciência. Como eu disse ontem, geralmente se vê apenas aquela consciência que conhecemos no estado de vigília, do acordar até o adormecer. Nesse estado percebemos os objetos à nossa volta, os combinamos usando a nossa razão, também temos sentimentos em relação a eles, vivemos em nossos impulsos volitivos; mas vivenciamos todo esse complexo do estado de consciência como algo que, segundo suas características, é bem distinto de tudo que é físico, daquilo que é visto pela ciência física. E não é tão fácil criar uma ponte entre essas vivências não corpóreas que temos na consciência e as outras concepções, os outros objetos de percepção considerados pela fisiologia ou pela anatomia físicas. Mas, também em relação à consciência, na vida comum já conhecemos, além da consciência diurna comum, a consciência onírica, e ontem vimos como os sonhos são, essencialmente, imagens ou símbolos de processos orgânicos interiores. Constantemente ocorre algo em nós que se expressa nos sonhos em forma de imagens. Eu disse que sonhamos com cobras que serpenteiam quando temos algum incômodo nos intestinos; que sonhamos com um forno quente e, quando acordamos, temos taquicardia – o forno quente simbolizava o coração arritmico, as serpentes simbolizavam os intestinos, e assim por diante. O sonho nos leva para baixo, ao organismo, e no sono a consciência é obnubilada, e para o ser humano é, de fato, a vivência do nada. Ontem mostrei como se deve ter essa vivência do nada para, justamente, sentir-se ligado

à corporalidade. Como eu, não nos sentiríamos ligados com a corporalidade se não abandonássemos o corpo e o procurássemos novamente ao acordar e, desse modo, justamente por sentirmos a falta dele entre o adormecer e o acordar é que nos sentimos unos com nosso corpo. Somos levados pela consciência comum, que não tem nada a ver conosco a não ser nos proporcionar a percepção, a representação mental, à consciência onírica, que tem a ver com o que já está no corpo. Portanto, somos conduzidos ao corpo. E somos conduzidos mais ainda ao corpo quando entramos na consciência do sono sem sonhos. Assim podemos dizer: observamos o anímico de tal modo que ele nos conduz ao corpo; e observamos o cor-póreo de tal modo que, ao apresentar-se por intermédio do organismo líquido, do organismo aeriforme e do organismo calórico, o organismo vai se sutilizando, conduzindo-nos ao anímico. Realmente temos de ponderar sobre essas coisas se quisermos chegar a uma verdadeira cosmovisão que satisfaça o ser humano.

A grande pergunta que nos ocupa há semanas, à qual nos dedicamos repetidamente, a pergunta principal da cosmovisão humana é, em um primeiro momento: “Qual é a ligação do elemento moral, da ordem universal moral, com a ordem universal física?”. Já o dissemos várias vezes: a cosmovisão atual, que se apoia na ciência natural a fim de conhecer o mundo sensório exterior, que, quando se trata de algo que abranja o anímico – pois a psicologia já não o contém mais – só pode buscar um refúgio nas confissões religiosas mais antigas, essa cosmovisão não contém nenhuma ponte. De um lado está o mundo físico. Segundo essa cosmovisão, ele se formou a partir da nebulosa primordial. Foi dela que tudo se formou; e tudo voltará a ser uma espécie de escória cósmica. É isso que a atual orientação científica nos mostra como a imagem exte-

rior relativa a todo esse devir e que, afinal, caso se trate de um honesto cientista moderno, é a única coisa que parece real. Dentro dessa imagem o elemento moral, a ordem universal moral não tem lugar. Ela então existe por si, isolada. O ser humano recebe os impulsos morais em sua alma como impulsos anímicos. Mas se for assim como a ciência natural expõe, então tudo que se move e vive saiu da nebulosa primordial, e por último saiu o ser humano, e os ideais morais elevam-se do ser humano. Quando, então, o mundo tiver voltado a seu estado de escória, esse também será o grande cemitério para todos os grandes ideais morais. Eles terão desaparecido. Nem

é possível construir uma ponte, e o que é pior, nem é possível, se o ser humano não se tornar inconsequente, acrescentar a verdadeira moralidade à ordem universal por parte da ciência atual. Só se a ciência for inconsequente ela aceitará a validade da ordem universal moral. Mas se ela for consequente, ela não pode fazê-lo. Isso tudo resulta do fato de que, de um lado, só se tem uma espécie de anatomia do sólido, em que não se leva em consideração que o ser humano também tem em si um organismo líquido, um organismo aéreo e também um organismo calórico. Se imaginarem que, da mesma forma como os senhores têm em si um organismo sólido configurado, por exemplo, nos ossos, nos músculos, nos filamentos nervosos, os senhores também têm um organismo líquido, um organismo aéreo que, de fato, flutuam, são móveis em si e, além disso, ainda têm um organismo calórico, então será mais fácil os senhores compreenderem o que tenho para lhes apresentar das minhas observações científico espirituais.

Vamos imaginar que o ser humano se entusiasme por um elevado ideal moral. O ser humano realmente pode se entusiasmar interior e animicamente por um ideal moral, pelo ideal da simpatia, da liberdade, da bondade, do amor e assim

por diante. Em casos concretos, ele consegue entusiasmar-se por aquilo que é indicado por meio desses ideais. Mas, naturalmente, ninguém pode imaginar que, de acordo com a visão que a fisiologia e a anatomia têm dos ossos e dos músculos, o que sucede na alma como entusiasmo possa entrar nos ossos, nos músculos.

Mas ao se aconselharem devidamente consigo mesmos, os senhores descobrirão que podem imaginar muito bem – e de fato é assim – que, se o ser humano se entusiasmar por um elevado ideal moral, esse entusiasmo interior exercerá uma influência sobre o organismo calórico. E desse modo, já se está dentro do físico a partir do anímico! Portanto, pode-se dizer, ao citar esse exemplo, que os ideais morais se expressam por meio da intensificação do calor no organismo calórico. O ser humano não se aquece apenas animicamente, o ser humano – mesmo que isso não possa ser provado tão facilmente por meio de instrumentos físicos –, por meio daquilo que vivencia, se torna interiormente mais aquecido pelas ideias morais. Portanto, seu efeito estimula o organismo calórico.

Os senhores devem imaginar isso como um processo concreto: entusiasmo por um ideal moral: vivificação do organismo calórico. Há um grande movimento no organismo quando um ideal moral arde na alma. Isso, porém, também tem efeito sobre o restante do organismo. Além do organismo calórico que, de certa forma, é o organismo mais elevado do ser humano, também há o organismo aéreo. Este inspira e expira o ar; mas durante a inspiração e a expiração o ar está dentro dele. De fato, interiormente ele está em movimento, flutuando; mas não deixa de ser um organismo, é um verdadeiro organismo aéreo que vive dentro do ser humano, do mesmo modo como o organismo calórico. Quando o calor é estimulado por um ideal moral ele atua, por sua vez, no organismo aéreo, porque o calor

provoca um efeito em todo o organismo. O efeito sobre o organismo aéreo não é meramente um aquecimento, pois quando o calor que se torna ativo no organismo calórico age sobre o organismo aéreo humano, ele lhe transmite tudo o que não consigo denominar de outra forma senão de uma “fonte de luz”. De certo modo, germes de luminosidade são transmitidos ao organismo aéreo, de modo que os ideais morais que estimulam o organismo calórico provocam fontes de luz no organismo aéreo. Evidentemente essas fontes luminosas não se mostram luminosas para a consciência exterior, mas para a percepção interior essas fontes surgem no corpo astral humano. Inicialmente elas estão ligadas, se posso fazer uso desta expressão física, por meio do próprio ar que o ser humano tem em si. De certa forma, elas ainda são luz escura, do mesmo modo como o germe vegetal também ainda não é a planta formada. Mas pelo fato de o ser humano poder entusiasmar-se por ideais morais ou por fenômenos morais, ele carrega em si uma fonte de luz.

Temos mais um organismo, o organismo líquido. Enquanto o calor atua no organismo calórico e, partindo do ideal moral, provoca no organismo aéreo aquilo que podemos chamar de fonte de luz, que de início fica presa, fica oculta, o organismo líquido provoca – devido ao fato de que no organismo tudo se transmite – aquilo que mencionei ontem, que é a base dos sons aéreos exteriores. Eu disse ontem que o ar é apenas o corpo do som, e quem, por acaso, procura a essência do som nas vibrações aéreas sem mencionar mais nada, fala sobre o som da mesma maneira como se fala do ser humano mencionando apenas o corpo exterior visível. O ar, com suas vibrações ondulantes, não é senão o corpo exterior do som. No ser humano o som, o som espiritual, não é provocado pelo organismo aéreo, mas ele é provocado justamente pelo organismo líquido por meio do ideal moral. Portanto é aí que o som tem sua origem.

E de certa forma, o organismo mais compacto, portanto aquele que dá suporte a todos os outros organismos, é considerado organismo sólido. Neste também se desencadeia algo como nos outros organismos, só que no organismo sólido desencadeia-se o que podemos chamar de germe da vida, o germe etérico da vida, não o germe da vida física que se desprende do organismo físico feminino no nascimento, mas o que se desprende é o germe de vida etérico. O que vive como germe de vida etérico vive nas profundezas do subconsciente já como fontes do som e, em certo sentido, até aquilo que é a fonte de luz. Isso tudo está oculto para a consciência comum, porém está no ser humano.

Tentem lembrar-se de tudo que vivenciaram em sua vida quando dirigiram suas almas a ideias morais, seja por terem achado esses impulsos morais simpáticos quando os captaram como ideias, ou porque os senhores os tenham visto em outras pessoas, ou porque puderam sentir-se interiormente satisfeitos com seus próprios atos ao fazerem com que esses atos fossem aquecidos pelos ideais morais, tudo isso desce para o organismo aéreo como fonte de luz, para o organismo líquido como fonte de som e para o organismo sólido como fonte de vida. Tudo isso se desprende, de certo modo, daquilo que é consciente no ser humano.

Mas o ser humano o carrega dentro de si. Isso se liberta quando o ser humano se desprende de seu organismo físico ao morrer. O que é desencadeado em nosso organismo por meio de nossos ideais morais, justamente pelas ideias mais puras, de início não se torna fecundo, na vida entre a morte e um novo nascimento, desde que permaneçamos na vida das ideias e se tivermos certa satisfação com o que executamos moralmente. Mas isso tem a ver apenas com recordação, não tem nada a ver com o que entra no organismo por acharmos os ideais morais simpáticos.

De fato, vemos como todo nosso organismo, partindo do organismo calórico, é permeado pelos ideais morais. E quando, depois da morte, desprendemos nosso corpo etérico, nosso corpo astral e nosso eu do organismo físico, então somos atravessados, nos membros superiores da natureza humana, pelas impressões que tivemos. Nosso eu esteve no organismo calórico na medida em que nossos ideais morais vivificavam nosso próprio organismo calórico. Estivemos em nosso organismo aéreo, no qual foram implantadas fontes de luz, que, depois da morte, saem conosco para o cosmo. Em nosso organismo líquido, com o qual fluímos para o cosmo, estimulamos o som que se transforma em música das esferas. Ao passar-mos pelo portal da morte levamos para fora vida.

Nesse ponto, os senhores têm uma noção do que realmente é a vida que está esparramada pelo mundo. Onde estão as fontes da vida? Elas estão naquilo que estimula os ideais morais, que tem um efeito entusiasmante no ser humano. Chegamos à conclusão que nos leva a dizer que, quando nos deixamos inflamar por ideais morais, eles levam para fora luz e som e se tornam universalmente criativos. Levamos a criatividade universal para fora, e a fonte da criatividade universal é o elemento moral.

Os senhores veem que encontramos uma ponte quando observamos o ser humano global entre os ideais morais e aquilo que, vivificando o mundo físico lá fora, também atua quimicamente. Pois é o som que atua quimicamente que une as substâncias e as separa. E a luminosidade no mundo tem a sua fonte nos estímulos morais nos organismos calóricos dos seres humanos. Olhamos para o futuro, e lá se formam estruturas universais. E do mesmo modo como no vegetal, temos de retroceder ao germe que se encontra em nós como ideais morais quando olhamos para a configuração dos mundos futuros.

Observem agora as ideias teóricas, em contraposição aos ideais morais. Com as ideias teóricas, mesmo que elas tenham

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

um grande significado, acontece algo bem diferente. Nas ideias teóricas realmente notamos um desestímulo, um esfriamento do organismo calórico. De modo que temos de dizer: ideias teóricas esfriam o organismo calórico. É essa a diferença do efeito sobre o organismo humano. Ideais morais, ou aqueles que tendem à moral, à religião, aqueles que nos induzem ao entusiasmo, que se tornam impulsos para nossa atuação, agem de modo criativo no universo. Ideias teóricas atuam, em um primeiro momento, de modo desestimulante, esfriam o organismo calórico. Pelo fato de esfriarem o organismo calórico, elas também agem de modo paralisante sobre o organismo aéreo e agem de maneira paralisante sobre a fonte de luz, sobre o surgimento da luz. Elas também agem de modo a matar o som do universo e apagam a vida. Nas nossas ideias teóricas finda aquilo que foi criado no pré-mundo. Ao termos ideias teóricas, um universo sucumbe nelas. Trazemos em nós a extinção de um universo, trazemos em nós o desabrochar de um universo.

Ideais morais:

Criam fontes de luz no org. aéreo

Criam fontes de som no org. líquido

Criam germens de vida no organismo

sólido (etericamente)

Ideias teóricas:

(4) Esfriam o organismo calórico

(3) Paralisam a formação de luz

(2) Matam o som

(1) Apagam a vida

Aqui também está o ponto em que a pessoa iniciada nos mistérios do universo não pode falar, como muitos falam hoje, da conservação da energia ou conservação da matéria. Que a substância se mantém constante, simplesmente não é verdade. A substância se desfaz até atingir o ponto zero. Em nosso organismo, a energia se esvai até atingir o ponto zero, porque o nosso pensar é teórico. E não seríamos seres humanos se não pensássemos teoricamente, se o universo não morresse constantemente em nós. Por causa da morte do universo é que

somos seres humanos autoconscientes, que podem ter pensamentos sobre o universo. Mas pelo fato de o universo estar sendo pensado em nós, ele já é um cadáver. O pensamento sobre o universo é o cadáver do universo. Em nós, o universo só se torna consciente em forma de cadáver, e isso nos torna seres humanos. Portanto, um mundo passado morre em nós até se tornar matéria, até se tornar energia. Apenas porque logo em seguida nasce um novo universo é que não percebemos que a matéria passa e se forma novamente. No ser humano, a materialidade é levada ao fim pelo pensar teórico; a materialidade e a energia universal são reavivadas por seu pensar moral. É desse modo que aquilo que acontece no interior da pele humana interfere na morte e no nascimento do universo. É essa a maneira de o elemento moral e de o elemento natural se entrelaçarem. O elemento natural se desfaz no ser humano; no elemento moral surge um novo elemento natural.

Inventou-se a ideia da conservação da matéria e da energia porque não se quis olhar para essas coisas. Se a energia e a matéria fossem eternas, não existiria uma ordem universal moral. Hoje só se quer ocultar isso, e a cosmovisão atual tem todos os motivos para ocultar isso, pois ela tem de apagar a ordem universal moral, e esta se apaga quando se fala da lei da conservação da matéria e da energia. Pois se a matéria e a energia se conservam de uma forma qualquer, a ordem universal moral não passa de mera ilusão, de um espectro. Só será possível compreender todo o desenvolvimento do mundo quando se entender esse “espectro” – pois, antes de tudo, trata-se desse espectro, uma vez que ele vive nos pensamentos – da ordem moral surgem novos mundos. Contudo não se chega a esses resultados quando se leva em conta apenas os elementos sólidos do organismo humano, mas, sim, quando se vai além, pelos organismos líquido e aéreo até o organis-

mo calórico. A ligação do ser humano com o universo só será compreendida quando, de certo modo, se acompanhar o físico até a sua sutilização, sua rarefação, quando o anímico puder intervir nessa rarefação física como o faz no calor. Então ali se encontrará a conexão entre o corpóreo e o anímico. Por mais que se escrevam compêndios sobre psicologia e teorias sobre a alma, se elas partirem do que a anatomia e a fisiologia atuais consideram, não será possível encontrar a passagem do sólido, ou sólido-líquido, dos corpos que são imaginados como sólido-moles, para o anímico, que sequer aparece como anímico. Observando-se, porém, o corpóreo até se chegar ao calor, então poderá ser feita a ponte entre o que existe nos corpos como calor para o que age a partir da alma sobre o calor do próprio organismo humano.

O calor existe nos corpos exteriormente e o calor existe interiormente no organismo humano. Pelo fato de o próprio calor estar constituído no organismo humano, a alma, o anímico-espiritual, interfere no organismo calórico e, indiretamente, por meio do calor, há uma interferência em tudo que vivenciamos interiormente como moral. É claro que quando me refiro ao elemento moral não se trata apenas daquilo que os filisteus imaginam como moral, refiro-me a tudo que tem a ver com o elemento moral, portanto também aos impulsos que, por exemplo, recebemos ao contemplarmos a maravilha do cosmo ao dizer: nascemos a partir do cosmo, somos responsáveis pelo que ocorre no mundo ao nos entusiasmar para influenciar o futuro a partir do conhecimento da ciência do espírito. E ao considerarmos a própria ciência do espírito como uma fonte do elemento moral, podemos nos entusiasmar ao máximo por aquilo que é moral; o entusiasmo que atua a partir da ciência do espírito será, concomitantemente, uma fonte de elemento moral em um sentido mais elevado. Mas o que é usualmente

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

chamado de moral é apenas uma ínfima parte de tudo que é moral. Todas as ideias que temos do mundo exterior, das leis da natureza, são ideias teóricas. Podemos imaginar uma máquina o mais intensamente possível, de modo matemático-me-cânico, como também podemos imaginar o universo de modo matemático-mecânico no sentido do sistema copernicano: o que conseguimos desse modo, como ideias teóricas, é a força de morte em nós, é o cadáver de todo o universo que está em nós em forma de pensamento, de representação mental.

Essas coisas proporcionam, cada vez mais, a compreensão do todo, do universo todo. Não existem duas ordens, uma ordem da natureza e uma ordem moral, lado a lado, mas as duas são apenas uma só, e é disso que o ser humano atual precisa, do contrário ele ficará sempre na situação de perguntar: “O que estou fazendo com meus impulsos morais em um mundo no qual existe apenas uma ordem natural?”. A pergunta que tanto pesava nos corações do século XIX e no início do século XX era: “Como é possível uma transição do natural para o moral, do moral para o natural?”. Nada irá proporcionar a solução dessa pergunta angustiante sobre o destino, a não ser a compreensão científico-espiritual, tanto da natureza, de um lado, como do espírito, de outro.

Quando se tem as premissas que advêm desses conhecimentos, pode-se contrapô-las ao que se mostra em certos âmbitos da ciência exterior e que hoje também já passou para a consciência popular. Hoje, temos de reconhecer a cosmovisão copernicana como base da nossa cosmovisão. É verdade que a cosmovisão copernicana, que continuou a ser desenvolvida por Kepler, e que Newton transformou em teoria, foi desprezada pela igreja católica até 1827. Nenhum católico ortodoxo podia, até aquela época, acreditar nela. Desse então lhe é permitido acreditar nela. Mas ela entrou tanto na consciência

popular que hoje uma pessoa que não vê o mundo de acordo com a imagem de mundo copernicana é considerada tola.

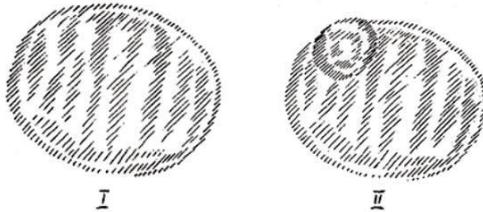
O que é essa imagem de mundo copernicana? Em verdade ela é elaborada com base em concepções e princípios matemáticos. Podemos, então, comparar essa imagem de mundo que, lentamente, foi preparada na cosmovisão grega, que ainda tinha resquícios de antigas orientações de pensamentos, como na cosmovisão de Ptolomeu, mas que continuou se desenvolvendo para o que hoje se ensina a toda criança como a imagem de mundo copernicana. A partir dessa imagem podemos olhar retrospectivamente para épocas antigas da Humanidade. Lá encontramos outra imagem de mundo. Desta só restou o que hoje ainda é guardado pelas tradições que também se apoiam em fundamentos bastante diletantes na forma como se apresentam hoje entre as pessoas, naquilo que existe como astrologia e coisas semelhantes. Isso sobrou como resto de uma antiga astronomia ou, provavelmente, também sobrou aquilo que ossifica, que endurece os símbolos, e coisas semelhantes das sociedades ocultas, da maçonaria e outros. Em geral as pessoas nem sabem que esses são os restos de uma antiga astronomia. Era uma astronomia diferente, era uma astronomia que não estava estruturada meramente sobre princípios matemáticos como a astronomia atual, ela surgiu por meio de visões da antiga clarividência. Hoje temos uma ideia totalmente errada da forma como a Humanidade do passado chegava às suas representações astronômicas e astrológicas. A Humanidade chegava a elas por meio de visões clarividentes instintivas do universo. Os povos pós-atlantes mais antigos percebiam configurações e seres espirituais nos corpos celestes, e o ser humano de hoje vê apenas configurações físicas nos corpos celestes. Nos povos antigos, quando se falava de corpos celestes, de planetas ou de estrelas fixas, falava-se de entidades espirituais. Hoje se ima-

gina o sol como uma bola de gases incandescente, imagina-se que ele irradia luz porque é uma bola de gás incandescente. Os povos antigos imaginavam que o sol era uma entidade, e aqui-lo que aparecia diante de seus olhos como sol, no fundo, era apenas a expressão exterior, corpórea, dessa entidade espiritual que pressupunham estar lá fora, onde se encontra o sol; e isso também é válido para outros corpos celestes. Eles viam entidades espirituais. Devemos imaginar que houve uma época, que já havia terminado muito tempo antes do Mistério de Gólgota, na qual tudo que estava lá fora, no universo, tudo que existia como sol, como estrelas, era imaginado como entidades espirituais; e que depois houve uma época intermediária na qual não se sabia muito bem como pensar tudo isso, na qual se via, de fato, os planetas como algo físico, mas se pensava que eles eram vivificados por almas. Nessa época, em que já não se sabia mais como o físico passa gradativamente ao anímico e como o anímico passa gradativamente ao físico, como, no fundo, ambos são um só, estabeleceu-se, de um lado, a existência de algo físico e, de outro, de algo anímico. E pensava-se os dois juntos, assim como hoje ainda pensa a maioria dos psicólogos: se é que aceitam algo anímico, pensam o anímico e o físico do ser humano unidos, e isso não pode levar a nada a não ser a um pensar absurdo. Ou, como supõe a paralelização psicofísica¹¹, - que não é nada mais senão um meio de informação absurda sobre algo que não se sabe.

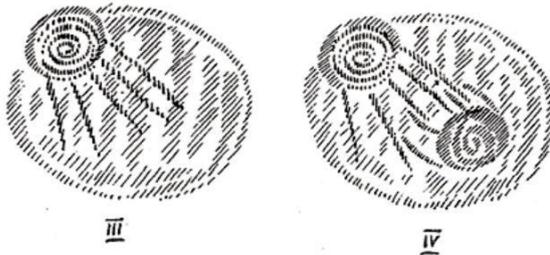
Depois veio a época em que os corpos celestes eram vistos como entidades físicas que gravitam ou ficam paradas, se atraem ou se repelem, e assim por diante, com base em leis matemáticas. Mas é verdade que em todas as épocas – nas épocas antigas era mais instintivo – havia conhecimento das coi-

11 Ver Gustav Fechner, *Elemente der Psychophysik* ("Elementos da psicofísica"), Leipzig, 1860; e Wilhelm Wundt, *Über psychische Kausalität und das Prinzip des psychischen Parallelismus* ("Sobre a causalidade psíquica e o princípio do paralelismo psicológico"), 1894.

sas como elas realmente são. Agora o saber instintivo não basta mais; deve ser conquistado de modo consciente o que antigamente se sabia de modo instintivo. E se perguntarmos como as pessoas que tinham condições de reconhecer o universo por meio de uma visão global, ou seja, de uma visão física, anímica e espiritual, imaginavam o sol como uma entidade espiritual (desenho 1). O iniciado pensava ser essa entidade a fonte de tudo que é moral. Ou seja, o que expus em minha Filosofia da Liberdade, que as intuições morais são hauridas dessa fonte, elas são hauridas da Terra. Reluzirão do ser humano, daquilo que pode viver como entusiasmo moral no ser humano.



Pensem quanto nossa responsabilidade aumenta ao sabermos o seguinte: se não existisse ninguém na Terra que pudesse se entusiasmar pela moral verdadeira ou, generalizando, por ideais espirituais em sua alma, não iríamos contribuir para a continuidade de nosso mundo. A força de irradiação (desenho 3) que está aqui na Terra age para fora, para o universo.



Evidentemente, ainda não é alcançado pela percepção humana comum o que vive como elemento moral no ser humano. Irradia para fora da Terra. Ora, se na Terra ocorresse uma época triste, em que milhões e milhões de pessoas sucumbissem pela falta de espiritualidade – nesse caso, pensa-se o es-piritual concomitantemente, inclusive o elemento moral, pois realmente é assim –, então, se existisse apenas uma dúzia de pessoas com entusiasmo moral-espiritual, a Terra, de fato, iria reluzir espiritual-solarmente. O que irradia só irradia até certa distância. A essa distância, a irradiação se espelha, de certa forma, em si mesma, e aqui surge o espelhamento da-quilo que é irradiado pelo ser humano. Esse espelhamento era visto pelos iniciados, em todas as épocas, como o sol. Pois não há nada físico, como eu já disse várias vezes. No ponto em que a astronomia exterior afirma haver uma bola de gás, existe apenas o espelhamento de algo espiritual que aparece fisicamente (desenho 4).

Os senhores podem ver como a cosmovisão copernicana e também a astrologia antiga estão distantes do que era o segredo da iniciação.

Provavelmente a melhor maneira de expressar como os fatos estavam ligados é ver, em uma época na qual aqueles grupos de pessoas que já detinham um grande poder achavam que essas verdades, como diziam, eram perigosas para os seres humanos e, portanto, não queriam que fossem divulgadas, que, em uma época assim, um idealista como Juliano¹², que foi chamado de “apóstata” porque queria divulgar essas verdades, foi assassinado. Existem, realmente, motivos que levam certas sociedades ocultas a não revelarem ao mundo os mistérios que permeiam o universo, pois assim elas podem exercer

12 Flávio Cláudio Juliano, o apóstata (331-363 d. C.), imperador romano de 361 a 363 d. C..

certo poder. Se na época do imperador Juliano certas sociedades ocultas cuidavam tanto de seus mistérios que mandaram matar Juliano, não precisamos nos admirar se os guardiões de certos mistérios, os quais não querem ver revelados, mas querem resguardá-los das multidões a fim de preservar seu poder, sentem ódio quando agora certos mistérios estão começando a ser desvendados. E assim os senhores têm noção dos motivos mais profundos que levam, no mundo, a tamanho ódio contra aquilo que a ciência do espírito se sente obrigada a divulgar para a Humanidade da época atual. Porém vivemos em uma época na qual a civilização humana corre o risco de sucumbir, ou de a Humanidade da Terra receber a revelação de certos mistérios: aqueles fatos que, de certo modo, foram preservados até hoje como segredos, que chegaram à Humanidade por meio da clarividência instintiva, mas que agora devem ser reconquistados por intermédio de uma visão totalmente consciente, não só em relação ao físico, mas também em relação ao espírito intrínseco a ele! O que é que Juliano, o apóstata, queria? Ele queria que as pessoas compreendessem que: “Vocês estão se acostumando, cada vez mais, a só enxergar o sol físico; mas existe um sol espiritual, do qual o sol físico é apenas o espelho!”. Ele queria, a seu modo, revelar ao mundo o mistério de Cristo. Mas pretende-se encobrir as relações de Cristo, do sol espiritual com o sol físico. É por isso que certos detentores do poder ficam furiosos quando se fala do mistério de Cristo relacionado com o mistério do sol. É aí que aparecem as mais variadas difamações. Mas os senhores veem que a ciência do espírito é um assunto importante para a época atual. Só quem a considera um assunto importante é que a considera com a devida seriedade.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

14. Bibliografia

BURKHARD, Daniel e MOGGI, Jair. **O capital espiritual das empresas**. São Paulo: Editora Antroposófica, 2001.

GALVÃO, Marcelo. **Muito além de um conto de fadas**. São Paulo: Editora de Cultura, 2010.

LEBER, Stefan. **Der Schlaf und seine Bedeutung**. Stuttgart: Verlag Freies Geistesleben, 1996.

LIEVEGOED, Bernhard. **O homem no limiar**. São Paulo: Editora Antroposófica, 2006.

STEINER, Rudolf. **Die Mission der Andacht**. Berlin, 28. Oktober 1909. IN: STEINER, Rudolf. *Metamorphosen des Seelenlebens: Achtzehn öffentliche Vorträge*, Berlin 1909/1910. GA 59. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1984a.

_____. **Die Mission der Wahrheit**. Goethes “Pandora” in geisteswissenschaftlicher Beleuchtung. Berlin, 22. Oktober 1909. IN: _____. *Metamorphosen des Seelenlebens: Achtzehn öffentliche Vorträge*, Berlin 1909/1910. GA 59. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1984b.

_____. **Die Mission des Zornes**. “Der gefesselte Prometheus”. Berlin, 21. Oktober 1909. IN: _____. *Metamorphosen des Seelenlebens: Achtzehn öffentliche Vorträge*, Berlin 1909/1910. GA 59. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1984c.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

_____. **Die Zukunft der Menschheitsentwicklung.**

Achter Vortrag, 25. Juni 1908. IN: _____. Die Apokalypse des Johannes. Ein Zyklus von zwölf Vorträgen mit einem einleitenden öffentlichen Vortrag gehalten in Nürnberg vom 17. bis 30. Juni 1908. GA 104. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1985.

_____. **Astralität und Egoität. Amfortas und**

Parzi-val. Siebenter Vortrag, 26. März 1913. IN: _____. Welche Bedeutung hat die okkulte Entwicklung des Menschen für seine Hüllen (physischen Leib, Ätherleib, Astralleib) und sein Selbst? Ein Zyklus von zehn Vorträgen gehalten in Den Haag vom 20. bis 29. März 1913. GA 145. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1986.

_____. **Dritter Vortrag,** Zürich, 11. Februar 1919. IN:

_____. Der innere Aspekt des sozialen Rätsels. Luziferische Vergangenheit und ahrimanische Zukunft. Zehn Vorträge, gehalten in Zürich, Bern, Heidenheim und Berlin zwischen dem 4. Februar und 4. November 1919. GA 193. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1989a.

_____. **Sechster Vortrag,** Berlin, 12. September 1919.

IN: _____. Der innere Aspekt des sozialen Rätsels. Luziferische Vergangenheit und ahrimanische Zukunft. Zehn Vorträge, gehalten in Zürich, Bern, Heidenheim und Berlin zwischen dem 4. Februar und 4. November 1919. GA 193. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1989b.

_____. **Der Weg des Christus durch die**

Jahrhun-derte. Kopenhagen, 14. Oktober 1913. IN: _____. Vorstu-fen zum Mysterium von Golgatha. Zehn Vorträge, gehalten 1913 bis 1914 in verschiedenen Städten. GA 152. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1990a.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

_____. **Die drei Vorstufen des Mysteriums von Golgatha.** Basel, 1. Juni 1914. IN: _____. Vorstufen zum Mysterium von Golgatha. Zehn Vorträge, gehalten 1913 bis 1914 in verschiedenen Städten. GA 152. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1990b.

_____. **Die soziale Dreigliederung als Forderung unserer Zeit.** Vierter Vortrag, Dornach, 6. Dezember 1918. IN: _____. Die soziale Grundforderung unserer Zeit. In geänderter Zeitlage. Zwölf Vorträge, gehalten in Dornach und Bern vom 29. November bis 21. Dezember 1918. GA 186. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1990c.

_____. **Soziale und antisoziale Triebe im Menschen.** Siebenter Vortrag, Bern, 12. Dezember 1918. IN: _____. Die soziale Grundforderung unserer Zeit. In geänderter Zeitlage. Zwölf Vorträge, gehalten in Dornach und Bern vom 29. November bis 21. Dezember 1918. GA 186. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1990d.

_____. **Wie kann die seelische Not der Gegenwart überwunden werden?** Zürich, 10. Oktober 1916. IN: _____. Die Verbindung zwischen Lebenden und Toten. Acht Vorträge, gehalten in verschiedenen Städten zwischen dem 16. Februar und 3. Dezember 1916. GA 168. Dornach, Schweiz: Rudolf Steiner Verlag, 1995.

TOLLE, Eckhart. **O despertar de uma nova consciência.** Rio de Janeiro, Editora Sextante, 2007.

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

VERSÃO DIGITAL GRATUÍTA

Na primeira parte do livro, o autor analisa de uma maneira mais profunda as causas dos grandes problemas que nos tempos atuais afligem a humanidade.

Externamente não sabemos por quanto tempo o planeta ainda vai aguentar antes de entrar em colapso, inviabilizando o espaço vital para futuras gerações.

Internamente, graças ao emergir de uma nova consciência, surgem na alma humana, cada vez mais, questões a respeito do significado dos fenômenos e do sentido da nossa existência.

A ciência natural tem mostrado uma evolução espetacular, mas se limita ao conhecimento cada vez mais profundo da matéria. No conteúdo do livro fica claro que as respostas para as nossas questões não podem vir da ciência natural.

A religião com seus dogmas, restrições e prescrições, que para muitos ainda pode ser um refúgio da alma, para outros não consegue mais responder às suas necessidades espirituais.

O resultado deste processo é um profundo sentimento de solidão que pode ser mais ou menos consciente para o seu portador. Solidão gera isolamento, e isolamento gera desconfiança e egoísmo exacerbado.

Acrescenta-se a isso o materialismo reinante e a perda dos preceitos morais, e temos o trio completo que causa os problemas em nosso processo de desenvolvimento humano.

Materialismo, egoísmo e perda dos preceitos morais são os fatores visíveis da questão espiritual que se encontra por detrás.

A humanidade está ameaçada pelo materialismo, pelo egoísmo e pela perda dos preceitos morais, tornando necessário o surgimento de escolas do altruísmo. A missão da escola do altruísmo busca e incorpora os conceitos da ciência espiritual para aplicá-los na prática da vida social terrestre.

A escola do altruísmo é um esforço na busca da integração da ciência material com a ciência espiritual. Somente as duas integradas podem solucionar as questões prementes para a sobrevivência da raça humana sobre a terra. A melhor forma para isso acontecer é a propagação do altruísmo que consegue integrar os aspectos espirituais com os aspectos terrestres.

São ideias que podem inspirar pessoas a tomar iniciativas nesse sentido. Já foi formado um grupo de trabalho de 12 personalidades escolhidas a dedo que está trabalhando no assunto. A situação é séria e a questão é sagrada demais para mais um modismo. Chegou a hora de criar coragem e atuar.

Agradecimentos para minha esposa Gudrun Burkhard, companheira de tantas batalhas ao longo de quarenta anos e que mais uma vez me deu o seu apoio para este livro poder sair.

Agradecimentos também para o grupo de pessoas que aceitaram o meu convite para em conjunto podermos fundar a primeira escola do altruísmo.



ANTROPOSÓFICA

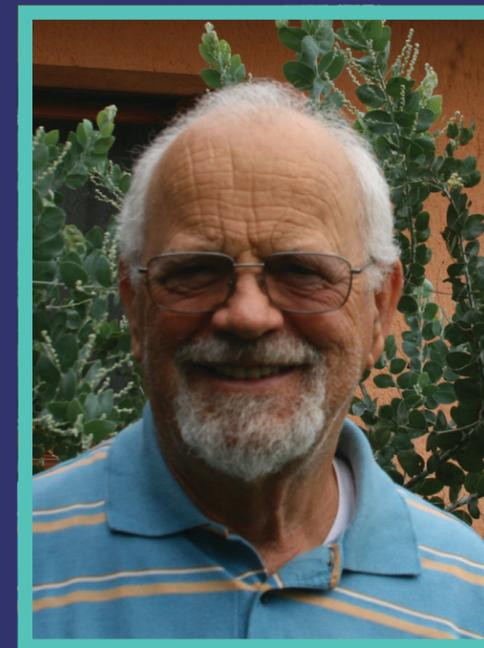
NOVA CONSCIÊNCIA

DANIEL BURKHARD



DANIEL BURKHARD

NOVA CONSCIÊNCIA ALTRUÍSMO E LIBERDADE



Daniel Burkhard, suíço, mora no Brasil há mais de 50 anos, fez uma formação técnica na sua terra natal e trabalhou como gerente de projetos em empresas alemãs e brasileiras. Tem formação em educação para adultos no NPI (Nederlands Pedagogisch Instituut) e especialização no Center for Social Development na Inglaterra.

Foi consultor para o desenvolvimento organizacional durante três décadas, cofundador do NPI do Brasil, do impulso biográfico, do movimento da Pedagogia Social, da Artemisia (centro de desenvolvimento humano) e fundador da ADIGO Consultores.

Dedicou-se durante cinco décadas ao estudo da Antroposofia ou Ciência Espiritual, sempre com a preocupação de traduzir os conhecimentos adquiridos para a prática da vida social dos tempos atuais.

ANTROPOSÓFICA